

Alessandro De Luca

***Constelações Familiares e Paradigma da
Complexidade: convergências e reflexões***

Fortaleza

5 de fevereiro de 2010

Alessandro De Luca

***Constelações Familiares e Paradigma da
Complexidade: convergências e reflexões***

Orientador:

Jakson Alves de Aquino

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Fortaleza

5 de fevereiro de 2010

Monografia de Bacharelado defendida por Alessandro De Luca e aprovada no dia 5 de fevereiro de 2010 em Fortaleza, estado do Ceará, pela banca examinadora constituída pelos doutores:

Prof. Dr. Jakson Alves de Aquino
Orientador

Prof. Dr. André Haguette
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Domingos Sávio Abreu
Universidade Federal do Ceará

Resumo

Esta monografia apresenta o Paradigma da Complexidade, elaborado por Edgar Morin, explorando de forma mais detalhada as diferenças e as implicações de um ponto de vista complexo aplicado à Sociologia do Conhecimento. Em seguida analisa o método das Constelações Familiares e os fenômenos empíricos que ocorrem durante sua aplicação. Finalmente, propõe algumas reflexões a partir das convergências entre os dois argumentos.

Sumário

Introdução geral.....	1
Parte I - Paradigma da Complexidade.....	4
Introdução.....	5
Capítulo 1: Introdução à Complexidade.....	7
O CIRCUITO TETRALÓGICO.....	7
TEORIA SISTÊMICA.....	8
PROPRIEDADES EMERGENTES.....	9
OUTRAS CARACTERÍSTICAS DOS SISTEMAS.....	10
Fechamento.....	10
Dualidade ontológica.....	10
Reduccionismo e holismo.....	11
Retroação.....	12
Lógica recursiva.....	12
Incerteza.....	13
Dialógica.....	13
UM NOVO MITO CIENTÍFICO.....	14
Emergências de emergências de emergências.....	16
O SUJEITO.....	17
A VIDA.....	19
CIBERNÉTICA.....	21
Capítulo 2: A condição humana.....	24
CULTURA.....	26

SEXUALIDADE.....	26
MORTE.....	26
INCERTEZA.....	27
Capítulo 3: A sociedade humana.....	29
PARA UMA SOCIOLOGIA COMPLEXA.....	30
Cibernética das sociedades humanas.....	31
Capítulo 4: Epistemologia complexa.....	33
O CONHECIMENTO ANIMAL.....	34
O CONHECIMENTO HUMANO.....	34
Limites e riscos.....	37
Sistemas de ideias.....	38
O themata e o sentimento de verdade	39
DO HOMEM À CIÊNCIA.....	40
NOOSFERA.....	41
Conclusão.....	43
Parte II - Constelação Familiar.....	44
Introdução.....	45
Capítulo 1: Uma constelação familiar.....	47
Capítulo 2: Considerações gerais sobre as constelações familiares.....	56
UMA TÉCNICA, DUAS NOVIDADES.....	57
FASES DE UMA CONSTELAÇÃO.....	59
CONDUTOR, CLIENTE, PARTICIPANTES, REPRESENTANTES.....	61
ORDENS SISTÊMICAS DA FAMÍLIA.....	65
Hierarquia.....	65
EXEMPLO 1.....	67

Pertencer.....	71
EXEMPLO 2.....	72
EXEMPLO 3.....	76
Equilíbrio das trocas ou dar e tomar.....	80
EXEMPLO 4	81
Conclusão.....	84
Parte III - Convergências e reflexões.....	85
Capítulo 1: Representações sistêmicas: um método complexo?.....	86
Capítulo 2: Origem das ordens sistêmicas e cibernética da família.....	93
Capítulo 3: Rumo a métodos complexos.....	97
ACEITAR.....	97
EXPOR-SE.....	98
CONHECER-SE.....	99
Conclusão geral.....	101
Referências Bibliográficas.....	103

Introdução geral

A Liberdade é sem dúvida meu *themata*¹ dominante. Nasci e fui educado em uma cultura de matriz católica que por séculos usou como seu cavalo de batalha o conceito de livre arbítrio, mas ao mesmo tempo assimilei os alicerces da modernidade no convívio social e na escola. Na adolescência estes dois componentes iniciaram a produzir um conflito em mim, pois o determinismo e o mecanicismo que aparecia cada vez mais claro como fundamento do mundo científico não deixava espaço à autonomia humana conferida por Deus; eu me perguntava: “Se todos os fenômenos no mundo são regidos por leis químico-físicas, então minha vontade, minhas escolhas são complicadíssimas combinações de eventos deterministas, que não deixam espaço para a liberdade”. Por outro lado, a experiência de estar vivo, de ser consciente e de poder escolher entre várias opções é um fato tão humano que não pode ser ignorado facilmente, mesmo em um sistema de ideias fechado como o determinismo. Até o descobrimento da Complexidade, nenhuma teoria, científica ou não, havia me proposto uma visão da liberdade, do homem, da ciência, da religião e da vida capaz de me ajudar a esclarecer meu *themata*. Estou apresentando a gênese deste trabalho em minha subjetividade pois, como terei oportunidade de demonstrar, no Paradigma da Complexidade o sujeito observador do mundo é inseparável do objeto observado; é a minha individualidade, subjetiva, familiar, social, cultural, religiosa, política, (é um *eu* que contém vários *nós*) que separa do *continuum* do real os fenômenos e os fatos para criar literalmente o objeto de estudo. A necessidade de introduzir desde o início a relação sujeito-objeto como elemento científico da pesquisa serve também como controle dos resultados em uma hipotética ciência complexa, que ainda não existe.

A monografia é composta de três partes que apresentam, respectivamente, o Paradigma da Complexidade, a Constelação Familiar e, na terceira parte, algumas convergências entre os dois primeiros assuntos. A escolha de separar um trabalho pouco extenso em três partes distintas foi devida à abordagem completamente diferente que as produziu: a primeira parte é uma revisão bibliográfica limitada quase exclusivamente a “O Método” de Edgar Morin realizada ao longo dos últimos dois semestres de faculdade; é, portanto, fragmentária e parcial, mas indispensável levando em consideração o fato de que esta teoria não pertence à

1 Ver página 37.

formação oferecida em nosso departamento. A segunda parte apresenta um fenômeno extremamente desafiador, com o qual tenho contato há cinco anos e que nunca consegui explicar → compreender² racionalmente antes de abordar a Complexidade; é o resultado, esta parte, de um conhecimento essencialmente empírico que, assim como a preparação acadêmica, transformou meu modo de ver e pensar o mundo. A terceira parte aponta para algumas convergências entre a visão complexa e os fenômenos vistos nas constelações familiares como exemplos, ainda primitivos e incompletos, de uma possível exploração do paradigma complexo.

É possível que os assuntos tratados e a maneira de expô-los possam ter produzido um texto fragmentado e incompleto; é o risco que decidi correr ao escolher a dúplice natureza deste trabalho, por um lado a apresentação de nada menos que um novo paradigma, que tem a presunção e a audácia de propor uma nova visão de mundo e uma *scienza nuova*³, por outro, o relato e a análise de um fenômeno que apresenta novos empirismos⁴ incompreensíveis e inexplicáveis por meio dos conhecimentos atuais. Este risco é em parte calculado, pois não vai fazer falta ao mundo acadêmico uma monografia tradicional sobre um assunto tradicional e, mais importante, os territórios inexplorados são mais perigosos, porém, mais promissores; sob outro ângulo, é impossível prever os resultados desta escolha que, como uma aposta, tem consequências imponderáveis. Mas existe uma outra consideração que me obrigou a decidir construir um estudo como este: não posso renunciar a me debruçar sobre conhecimentos-limite justamente porque trairia minha compulsão a conhecer – meu *themata* – mesmo se os resultados entram em contradição com o ambiente que possibilita esta busca. Por isso, faço minhas as palavras de Morin que, no início de sua empreitada, nos adverte: “é exatamente esta renúncia que aprendemos na Universidade. A escola da Pesquisa é uma escola do Luto. Todo neófito que começa a pesquisar é obrigado a renunciar ao saber. Ele é convencido de que a época de homens como Pico Della Mirandola terminou há três séculos e que agora é impossível de se construir uma visão do homem e do mundo. Demonstrem-lhe que o aumento das informações e a heterogeneização do saber ultrapassam qualquer possibilidade de gravação e de tratamento pelo cérebro humano. Asseguram-lhe que ele não deve lamentar, mas ficar feliz com este fato. Ele deverá, portanto, consagrar toda a sua inteligência a um saber específico. Integram-no a uma equipe de especialistas e, nesta expressão, 'especialista' e não 'equipe', é o termo predominante. Agora especialista, o pesquisador vê-se em posse

2 Na complexidade os dois termos estão ligados recursivamente.

3 (MORIN, 2005a, p.37)

4 Neste trabalho, uso a palavra empirismo com o seguinte significado: dado fenomenológico adquirido pela experiência, isto é, um fato observado.

exclusiva do fragmento de um quebra-cabeça cuja visão global escapa a todos. E então ele vira um verdadeiro pesquisador científico que trabalha em função da seguinte ideia motriz: o saber não é um produto a ser articulado e pensado, mas a ser capitalizado e utilizado de maneira anônima”⁵.

5 (MORIN, 2005a, p.25)

Parte I
Paradigma da Complexidade

Introdução

Esta primeira parte da monografia expõe o Paradigma da Complexidade assim como foi elaborado por Edgar Morin em seu “O método”. Esta obra, composta de seis volumes pensados e realizados em quase trinta anos de pesquisa, representa, sob certos aspectos, uma revisão enciclopédica dos conhecimentos científicos que são potencialmente capazes de renovar a própria ciência que os produziu. Aqui o termo “enciclopédica” não deve ser entendido como acumulação linear de saberes do A ao Z, de fato uma tarefa impossível hoje em dia, mas sim no seu significado etimológico de conhecimento circular (*en kiklos paideia*) que liga e religa todas as áreas científicas. Morin, por meio de “incursões e reconhecimentos”, foi capaz de tecer uma crítica profunda da produção científica moderna e contemporânea, fazendo dialogar teorias, ideias e concepções sobre o mundo, o saber, a vida, heterogêneas e aparentemente inconciliáveis. A intenção do autor é impulsionar um movimento de revisão, por um lado, e de descobertas, por outro, que possa se alimentar das novidades por ele alcançadas e continuar uma ação renovadora dos conhecimentos e das práticas científicas modernas.

No momento em que me preparo a apresentar a complexidade, estou ciente de um fato: Morin levou praticamente uma vida de experiências e estudos para elaborar esta visão agora definida, mas ainda não acabada, de um novo paradigma científico e cultural; eu me apoio intelectualmente a ele sabendo que uma parte do meu futuro trabalho será voltar às origens e continuar o movimento circular de incursões e reconhecimentos em outros saberes aparentemente distantes, mas a maior parte do esforço está projetada no futuro, porque um sistema de ideias⁶, como todo sistema, se reconhece pelas suas propriedades emergentes e não pelos elementos constituintes originários. Em outras palavras, serão as possibilidades e os resultados relativos a este paradigma que mostrarão sua importância ou sua insuficiência.

A visão de mundo, que encontra-se à base do surgimento da ciência, é geralmente indicada com a expressão “paradigma cartesiano-newtoniano” e pode ser resumida por meio de uma metáfora: o universo é um grande relógio que funciona segundo leis deterministas; para conhecer este mecanismo temos a disposição o método reducionista, isto é, podemos ter certeza que separando em partes os fenômenos observados chegaremos à explicação exaustiva

⁶ Sistema, sistema de ideias e propriedades emergentes são todos conceitos apresentados e analisados nesta primeira parte.

e completa não apenas destes, mas também do inteiro relógio. O homem possui a capacidade ilimitada de conhecer o grande relógio porque seu intelecto é considerado ontologicamente diferente e separado do mundo material. Em síntese, o sujeito observa seu objeto e, reduzindo-o em suas partes fundamentais, consegue conhecê-lo e, em seguida, manipulá-lo.

Basta observar apenas superficialmente as transformações científicas do século XX para compreender que o paradigma cartesiano original sofreu violentas mutações e foi obrigado a se adaptar a evidências impostas pelo normal (no sentido kuhniiano) decorrer das pesquisas. Ainda assim, podemos observar dois fenômenos que indicam como os passos dados não foram suficientes para superar aquele modelo: em primeiro lugar, no mundo científico talvez conseguimos amenizar o determinismo fechado, velho de cinco séculos, mas ainda não colmamos o abismo ontológico que separa as ciências exatas das ciências humanas. Por outro lado, observamos que o racionalismo que funda o desenvolvimento da ciência e dos seus métodos de análise, paulatinamente vazou das universidades e dos centros de pesquisa para se implantar nas mentes dos indivíduos não-cientistas e tornou-se a lente com a qual interpretamos os fenômenos coletivos e individuais, a relação com o mundo e com a nossa interioridade. O reducionismo, de científico, se tornou cultural. É claro que este fenômeno sociológico, que às vezes chamamos de desencantamento do mundo ou mal-estar da modernidade, não se reduz ao uso e abuso da razão analítica como única forma de explicação do mundo, mas é surpreendente que uma estratégia cognitiva que demonstrou um notável sucesso em um âmbito originariamente restrito, ganhou espaço onde não era bem vista (o senso comum).

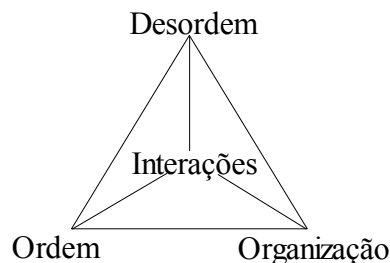
O que eu quero argumentar é que precisamos reconhecer o que ainda nos liga ao passado e que funciona de forma incontrolável porque invisível, não apenas nos departamentos das universidades, mas principalmente em nossas vidas como indivíduos que pertencem a uma espécie, a uma sociedade, a um ecossistema. O determinismo e o reducionismo animam ainda a estratégia cognitiva das sociedades modernas (sim, as sociedades conhecem!) e, em consequência, suas ações sobre nós indivíduos e o ambiente em que vivemos.

“O método”, vale a pena lembrar, não é de forma alguma um manual de metodologia. Uma nova estratégia de conhecimento, isto é, um novo método, tem chance de surgir de uma pesquisa que cria novos horizontes paradigmáticos, inatingíveis e invisíveis por definição, se o pesquisador tiver a coragem de explorar estes novos limites. Não há outras saídas: quem quiser chegar a um lugar desconhecido precisa tomar um caminho desconhecido e, neste caso, o caminho se constrói caminhando.

Capítulo 1: Introdução à Complexidade

O CIRCUITO TETRALÓGICO

A física não é uma ciência tão exata como parece. As possibilidades crescentes de estudar os campos da microfísica (moléculas, átomos, partículas subatômicas, campos eletromagnéticos) e da macrofísica (planetas, estrelas o universo em geral) levaram o mundo científico a se questionar sobre categorias consideradas absolutas; assim, a massa em nível subatômico confunde-se com a energia, tempo e espaço se relativizam, o universo não é fixo mas em expansão e começamos a aceitar alguns limites sobre as nossas possibilidades de conhecer (princípio da incerteza de Heisenberg). Mas são os conceitos de Desordem, Organização e Interações que podem operar o corte ontológico definitivo com um universo ordenado e determinista: com efeito, o modelo proposto por Morin resgata a qualidade da Desordem como propriedade intrínseca da *physis*⁷, e a associa à Ordem e à Organização em um circuito tetralógico



que, longe de explicar a essência da *physis*, ajuda a complexificar nossas ideias a seu respeito. Não é a Ordem, que se manifesta por leis deterministas, que está à base do real e da matéria, mas uma polilógica que pode ser explicada de forma recursiva, isto é, cada elemento precisa dos outros para adquirir sentido.

Assim, precisamos imaginar um universo “quente”, fervilhante, percorrido por energias incalculáveis que facilitam interações em contextos desordenados; surpreendentemente, e é esta a novidade científica, das interações desordenadas surgem de forma espontânea algumas formas de organização, ou seja de relações estáveis entre

⁷ A palavra *physis* é usada, dentro da obra de Morin, para indicar a natureza da natureza; evidentemente remonta ao conceito grego de matéria, mas serve aqui para descrever não apenas o suporte físico (que, como vimos, tão físico não é), mas também as propriedades organizacionais que este apresenta.

elementos, e, no interior destas organizações, a regularidade se transforma em determinismo e ordem. Segundo Morin (2005a, p.72) “para que haja organização, é preciso interações: para que haja interações é preciso encontros, para que haja encontros é preciso desordem (agitação, turbulência)” e (2005a, p.78) “a ordem só se desenvolve quando a organização cria seu próprio determinismo e o faz reinar em seu ambiente”. Foi, talvez, por causa de uma observação limitada que a ordem astral, observável em nosso sistema solar, pareceu à humanidade como a ordem suprema do universo e contribuiu à criação de um modelo “frio”, preciso, mecânico, inalterável do cosmo. De todo modo, o princípio de *order from noise*, “princípio de organização pela desordem” nas palavras de Morin, foi observado em diferentes contextos, não apenas astronômicos, e sempre onde uma grande quantidade de encontros aleatórios produz espontaneamente organização e ordem (por exemplo, nos ecossistemas vivos).

Colocar a Desordem no mesmo nível da Ordem significa, em primeiro lugar, negar o determinismo absoluto e, em seguida, reconhecer onde e como operam as leis que a ciência encontra estudando a *physis*; significa descobrir que “a desordem é a ecologia alimentadora de uma ordem e de uma organização que se desenvolvem” (MORIN, 2005a, p.88) e que a própria *physis* “é bem mais ampla e rica do que a antiga matéria: *ela dispõe de agora em diante de um princípio imanente de transformações e de organização: o circuito tetralógico*” (MORIN, 2005a, p.79).

TEORIA SISTÊMICA

Outra inovação de importância capital é a Teoria Sistêmica. O princípio sistêmico surge de uma observação muito simples, tão elementar que, se não fosse pelo conhecimento dos problemas paradigmáticos explicados por Kuhn (2007), eu teria dificuldade em compreender porque a ciência dominante recusou-se a admitir sua existência. A ideia de sistema surge quando se descobre que determinadas características de um objeto não se encontram nos elementos que o constituem, mas aparecem apenas no objeto completo; estas características são designadas como “propriedades emergentes” ou “emergências” e representam a demonstração firme, radical e definitiva que o método reducionista funciona apenas em âmbitos muito restritos de pesquisa e que seu pressuposto, isto é, a ideia que o todo se explica pelas partes, é falso. Se na ciência reducionista “a descrição de todo objeto fenomenal, composto ou heterogêneo, inclusive em suas qualidades e propriedades, deve decompor este objeto em seus elementos simples” (MORIN, 2005a, p.125), um ponto de vista

sistêmico reconhece que este “objeto”, agora entre aspas, é um ente organizado, “cuja explicação não pode mais ser encontrada unicamente na natureza de seus constituintes elementares, mas se encontra também em sua natureza organizacional e sistêmica, que transforma o caráter dos componentes”. (MORIN, 2005a, p.127) Este “objeto”, que sobrevive apenas no âmbito epistemológico, torna-se um sistema.

O sistema, portanto, pode ser definido como “uma totalidade organizada, feita de elementos solidários só podendo ser definidos uns em relação aos outros em função de seu lugar nesta totalidade” (SAUSURRE *apud* MORIN, 2005a, p.131) ou como uma “unidade global organizada de interrelações entre elementos, ações ou indivíduos” (MORIN, 2005a, p.132). Em síntese, reintroduzindo o circuito tetralógico, temos que ver o sistema como uma parte da realidade, da *physis*, que organiza seus elementos, quase sempre outros sistemas, em um equilíbrio entre ordem e desordem, tendo como efeitos 1) a reorganização permanente de si e 2) o aparecimento de propriedades emergentes. Segundo Morin (2005a, p.136), “o sistema possui algo mais do que seus componentes considerados de maneira isolada ou justaposta:

- sua organização
- a própria unidade global (o 'todo')
- as qualidades e propriedades novas emergindo da organização e da unidade global”.

PROPRIEDADES EMERGENTES

As emergências são as qualidades sensíveis de um sistema e possuem duas importantes características: são logicamente e fenomenalmente indedutíveis (se impõem como fatos e dados fenomenais) e fisicamente irredutíveis (é uma qualidade que não se deixa decompor e que não se pode deduzir de elementos anteriores). “A emergência constitui um salto lógico e abre em nosso entendimento a brecha por onde penetra a irredutibilidade do real.” (MORIN, 2005a, p.139).

Uma primeira e importante implicação que o conceito de emergência traz é que basicamente tudo pode ser visto como sistema: planetas, sóis, pedras, animais, plantas, artefatos humanos e, como veremos, ideias e teorias científicas; porém, é fundamental não cair em fáceis formalismos, isto é, aplicar sem uma verificação empírica a ideia de sistema à realidade fenomênica observada ou, pior ainda, observar o sistema como um todo sem saber relacioná-lo às partes que o compõem (holismo). Portanto, dizer que tudo é um sistema é uma afirmação correta, mas perigosa se não sabemos relacionar a ideia de sistema (que é uma

propriedade emergente da teoria sistêmica) com o sistema empiricamente observado (que é um objeto no sentido epistemológico de sistema observado) e, mais importante, se não temos a liberdade intelectual de alterar a própria teoria se esta não estiver apta a descrever a realidade fenomênica.

OUTRAS CARACTERÍSTICAS DOS SISTEMAS

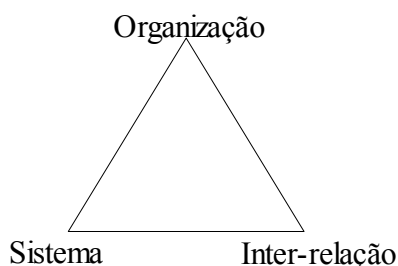
Fechamento

As primeiras teorias sobre os sistemas separavam sistemas fechados de sistemas abertos; o nível de fechamento e de abertura era avaliado observando a capacidade de trocar informações e substâncias de um sistema sem sofrer alterações. Segundo este pensamento, uma pedra é um sistema fechado, enquanto que uma célula é um sistema aberto. Morin propõe uma abordagem mais complexa ao problema do fechamento (MORIN, 2005a, p.169): segundo ele, dado que a integridade de um sistema deve-se à sua organização, fechamento e abertura aumentam paralelamente e com a mesma intensidade. Nenhum sistema é completamente fechado (a pedra sofre a atração gravitacional, o desgaste dos agentes químico-físicos) nem completamente aberto (a célula precisa se individualizar para existir e funcionar); aliás, à medida que um sistema, principalmente vivo, evolui, precisa se fechar e se abrir para manter-se vivo ou existente. É, portanto, o nível de atividade, ou auto-organização, e suas modalidades que importam no estudo de um sistema.

Dualidade ontológica

Assim, já podemos reconhecer uma espécie de dualidade ontológica (MORIN, 2005a, p.161) dos sistemas: sua organização representa o aspecto interior, que, dependendo do tipo de sistema, mantém sua existência e seu funcionamento; suas emergências aparecem ao exterior e são, como já indiquei, as “qualidades ou propriedades [...] que apresentam um caráter de novidade com relação às qualidades ou propriedades de componentes considerados isolados ou dispostos diferentemente em um outro tipo de sistema” (MORIN, 2005a, p.137). Em síntese, “a organização é a face interiorizada do sistema (inter-relações, articulações, estrutura), o sistema é a face exteriorizada da organização (forma, globalidade, emergência)” (MORIN, 2005a, p.182).

Em outros momentos, Morin insiste sobre a necessidade de observar e estudar um sistema não apenas como unidade global, mas como um resultado de um processo tríplice composto por



onde “a ideia de inter-relação remete aos tipos e formas de ligação entre elementos ou indivíduos, entre esses elementos/indivíduos e o Todo. A ideia de sistema remete à unidade complexa do todo inter-relacionado, às suas características e propriedades fenomenais. A ideia de organização remete à disposição das partes dentro, em e por um Todo” (MORIN, 2005a, p.134). Encontramos aqui um dos aspectos talvez mais difíceis de compreender a Complexidade: com efeito, em que difere exatamente o princípio sistêmico do método reducionista, se, para entender o sistema, precisamos novamente recorrer às suas partes? A resposta, neste caso, é dúplice: em primeiro lugar, as partes aparecem não somadas umas às outras, mas organizadas em um forma estável que permite relações precisas entre elas. Por outro lado, reconhecemos empiricamente que o sistema quase se confunde, fenomenologicamente, com algumas propriedades que emergem de sua própria organização, coisa ignorada por princípio no método reducionista.

Reduccionismo e holismo

Estas especificações são importantes para não cair em um outro tipo de reducionismo, o holismo (MORIN, 2005a, p.157), que “reduz” o sistema à sua aparência e ignora assim sua estrutura e funcionamento internos. Em seguida Morin nos lembra que “nem a descrição nem a explicação de um sistema pode se efetuar no nível das partes, concebidas como entidades isoladas, ligadas apenas por ações e reações. A decomposição analítica em elementos decompõe também o sistema, cujas regras de composição não são aditivas, mas transformadoras”. Provavelmente, é esta característica “transformadora” da organização sistêmica que distancia de maneira irreversível o reducionismo da complexidade; já falei das emergências e, em breve, introduzirei o conceito de retroação que será esclarecedor, mas acredito que já agora é evidente que a própria organização das partes cria e recria o sistema como um todo e, operando esta criação permanente, transforma as partes em elementos

organizados de uma unidade superior com características únicas e não presentes nestas partes. Apresento dois exemplos: o primeiro simples, quase elementar de um artefato humano, o segundo, mais complexo, a respeito da linguagem humana. Se consideramos um violão podemos conceber com facilidade que as partes que o compõem são organizadas para que o instrumento musical completo possa produzir determinados sons; as mesmas partes, organizadas de forma diferente, deslocadas em outras configurações não apresentam mais esta possibilidade (propriedade emergente); paralelamente, cada elemento está relacionado aos outros e assim deixa de ser uma simples parte (por exemplo um objeto de *nylon* filiforme) para se tornar uma parte relacionada às outras e ao todo (uma corda, neste caso). O segundo exemplo é mais complexo: uma frase é um conjunto de palavras que, combinadas de forma diferente, perdem o significado originário; assim, cada palavra (mas poderíamos dizer cada fonema) não apenas coproduz o sentido final da frase, mas adquire seu sentido específico, entre os vários que pode representar, apenas em relação à frase completa. À custa de parecer redundante, insisto sobre este aspecto para esclarecer, desde o início, os alicerces do princípio sistêmico e evidenciar suas diferenças com o pensamento reducionista.

Retroação

Uma outra reflexão fundamental que surge na teoria sistêmica é o conceito de retroação (*feedback*). Partimos de uma citação: “o sistema é ao mesmo tempo mais, menos, diferente da soma das partes. *Um sistema é um todo que toma forma ao mesmo tempo em que seus elementos se transformam*” (MORIN, 2005a, p.146 e 147). Vimos que um sistema é mais do que a soma das partes por conta das emergências, irreduzíveis e indedutíveis, que apresenta. Porém, contemporaneamente a esta observação, descobrimos que estas emergências retroagem sobre as partes e as transformam ou as ressignificam resultando na manutenção do sistema e, conseqüentemente, na manifestação das próprias emergências. Estas retroações superam o sistema, mas transformam, manipulam, limitam, exaltam as partes para manter este circuito retroativo ativo.

Lógica recursiva

Aqui reside a complexidade dos sistemas: do ponto de vista ontológico, são explicáveis de forma exclusivamente recursiva, isto é, por meio de um conceito “cujos produtos ou efeitos são necessários para sua própria constituição” (MORIN, 2005a, p.171). Voltando ao conceito de organização, que é um típico conceito recursivo, o definimos como “a relação das relações, ela forma o que transforma, transforma o que forma, mantém o que

mantém, estrutura o que estrutura, fecha sua abertura e abre seu fechamento; ela se organiza organizando e organiza se organizando” (MORIN, 2005a, p.171); de fato retomamos o conceito para explicar a si mesmo. Este tipo de lógica recursiva representa, do ponto de vista complexo, a necessidade de copiar no intelecto humano o fenômeno básico que dá vida aos sistemas: o circuito. Os circuitos, de informações, de matéria, de forma, de energia, representam o elemento cibernético fundamental que organiza as organizações complexas, do átomo até os sistemas de ideias e representa a origem daquele “salto lógico” que complexifica sem parar uma *physis* feita de ordem, desordem, organização e interações.

Incerteza

A incerteza é uma outra dimensão relativa à complexidade, que toma seu sentido mais completo quando se refere à condição humana e à epistemologia complexa, como veremos. Em relação ao princípio sistêmico, a incerteza do sistema (MORIN, 2005a, p.162) origina-se da dificuldade de isolá-lo de forma absoluta: existe sempre uma seleção operada pela nossa inteligência cognitiva que, de alguma forma, dá aos limites de um sistema um tanto de arbitrariedade. Em alguns casos este conceito tem poucas implicações; se, por exemplo, observo um ser vivo como uma árvore, dependendo de minha cultura, educação, conhecimentos, etc, posso saber ou não que as raízes pertencem ao sistema árvore; se observo uma célula ao microscópio, sempre em relação à minha individualidade cognitiva e ao instrumento que estou usando, posso escolher se ver o sistema célula, o sistema núcleo ou os sistemas mitocôndrias. Quando observo sistemicamente uma cidade, o que devo considerar exatamente? Seu território, seus edifícios, seus habitantes? E estes são os residentes permanentes ou todos aqueles que ali se encontram no momento da observação? E se eu pensar no sistema cidade em sua dimensão histórica, quem pertence e quem não? À medida que os sistemas se complexificam, aumenta a incerteza, seja epistemológica (nossa dificuldade de defini-los), seja ontológica (aberturas e fechamentos se complexificam e colocam a existência do sistema em risco, produzindo novas estratégias de sobrevivência).

Dialógica

Todas as características apresentadas aqui sobre o sistema necessitam, além da lógica recursiva, de um outro princípio lógico complexo que Morin indica com a expressão “dialógica”; esta não é a dialética filosófica que reuni duas teses opostas em busca de uma síntese, mas é uma unidade lógica complexa que relaciona duas ou mais lógicas que podem estar em conflito, em simbiose, em concorrência e/ou instaurar um outro tipo de relação. A

dialógica é um instrumento intelectual humano que precisamos desenvolver se queremos observar a natureza do ponto de vista sistêmico: à medida em que o intelecto humano se adequa à *physis* complexa, novas observações tornam-se possíveis e, como um circuito, transformam e complexificam a própria estrutura cognitiva para aprimorar a nova lógica complexa. Na seguinte passagem podemos sintetizar o sentido de dialógico e de complexo os quais, porém, devem constantemente ser atualizados conforme introduzimos outros elementos no paradigma da complexidade: dialógica “significa unidade simbiótica de duas lógicas que ao mesmo tempo se alimentam, competem entre si, parasitam-se mutuamente, se opõem e se combatem até a morte. [...] a dialética da ordem e da desordem se situa no nível dos fenômenos; a ideia de dialógico se situa no nível do princípio e [...] no nível do paradigma. [...] É preciso conceber uma relação fundamentalmente complexa, ou seja, ao mesmo tempo complementar, concorrente, antagonista e incerta entre estas duas noções” (MORIN, 2005a, p.105).

O princípio dialógico permite incluir na concepção de um sistema dinâmicas aparentemente impossíveis e racionalmente destrutivas (antagonismos) ou relações transformadoras cujos resultados se integram na própria organização do sistema (circuitos inibidores ou promotores). Por exemplo, uma estrela é um sistema físico que se autoproduz graças a duas forças opostas: por um lado a força centrífuga das fusões nucleares, pelo outro a atração gravitacional de massas imensas. A pressão que esmaga o núcleo da estrela aumenta a possibilidade de encontros forçados entre átomos e produz suas fusões, evento que libera grande quantidade de energia que aumenta as fusões em um ciclo estável até a morte da estrela, desencadeada pela falta de material físsil. A organização interna deste tipo de sistema combina, incita, reforça sua própria organização usando um antagonismo. Outros tipos de antagonismos são facilmente observáveis nos ecossistemas vivos, por exemplo entre espécies de carnívoros que se alimentam quase exclusivamente de uma espécie de herbívoros: a relação entre presa e predador, a nível individual é de oposição total, mas torna-se mecanismo de equilíbrio se consideramos o nível da espécie: a maior presença de predadores acarreta a diminuição dos exemplares de presas, que proporciona menos alimento para a espécie predadora, a qual se encolherá até encontrar um equilíbrio com suas presas. Segundo Morin, “*a unidade complexa do sistema simultaneamente cria e rechaça o antagonismo*” (MORIN, 2005a, p.152).

UM NOVO MITO CIENTÍFICO

Como estamos vendo, a distância entre o reducionismo e a complexidade aumenta, inicialmente, no nível ontológico. É a própria natureza da natureza que é concebida de forma diferente; no momento em que aparecem as primeiras observações sistêmicas (emergências, organização, desordem, ordem da desordem, etc.) os esquemas interpretativos e lógicos do paradigma cartesiano se enfraquecem e mostram sua inadequação enquanto “o modelo aristotélico (forma/substância) e o modelo cartesiano (objetos simplificáveis e decomponíveis) [...] não constituem princípios de inteligibilidade do sistema” (MORIN, 2005a, p.156). As elucidações da ciência reducionista coproduziram a sociedade em que vivemos e, portanto, coproduziram as informações e as teorias que se agitam agora em minha mente. Quando tomo consciência que estas informações, saberes, teorias e conhecimentos por um lado esclarecem e pelo outro escondem outras formas de compreensão da realidade (por exemplo a teoria sistêmica) entendo porque Morin afirma que estas elucidações “foram pagas com o obscurantismo” (MORIN, 2005a, p.157). Aqui poderia se adicionar toda a crítica aos efeitos e mal-usos da ciência e insistir sobre os problemas capitais e as crises que vivenciamos atualmente; não recorro a estas críticas porque podem facilmente ser escamoteadas pela lógica do sistema social que as produziu. É mais importante, neste momento, resumir as distâncias ontológicas que separam o paradigma reducionista do paradigma da complexidade.

Ciência reducionista	Complexidade
Objeto	Sistema
Forma	Organização
Substância	Partes
Unidade simples	<i>Unitax Multiplex</i>

Podemos compreender agora que a Complexidade é um novo olhar sobre a natureza da natureza que leva em consideração a ideia de uma realidade física potencialmente auto-organizante que, de forma imprevisível, apresenta saltos lógicos nestas organizações, as emergências, e continua, pelo menos sobre o nosso planeta, a evoluir nesta direção. A *physis* é, assim, uma máquina que produz complexidades, é um universo por grande parte vazio que apresenta ilhas de organização, as estrelas e os planetas, em um oceano de dispersão energética e física. Assim, sintetizando os primeiros dois volumes da obra em análise de Morin, podemos substituir a metáfora do relógio que descrevia o universo cartesiano com um novo mito científico sobre o universo complexo: o cataclismo inicial do nosso universo, cria

sois, planetas e todos os elementos que compõem a macrofísica. No nosso planeta, a matéria, presente sob forma de átomos submetidos a intensas energias, se organiza espontaneamente e produz uma emergência extraordinária: a Vida. Os seres unicelulares são dotados de todas as características da Vida: são auto-organizados, possuem uma linguagem interna de dupla articulação⁸ (DNA) que permite esta auto-organização e se reproduzem dando vida a uma eco-organização (a biosfera) em milhões de anos de duplicação, evolução, complexificação contínuas⁹. No interior das espécies vivas existem algumas etapas fundamentais que levam ao aparecimento do ser humano: 1) a separação vegetais/animais pois o animal é o ser vivo caracterizado por uma necessidade de se locomover originada da falta de autotrofia. A animalidade é a incessante busca de alimento, proteção, sossego, em constante fuga, caça, curiosidade 2) o aparecimento dos cordados, animais dotados de sistemas nervosos centrais cada vez mais complexos e autônomos no interior do organismo 3) o aparecimento dos mamíferos; com o cérebro mamífero, surge uma forma embrionária de inteligência emotiva, que se torna vantajosa evolucionisticamente e contribui para 4) o aparecimento dos primatas; estes, dotados de cérebro neomamífero, apresentam uma inteligência crescente, habilidades diferenciadas, formas de proto-sociedade, emotividade mais desenvolvida, e outras características que 5) o processo de hominização transforma em *homo sapiens-insapiens*.

Emergências de emergências de emergências

Portanto, o nível físico da *physis* (dos átomos às estrelas) é a base de onde emerge, em nosso planeta, o nível biológico. A vida está enraizada na matéria, não é uma propriedade externa que se associa à matéria não-viva; é a própria forma de organização interna dos primeiros seres auto-organizados, que complexificou-se e evoluiu em milhões de tipos de seres vivos diferentes. A existência humana pertence ao desenvolvimento da complexidade do nosso planeta, suas características (intelecto, sexualidade, história, etc.) são produtos complexos de um universo complexo, são emergências de emergências de emergências que alcançaram, até onde sabemos, o âmbito de complexidade máxima conhecido. A inteligência humana, sua consciência e todas as qualidades que pareciam propriedades transcendentais, ontologicamente separadas do mundo “natural”, colocadas pelo deus demiurgo em nossos

8 Uma linguagem de dupla comunicação é composta por poucos elementos simples que combinados produzem o significado final. DNA e linguagem verbal humana possuem ambas esta características: na primeira, combinações de apenas 4 nucleotídeos produzem todas as proteínas definindo a posição de 21 aminoácidos. Na linguagem humana, combinações de 20 a 30 sons (fonemas) dão vida a todas as palavras conhecidas que combinadas conseguem expressar significados incalculáveis.

9 Mas não ininterruptas: impactos de meteoritos e outros eventos destrutivos provocaram a extinção de milhares de espécies e impulsionaram a evolução de muitas outras.

corpos, não deixam de ser propriedades emergentes do processo de hominização. Também a dimensão sociológica humana deve ser vista como uma emergência da dimensão individual humana (a sociedade é composta por indivíduos e retroage sobre estes), mesmo se, como mostrarei, este nível elevadíssimo de complexidade perde a linearidade na produção de emergências e necessita de observações específicas.

Ontologicamente, a distância que separava o sujeito conhecedor do objeto conhecido no paradigma cartesiano, se reduz, dado que sujeito e objeto pertencem à mesma *physis*. Também reconhecemos que a separação entre as áreas científicas que funda e alimenta o reducionismo, perde seu sentido; de fato, Morin insiste em muitas partes de sua obra sobre a necessidade de reconectar física, biologia e antropossociologia segundo um ponto de vista complexo, para estimular as trocas entre estas áreas e reajustar o paradigma da complexidade segundo os novos conhecimentos que possam surgir. Enfrentarei este argumento no capítulo 4. Por enquanto basta lembrar que uma nova visão ontológica (o que é a realidade) afeta inevitavelmente a epistemologia (como nós conhecemos a realidade); por isso Morin inicia em 1977 sua pesquisa para “O Método” se questionando a respeito da natureza da natureza, título do primeiro volume, pois uma inovação neste campo obriga a revisar os conceitos e as práticas relativas ao conhecimento do conhecimento, que é analisado no terceiro volume.

O SUJEITO

O problema do sujeito ocupa um lugar chave no pensamento complexo por duas razões fundamentais: consegue tornar periférica a crença cartesiana sobre o sujeito como ser pensante separado da natureza e fornece as bases para uma nova visão sociológica complexa. Morin (2005b, p.204) nos lembra que “o *cogito* diz que a única coisa de que um praticante da dúvida não pode duvidar é da existência do 'eu' que duvida e que, no e pelo exercício desta dúvida, é um 'eu' pensante”. Porém, os conhecimentos que acumulamos desde a formulação desta concepção nos indicam que a mais simples organização unicelular, ainda que não possua um pensamento, é viva, existe como ser autônomo, se reproduz, toma decisões para se manter viva, em uma palavra apresenta uma forma de computação. “O ser celular é um ser computante” (MORIN, 2005b, p.182) e “pelo *computo* podemos restituir ao mais modesto ser vivo aquilo que lhe fora amputado, simultaneamente, pela cegueira pragmática da ciência 'objetiva' e pela cegueira mítica do orgulho humano: a qualidade de sujeito” (MORIN, 2005b, p.215). A ideia radical que Morin propõe é de superar o *cogito ergo sum* por um mais complexo *computo ergo sum* (MORIN, 2005b, p.214) que é capaz de descrever uma

qualidade viva mais essencial do que o pensamento: a computação. Mesmo assim, não podemos reduzir a qualidade de existência apenas aos seres vivos, dado que todos os seres produtores de si, os sistemas, pelo simples fato de possuírem ao menos uma modalidade fenomênica, existem.

O *computo ergo sum* não deve ser visto como uma nova lógica fechada, mas como a possibilidade de estender as qualidades de sujeitos aos seres não pensantes. O conceito biológico de sujeito, que servirá para enraizar o conceito psíquico, histórico, humano de sujeito, surge observando a reprodução de uma bactéria que dá vida a duas bactérias: “a diferença entre esses dois *alter ego* não é de estrutura, de organização, constituição; não é de identidade no sentido em que o termo identidade significa 'o mesmo' (*idem*); é de identidade no sentido em que o termo significa 'si mesmo' (*ipse*)” (MORIN, 2005b, p.187). Isto significa que a qualidade de sujeito implica a ocupação de um espaço computacional único que se torna ego-centro da vida daquele sujeito; todas as computações, decisões, movimentos, transformações acontecerão com referência a si. Obviamente, a subjetividade de uma bactéria não comporta a dimensão pensante que aparecerá em determinadas espécies evoluídas dotadas de sistema nervoso central, mas comporta as dimensões organizacional e cognitiva necessárias à vida. A individualidade, cabe lembrar, não pode ser confundida com a subjetividade; “o sujeito é o indivíduo, tal como ele se refere computacional, organizacional, ontológica e existencialmente a si mesmo e se autotranscende¹⁰ em ser para si” (MORIN, 2005b, p.223). A individualidade é uma questão fenomênica, a subjetividade é existencial, é uma “qualidade ou modalidade de ser” (MORIN, 2005b, p.200).

Além do conceito de computação que acabamos de analisar, outras duas ideias me parecem importantes para completar o discurso sobre a questão do sujeito; O princípio de exclusão (MORIN, 2005b, p.188) e a auto-transcendência (MORIN, 2005b, p.189). O primeiro nos indica que cada ser vivo, não obstante seja um exemplar perdido no oceano da própria espécie, é único, não apenas na combinação de genótipo e fenótipo, mas, principalmente, em relação à sua dimensão subjetiva: “é único para si mesmo”. A auto-transcendência significa que “o sujeito, colocando-se no centro do seu universo, eleva-se, ao mesmo tempo, acima do nível do seu meio e ultrapassa, para si mesmo, a ordem da realidade e a qualidade de ser dos outros seres”, isto é, torna-se capaz de distinguir si/não-si. Esta distinção está à base da ética complexa, no sentido de criação de valores e finalidades do sistema-sujeito¹¹.

10 A definição está no próximo parágrafo.

11 Um conceito menos filosófico utilizado por biólogos e psicólogos e que parece semelhante ao de auto-transcendência é o de “percepção do *self*”, testado empiricamente com o uso de um espelho: considera-se que

Como já indiquei, o conceito de sujeito biologicamente definido abre as portas para uma nova concepção do fenômeno social: com efeito, Morin considera os seres pluricelulares “indivíduos de segundo tipo” (MORIN, 2005b, p.226), ou seja, seres individualizados e dotados de uma subjetividade que aparece como propriedade emergente de um sistema vivo consistido por um número variável de células. Em determinadas espécies de plantas e animais, as interações entre indivíduos de segundo tipo retroagem sobre si e apresentam outras características inéditas não observáveis nos indivíduos; quando estas características significam uma nova auto-organização que comporta uma computação coletiva, aparecem os indivíduos de terceiro tipo, isto é, as sociedades. É necessário precisar que esta é apenas uma síntese introdutória ao problema sociológico complexo, pois o aparecimento de emergências neste nível de complexidade não é tão linear e esquemático como aparece aqui.

A VIDA

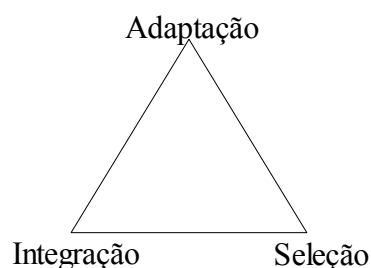
Quando se trata de seres vivos, existem dois tipos principais de organização sistêmica indicados com os prefixos gregos *oikos* e *autos* (MORIN, 2005b, p.84). *Oikos* refere-se à organização ecológica, composta por interações entre membros de diferentes espécies; *autos* indica a dimensão de um sistema individual, seu comportamento egoísta e auto-referente. Morin dedica grande parte de seu trabalho ao estudo destas formas de organização dado que a condição humana está enraizada no ecossistema planetário que a produziu, portanto suas características não escapam à lógica do sistema em que estão inseridas. Para os fins deste trabalho, é importante entender a diferença que separa um sistema auto-organizado (uma célula, um animal, alguns tipos de sociedade) de um sistema eco-organizado (uma floresta, a biosfera ou o próprio planeta); de início, observamos na biosfera vários tipos de interações entre os seres vivos que habitam um ecossistema e reconhecemos relações de: 1) complementariedade (associação, sociedade, simbiose, mutualismo, comensalismo) 2) concorrência (competição, rivalidade) 3) antagonismo (parasitismo, fagia, predação).

Sabemos que estas dinâmicas encontram espontaneamente um estado de equilíbrio e continuam mantendo-o e ao mesmo tempo evoluindo para outros níveis de estabilidade; ocorre, porém, uma flutuação entre uma *climax ecology* – ecologia estacionária – e uma *development ecology* – ecologia evolutiva – (MORIN, 2005b, p.51) onde a primeira representa o estado para o qual tendem os ecossistemas e a segunda os momentos de

os animais que se reconhecem num espelho são capazes de pensar em si próprios como objetos, o que é um pré-requisito para a evolução da linguagem.

passagem entre dois *clímax*. Ao contrário de sistemas auto-organizados, os ecossistemas não possuem um centro de controle nem um programa gravado em algum lugar para se manter vivos e, mesmo assim, o ecossistema terrestre alcançou um nível de complexidade impressionante. Morin (2005b, p.37) lembra que “a eco-organização é uma organização espontânea, [...] faz-se por si mesma, sem ser incitada ou coagida por um programa, sem dispor de uma memória autônoma e de uma computação próprias, sem ser organizada e ordenada por um aparelho de controle, regulação, decisão, governo.” e que (MORIN, 2005b, p.51) “a virtude suprema da eco-organização não é a estabilidade, mas a aptidão para construir novas estabilidades, [...] a aptidão da reorganização a reorganizar a si mesma de novas maneiras”.

Portanto, os ecossistemas apresentam a propriedade de tender ao estado estacionário e ao mesmo tempo de evoluir, mas a evolução, longe de ser uma seleção natural no sentido darwiniano, é um sistema de

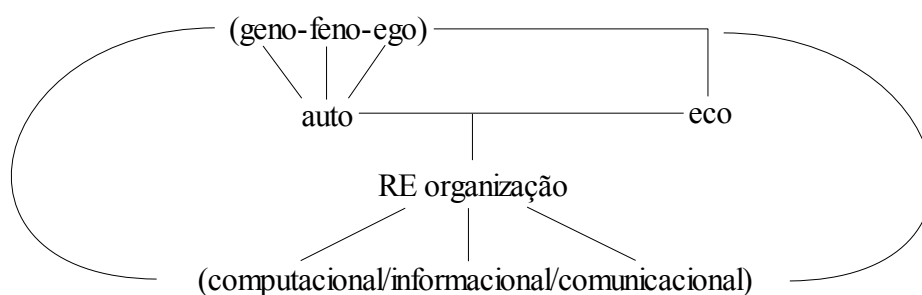


Vejamos: as auto-organizações interagem e dão vida ao ecossistema que, sendo um sistema superior e retroagindo sobre suas partes, seleciona as auto-organizações mais adaptadas; mas estas, que concretamente são os indivíduos das espécies do ecossistema, interferem nas outras espécies e mudam as regras de eco-organização (pois estas são descentralizadas), modificam as condições e a integração entre os vários elementos do ecossistema, portanto o adaptam às suas necessidades. É um processo em espiral que não é regido por uma lógica exclusivamente seletiva; não existe uma Natureza inteligente e onisciente que seleciona os elementos mais aptos a viverem nela; os elementos de um ecossistema são o ecossistema, portanto se transformam e o transformam em um movimento complexo e circular. Este é o princípio da eco-evolução (MORIN, 2005b, p.52), onde a adaptação, considerada como a “integração de uma (auto)organização numa (eco)organização” (MORIN, 2005b, p.67), atua como princípio evolutivo tanto quanto a seleção no sentido darwiniano.

Torna-se mais claro, agora, que as espécies, inclusive a nossa, evoluem ao evoluir do ecossistema que as sustenta e que existe uma relação holográfica¹² entre uma auto-

12 O princípio holográfico é um dos mais fascinantes apresentados por Morin, mas que decidi omitir, como vários outros elementos da complexidade, por não ser estritamente necessário à pesquisa; no texto,

organização e a eco-organização que a inclui. Morin (2005b, p.393) resume estas reflexões neste esquema



cujo significado fundamental é que “não é a organização viva que emana de um princípio vital; é a vida que emerge da organização viva”. Devemos também reintroduzir o tetragrama, visto no início, para complexificar o paradigma da complexidade que foi pensado para a realidade física, mas que agora precisa ser adaptado à realidade biológica; portanto, imaginemos o circuito tetralógico substituindo o termo “organização” com o esquema acima reproduzido que simboliza a organização viva.

Insistir sobre o significado e as modalidades de manifestação da vida nos ajuda a retornar, com elementos mais concretos, a ideia capital de emergência e nos permite vislumbrar as implicações que este conceito, agora mais encorpado, pode produzir. Lembramos que, segundo o dualismo cartesiano, matéria e espírito¹³ são separados, a *res cogitans* e a *res extensa* são duas substâncias diferentes e acopladas apenas nos seres humanos. Ao contrário, na complexidade não há dualismo, pois as características que eram agrupadas sob a denominação vaga de “espírito” tornam-se vida, consciência, mente, psique, e pertencem à mesma matéria – *physis* – que compõe planetas e estrelas.

CIBERNÉTICA

A cibernética é um exemplo de saber científico que não se restringe a nenhuma área específica; de fato, a ideia de cibernética surgiu para resolver um problema militar¹⁴ na época da Segunda Guerra Mundial, portanto em um âmbito técnico; foi introduzida nas ciências teóricas através da matemática e da física; tornou-se o alicerce da informática e da robótica; adquiriu um outro *status* quando os microbiólogos descobriram que por meio dela podiam explicar a vida celular; vazou nas ciências humanas graças ao trabalho pioneiro de

holográfico quer dizer que o todo está na parte assim como a parte está no todo.

13 O conceito de espírito é demasiado impreciso para ser usado na complexidade; refiro-me a seu significado no contexto cartesiano.

14 (MORIN, 2005a, p.227) O problema era conectar um radar a uma arma para calcular automaticamente a trajetória melhor sem intervenção humana.

pesquisadores brilhantes, e isolados, como Gregory Bateson. Em relação à complexidade, podemos dizer que a cibernética é “a união-mestre dos dois conceitos de comunicação e de comando” (MORIN, 2005a, p.309), pois ela deriva da necessidade sistêmica de tomar uma decisão (comando) com base em uma informação transferida ao centro que decide (comunicação) que também a elabora.

Morin reorganiza os conhecimentos sobre a cibernética segundo um ponto de vista complexo e parte de uma crítica pontual: segundo ele ocorreu uma subordinação da comunicação ao comando, excluindo a possibilidade que a comunicação pudesse tornar-se organizadora e criadora de informação” (MORIN, 2005a, p.309). Com efeito, a primeira cibernética dedicava-se a artefatos humanos e, paradoxalmente, foram estas primeiras observações que se tornaram chave de leitura do funcionamento celular e sistêmico em geral; ocorreu, então, uma inversão copernicana que colocava o artefato, produto de uma sociedade animal, como modelo da máquina viva, raiz ontológica da sociedade animal. Por causa desta subordinação da comunicação ao comando presente nos artefatos humanos, “a cibernética não se tornava a ciência da organização comunicacional, mas a ciência do comando pela comunicação” (MORIN, 2005a, p.291), isto é, dava os primeiros passos já mutilada por uma lógica reduzida a um só ponto de vista. “A cibernética, na falta de se extrair da órbita geral da máquina artificial, não pôde desenvolver a complexidade das ideias de retroação, causalidade, finalidade, informação, comunicação, que ela tinha tido o mérito de reunir em um conjunto articulado: ao contrário, ela expulsou daí as ambiguidades, recalcando a retroação positiva, ignorando a dialética das retroações, a causalidade complexa, as incertezas da finalidade; a informação aí significa pura e simplesmente programa; a comunicação aí significa transmissão” (MORIN, 2005a, p.307).

Em outras seções, Morin introduz a noção de aparelho para ligar conceitos organizacionais como informação, programa, comando, circuito e o define como um “arranjo original que, em uma organização comunicacional, liga o tratamento de informação às ações e operações. Desta maneira, *o aparelho dispõe do poder de transformar informação em programa, ou seja, em imposição organizacional*” (MORIN, 2005a, p.292). Quando esta imposição organizacional é vista externamente, como fenômeno emergente, podemos finalmente reintroduzir o problema da finalidade na ciência, que “se fundou e se desenvolveu extirpando de seu interior todo princípio de finalidade” (MORIN, 2005a, p.316). Com efeito, a finalidade chocava-se irremediavelmente com a causalidade do modelo mecanicista e representava uma forma de “providência” divina que o racionalismo devia erradicar da ciência. O problema da finalidade é muito mais complexo de quanto se possa analisar aqui,

mas o que é importante ressaltar agora é que foi “pela via da cibernética que a finalidade se reintroduziu no coração da teoria fundamental da vida. Com efeito, a cibernética oferece à biologia molecular [...] seus conceitos de código, programa, comunicação, tradução, controle, direção, inibição e, é claro, retroação” (MORIN, 2005a, p.317), isto é os elementos essenciais para enxergar a autonomia de um sistema em relação ao seu meio e, portanto, sua liberdade.

Capítulo 2: A condição humana

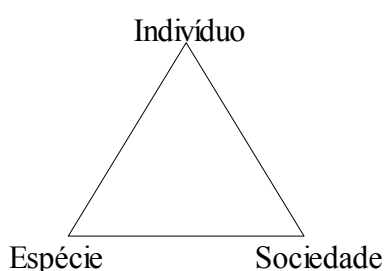
O ser humano é ao mesmo tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico (MORIN, 2006, p.12). Esta afirmação preliminar significa que o homem é um ser vivo complexo que possui um enraizamento físico devido à matéria que o compõe; é biológico porque esta matéria é organizada em um corpo vivo; determinadas características evolutivas permitem a emergência contemporaneamente de um psiquismo complexo, de uma organização social, de uma cultura e de um devir histórico. Estas últimas quatro emergências aparecem ao mesmo tempo na espécie humana e continuam complexificando a si mesmas e às outras em um processo circular. O humano, portanto, emerge do vivo e do animal e possui todas as características do vivo e do animal elevadas à máxima potência conhecida.

Vejamos: vivo significa auto-organizado e capaz de manter sua organização apesar das interferências do ambiente circunstante; significa ser completamente aberto e fechado e comporta uma dimensão cognitiva de si e do meio. Animal é um ser vivo mais evoluído que, perdendo a capacidade de produzir seu alimento, inicia a se deslocar; este limite → capacidade se evolui e se torna necessidade constante de resolver problemas de todo tipo, isto é, complexificar e flexibilizar o aparelho cognitivo. “O animal é muito mais do que um ser computante. É um ser competente, detentor de ricas potencialidades estratégicas no conhecimento e na ação. É um ser que combate e enfrenta ativamente os riscos e os perigos da existência e responde incessantemente pela ação à sua insuficiência fundamental” (MORIN, 2005b, p.237). O ser humano, segundo este ponto de vista, se depara com a mesma condição ecossistêmica que produziu a vida neste planeta, mas apresenta suas emergências de forma tão evoluída que, sem uma visão sistêmica, pode-se ter a impressão que sejam ontologicamente diferentes do resto da natureza. Os processos psíquicos, a autoconsciência, a percepção de si que cada um de nós pode experimentar, dão a ilusão de que exista uma “alma” ou um “espírito” dentro de nós que é a nossa própria essência; ao contrário, “a mente¹⁵ é uma propriedade emergente do aparelho cerebral que retroage sobre suas condições de formação” (MORIN, 2005c, p.88), é uma dimensão que, de forma embrionária, é presente em outros mamíferos evoluídos, mas se autonomiza apenas na espécie humana.

15 A palavra francesa *esprit*, usada no texto original, foi traduzida impropriamente com “espírito” embora o próprio Morin (2005e, p.38) afirme que, por uma carência de sua língua, quando escreve espírito, quer dizer *mind*. Assim, decidi substituir a palavra “espírito” com a palavra “mente” em todas as citações usadas na monografia.

Considerar o humano como uma série de emergências relacionadas entre si comporta reconhecer as retroações destas emergências sobre os níveis inferiores de complexidade. Assim, percebemos que a sociedade em que um indivíduo nasce retroage sobre ele passando-lhe todas as informações necessárias para sua vida (cultura, língua, etc.), impõe determinações e permite aberturas e liberdades. As ideias, as crenças e as opiniões de um indivíduo, seu nível psíquico, retroagem sobre a totalidade de sua vida, determinando a soma de suas escolhas, o uso de seu corpo, as relações com outros indivíduos. Em relação ao presente estudo, é importante considerar o fato de que “o indivíduo humano pode dispor da consciência de si, capacidade de se considerar como objeto sem deixar de ser sujeito” (MORIN, 2005e, p.39), isto é, uma capacidade reflexiva, fruto da complexificação dos processos neuro-psíquicos, que comporta notáveis implicações para a epistemologia complexa; nas palavras de Morin (2005c, p.135) “a consciência é a emergência do pensamento reflexivo do sujeito sobre si mesmo”. Voltarei a este assunto no capítulo 4.

Um outro ponto de vista complexo sobre o humano consiste em considerar o conceito tríptico (MORIN, 2005b, p.491) de



isto é, compreender de forma complexa (complementar, concorrente, antagônica e incerta) a relação que se passa entre estas três instâncias inseparáveis. O desafio, neste caso, é não reduzir um fenômeno humano a um dos três termos, ou seja, considerar que cada parcela de nossa vida se origina de uma determinação/possibilidade biológica, de uma sociológica e de uma subjetiva. Assim, temos que considerar que “o indivíduo realiza e atualiza a singularidade de um patrimônio genético, o qual conserva, transmite, multiplica a singularidade de indivíduos. O indivíduo não é um exemplar singular de um tipo geral; é a realização concreta de um processo de individuação. O indivíduo é específico no mesmo movimento em que a espécie é individualizante” (MORIN, 2005b, p.175). Mas a espécie *homo* não seria possível se, de forma descontínua na história, os indivíduos não se agrupassem em sociedades mais ou menos complexas, mais ou menos numerosas e duradouras; os indivíduos, também em relação à sociedade, representam a unidade sistemicamente menor, substituível, insignificante e, ainda assim, a única que pode acolher as

informações que reproduzem sua sociedade. O que permite a ligação destes três termos é a sexualidade, a cultura e a morte.

CULTURA

Morin define de várias forma o conceito de cultura; uma “organização emergente e recursiva dos sistemas sociais humanos” (MORIN, 2005d, p.19); “uma emergência propriamente metabiológica [...] que retroage enquanto tal sobre tudo o que é biológico no homem” (MORIN, 2005b, p.462); “um *genos* propriamente social” (MORIN, 2005b, p.272). O ponto de vista sistêmico é claro: a cultura aparece por conta da complexificação do tríplice conceito indivíduo/espécie/sociedade, não está nem nos indivíduos nem na biologia da espécie nem nas características de uma sociedade, é irreduzível a um dos três aspectos (existem primatas que também possuem uma complexidade tríplice mas não apresentam cultura). Isso implica que a cultura é o conjunto de informações, práticas e saberes que perpetuam a sociedade humana a qual precisa acumular as informações necessárias para sua manutenção reduzindo progressivamente a intensidade da evolução biológica. Este é o sentido de *genos* da sociedade; cultura não é os produtos sociais ou as práticas coletivas, é o DNA que mantém viva a sociedade.

SEXUALIDADE

A sexualidade, por outro lado, representa uma dimensão separada mas dependente da cultura. A cultura “impõe à reprodução biológica a sua organização e estabelece as regras da vida em comum” (MORIN, 2005e, p.170) e a reprodução biológica é o único meio para reproduzir a sociedade. Cria-se um ciclo recursivo entre normas e sexo que a antropologia descreveu extensamente e que, mudando em relação à sociedade e à época histórica, sempre fundam o núcleo originário das relações sociais. Sistemicamente compreendemos que a complexidade social e cultural da espécie humana retroage sobre a própria espécie, mais concretamente sobre os indivíduos e a reprodução sexuada que os caracteriza.

MORTE

A reprodução e a cultura devem ser integradas por uma nova visão da morte; com efeito, o que liga efetivamente a espécie aos indivíduos é a necessidade destes de ter uma

existência limitada. As condições planetárias sempre mutáveis e incertas, descartaram logo no início da experiência viva as estratégias auto-organizantes que não sabiam se reproduzir, isto é, que não eram capazes de se opor às condições adversas que ameaçavam, mas ao mesmo tempo permitiam, a vida. Portanto, a morte ou, dito de outra forma, a necessidade de morrer, surgiu com a vida e é à serviço da vida; sem a possibilidade de reprodução por substituição dos indivíduos, as espécies não existiriam e as estratégias de vida organizada perenes, se é que nunca existiram, já demonstraram seu insucesso. Assim, a reprodução e a morte surgiram ao mesmo tempo e produziram a separação entre indivíduo e espécie.

Não esquecemos que o nosso ego-centrismo facilita a percepção do indivíduo como elemento mais real da espécie, a qual pode correr o risco de parecer uma abstração teórica; mas, olhando para a espécie como um superorganismo que não possui unidade física, por quanto difícil e paradoxal possa ser, percebemos esta como ser mais real do que os indivíduos, transitórios e efêmeros. Esta troca de ponto de vista não é apenas um exercício de flexibilidade mental, mas nos mostra que, para os fins evolutivos da vida, é mais provável que as necessidades da espécie prevaleçam sobre as necessidades dos indivíduos; para nós humanos, que apresentamos uma complexidade superior à de nossa espécie¹⁶, que temos uma autoconsciência, que podemos sofrer e nos perguntar o sentido de nossa existência, esta situação pode facilmente ser incompreensível e insuportável. É, talvez, neste contexto de desenvolvimento da complexidade da vida, que adquire um significado complexo a condição humana.

INCERTEZA

Em conclusão, e reorganizando os conceitos expostos até agora, podemos com um alto grau de certeza declarar essencialmente incerta a condição humana: somos, com efeito, produtos transitórios e frágeis de um processo improvável que desenvolve-se neste planeta há milhões de anos, que chamamos vida; nossa autoconsciência é a última emergência de inúmeras outras que a precederam e depende de equilíbrios físicos, biológicos e psíquicos instáveis e continuamente atacados por alterações mortíferas, internas e externas; vivemos sobre um planeta que gira ao redor de uma bomba atômica natural no vazio cósmico, que apresenta mudanças climáticas e geológicas, às vezes repentinas e destrutivas, que podem colocar em risco nossa própria existência adaptada a determinadas condições. Muito mais do

¹⁶ Que seja claro: a espécie humana é um nível sistêmico superior, mas os indivíduos são mais complexos do que a sociedade.

que isso, simplesmente não sabemos o que está acontecendo, queremos, mas não podemos imaginar o sentido último do universo; mesmo quem acredita em uma verdade revelada, que dá sentido e ordem ao real, pode olhar para todas as outras que se passaram, em outras épocas e culturas e perceber a transitoriedade destas crenças, que respondem mais à nossa necessidade de certeza que a capacidade de aceitar a incerteza. A incerteza, a meu ver, é saudável porque cura os delírios do indivíduo e da sua tendência a ver o mundo de um único ponto de vista e coloca nossas ações e nossos pensamentos em uma perspectiva mais racional e realista.

Capítulo 3: A sociedade humana

Como vimos, uma sociedade de indivíduos é considerada um novo tipo de indivíduo, definido de terceiro tipo ou de terceiro grau (MORIN, 2005b, p.263). O nível societal é presente em muitas espécies de plantas e de animais além da nossa e Morin nos lembra que, em alguns casos (formigas, cupins, abelhas), a auto-organização do indivíduo de terceiro tipo alcança a mesma complexidade dos indivíduos que lhe dão vida, fenômeno que não acontece em nossa sociedade. Para explicar esta afirmação preciso lembrar que a complexidade não se desenvolve linearmente, isto é, cada nível sistêmico que surge como emergência do precedente não é necessariamente mais complexo; por exemplo um átomo de oxigênio é muito mais complexo do que a molécula de água que o contém, pois o átomo é um sistema por 99% vazio que consegue dominar altas energias em um modelo planetário dinâmico, enquanto que a molécula de água é um sistema composto por três elementos estáveis que se combinam interagindo superficialmente. Da mesma maneira compreendemos que um indivíduo humano (mas isso valeria para muitos animais) é incomensuravelmente mais complexo que a sociedade em que vive; é no indivíduo que se desenvolvem todas as características mais elevadas de inteligência, memória, imaginação e, principalmente, a autoconsciência. Hoje estamos inseridos em uma sociedade global de quase sete bilhões de indivíduos que apresenta um nível de complexidade nunca visto antes, mas comparável às organizações sociais de outros momentos históricos; ainda assim as emergências humanas que aparecem nos indivíduos são mais complexas do que a complexidade social.

Segundo Morin (2005b, p.266) as “sociedades animais são entidades do terceiro grau. Apresentam traços de auto-organização, traços de individualidade, traços de auto-referência e de autocentrismo. Mas a autonomia desses caracteres emergiu mal, ou fracamente, em relação à auto-organização e à individualidade de segundo tipo”. É surpreendente que as sociedades de insetos que chegaram a um nível de individualização e autonomia maior que seus indivíduos, conseguiram isso eliminando a capacidade reprodutiva destes em prol de uma reprodução centralizada e controlada; o mesmo ocorre com os seres pluricelulares em relação às células individuais.

Resumindo, “as sociedades formam-se a partir de interações comunicadoras/associativas entre animais dotados de um sistema nervoso e de um sistema de reprodução

sexual; [...] o fenômeno social emerge quando as interações entre indivíduos do segundo tipo produzem um todo não-redutível aos indivíduos e que retroage sobre ele, isto é, quando se constitui um sistema” (MORIN, 2005b, p.264). Em nossa espécie precisamos complexificar esta ideia porque a sociedade humana não é um fato biológico inato; em outras espécies de mamíferos, que apresentam uma proto-sociedade, os laços sociais são geneticamente programados e baseiam-se muito pouco em aprendizagem ou comportamentos adquiridos após o nascimento. Os seres humanos precisam de um grupo social que assegure sua sobrevivência pelos primeiros anos de vida, que repasse um sistema de comunicação e uma educação, no sentido mais amplo do termo, para que os indivíduos se tornem sujeitos humanos; em outras palavras não é suficiente a vida biológica para sobreviver, nós precisamos de uma vida cultural. É neste sentido que Morin define a cultura como “*genos* da sociedade” ou como “capital social”; o fato fundamental para nós é que a cultura é uma emergência social, mas se manifesta apenas nos indivíduos e nas relações parciais e efêmeras que estes criam ao longo de suas vidas. “Enquanto o indivíduo do segundo tipo adquire uma memória, um saber, uma experiência propriamente pessoal, que acentua e aumenta a sua individualidade, será necessário esperar pela hominização para que uma sociedade, que por isso mesmo deixa de ser [apenas] animal, constitua e desenvolva um capital propriamente social, transmitindo por aprendizagem a cada um dos seus membros, regras, normas, receitas, interdições e que designamos por cultura” (MORIN, 2005b, p.267).

PARA UMA SOCIOLOGIA COMPLEXA

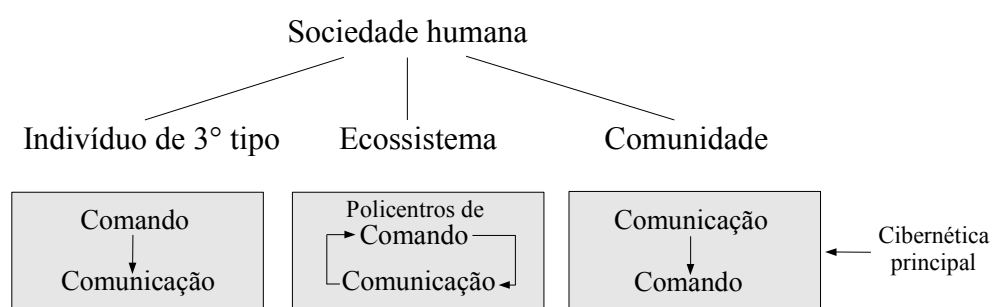
Qual é a complexidade específica da sociedade humana moderna? Para responder a esta pergunta precisamos lembrar as duas formas de organização, ecológica e autológica, que constituem dois extremos possíveis; a primeira é uma organização acêntrica ou policêntrica, que existe sem um centro computacional; a segunda emerge quando um aparelho único se encarrega de gerir a estrutura organizacional do inteiro sistema. Paralelamente a estes dois modelos, temos de lembrar que o comando e a comunicação são dois aspectos sistêmicos interligados e ambos necessários à vida de um sistema; porém, vimos que seja na cibernética, seja em nossa cultura, há uma tendência a subordinar a comunicação ao comando (que confundimos com o “poder”), escondendo a possibilidade de uma organização baseada na comunicação e que usa e é usada pelo comando de forma paritária e não desigual. Por isso Morin (2005a, p.311) nos lembra que “a ideia de cibernética – arte/ciência do comando – pode se integrar e transformar em si-bernética, arte/ciência de pilotar junto, em que a

comunicação não é mais um utensílio do comando, mas uma forma simbiótica complexa de organização.”

Cibernética das sociedades humanas

Levando em consideração estes pressupostos, observamos que “a organização social parece obedecer a uma dupla tendência: por um lado, uma tendência quase 'ecológica' onde as interações 'espontâneas' entre os indivíduos comportam não só complementaridades e solidariedades, mas também concorrência, antagonismo, desordens; por outro lado, uma tendência quase 'organicista' para integrar os indivíduos como um organismo integra as suas células” (MORIN, 2005b, p.268). Estas duas tendências se manifestam completamente em uma sociedade de massa, organizada em estados centralizados: por um lado, a complexidade elevada dos indivíduos e seu grande número dão vida a fenômenos de auto-organização, desconhecidos em sociedades indígenas composta por poucas centenas de indivíduos; por outro lado, a existência de uma organização centralizada, o estado, e a própria emergência da qualidade de sujeito do indivíduo societal, produz uma força centrípeta que visa a ordenar e organizar o ecossistema interno de forma mais controlada e auto-cêntrica.

Elaborando um pouco mais este modelo e introduzindo os conceitos cibernéticos de comando e comunicação, podemos ver que “nossas sociedades são simultaneamente entidades de terceiro tipo (nação/Estado), ecossistemas sociais produzidos pelo jogo dos interesses egoístas e comunidades (*Gemeinschaft*) transubjetivamente integradas” (MORIN, 2005b, p.279), o que pode ser representado graficamente assim:



A relação entre estes três estilos organizacionais é complexa, principalmente no interior da sociedade globalizada de hoje. Podemos, com efeito, considerar indivíduos de terceiro tipo, não apenas a sociedade como um todo, mas qualquer grupo de indivíduos de segundo tipo organizados em uma estrutura que apresenta autonomia em relação a eles; assim por exemplo, as empresas corporativas, que são juridicamente reconhecidas como indivíduos, de fato são inteligências autônomas e independentes dos seus proprietários, administradores ou

funcionários, os quais mudam e são selecionados para atender à lógica do lucro, que deu vida à legislação corporativa, e às regras econômicas e financeiras.

Estes modelos de organização social reintroduzem uma das questões fundamentais enfrentadas pela sociologia: o domínio. A dominação deve ser vista aqui como a capacidade de comandar um sistema sem sofrer sua reação e se manifesta internamente e externamente ao sistema social. É incrível como o mecanismo principal de coerção, já vimos isso, seja sempre ligado à sexualidade; com efeito, “a espécie humana inaugura novas formas de dominação e sujeição que se efetuam pelo controle da reprodução e dos aparelhos de reprodução de animais e plantas (castração, cruzamentos, sementes)” (MORIN, 2005a, p.300). Da mesma forma a retroação da sociedade sobre seus componentes se efetua pelo controle da sexualidade, entendida como sistema bio-cultural da reprodução humana. Em síntese, o primeiro e mais importante meio de retroação interna (organização) e externa (finalidades) que as sociedades humanas apresentam é o controle da vida e da reprodução da vida.

Capítulo 4: Epistemologia complexa

A crítica moriniana ao saber científico torna-se mais aguda quando este saber mostra os limites em relação à sua própria análise. Segundo o pensador francês (MORIN, 2005d, p.85), “o conhecimento, no estado atual de organização dos conhecimentos, não pode refletir sobre si mesmo, pois: 1) o cérebro de onde provém é estudado nos departamentos de neurociências; 2) a mente que o constitui é estudada nos departamentos de psicologia; 3) a cultura da qual deriva é estudada nos departamentos de sociologia; 4) a lógica que o controla é estudada em um departamento de filosofia; 5) esses departamentos institucionalmente não têm comunicação. Por isso, o conhecimento científico não conhece a si próprio: não conhece o seu papel na sociedade, o sentido de seu devir, ignora as noções de consciência e de subjetividade e, assim, se priva do direito à reflexão, que supõe a auto-observação de um sujeito consciente tentando conhecer o seu conhecimento. A partir daí, compreende-se que o saber, tradicionalmente produzido para ser refletido, meditado, pensado, discutido, incorporado, é cada vez mais destinado a ser ventilado nas rubricas especializadas e acumulado em bancos de dados”.

A epistemologia sistêmica é, então, o assunto mais avançado e complexo do paradigma da complexidade. Nele encontramos uma nova ontologia, apresentada sinteticamente no capítulo 1, que rompe com a separação entre sujeito e objeto; observador e observado pertencem à mesma realidade complexa, a *physis*, e isso impõe novas possibilidades e novas restrições. Além disso, se o próprio sistema de conhecimento humano é uma emergência extraordinária da *physis*, então está sujeito às mesmas regras de organização sistêmicas que são observáveis a qualquer nível de realidade. Na prática, a epistemologia complexa é um conhecimento de segundo grau, isto é, recursivo, que volta para si mesmo e serve para conhecer os instrumentos do conhecimento, porém sob o ângulo dos sistemas.

Configura-se, assim, um enigma da complexidade, que a teoria em si pode apenas apresentar e definir, mas que será desvendado reobservando os fenômenos da realidade sistemicamente: trata-se da “articulação entre objeto-cosmos e sujeito conhecedor, em que o cosmos engloba e gera o sujeito conhecedor, que aparece como minúsculo e fugitivo elemento/acontecimento no devir cósmico, mas em que, ao mesmo tempo, o sujeito conhecedor engloba e gera o cosmos em sua própria visão. [...] A articulação entre o universo

cosmofísico e o universo antropossocial em que cada um a sua maneira é produtor do outro, sempre permanecendo dependente do outro” (MORIN, 2005a, p.120). Em outras palavras, não é apenas o homem que emerge no universo, mas é o universo, ou a representação dele, que emerge no homem. Isso nos indica que a estruturação de nosso aparelho cognitivo possivelmente espelha a estruturação da própria *physis*, seja porque dela emerge, seja porque a ela se adequa ao longo do processo evolutivo.

O CONHECIMENTO ANIMAL

Como já indiquei, o conhecimento é uma emergência da vida; o ser vivo mais simples não poderia existir se não possuísse a capacidade de computar, não apenas seu interior, mas também o ambiente que o cerca. A espécie humana, como produto da evolução da vida terrestre, herda e complexifica o sistema cognitivo vivo, depois animal, depois mamífero, depois primata e, longe de ser diferente destas formas de conhecer, as amplifica tornando-as propriamente humanas; “a humanidade do conhecimento ultrapassou muito a animalidade do conhecimento, mas não a suprimiu” (MORIN, 2005c, p.75). Uma outra característica complexa do conhecimento humano é que se desenvolve ao mesmo tempo nos indivíduos e na sociedade, não apenas porque a sociedade é um indivíduo de nível superior, mas porque a sociedade humana é dotada de um sistema específico de transmissão de conhecimentos de uma geração para outra: a cultura. “A cultura é indispensável para a emergência da mente e para o desenvolvimento total do cérebro, os quais são indispensáveis à cultura e à sociedade humana, as quais só existem e ganham consistência na e pelas interações entre as mentes/cérebros dos indivíduos” (MORIN, 2005c, p.85).

O CONHECIMENTO HUMANO

Assim, as possibilidades e os limites do conhecimento no ser humano são biológicos, porque o cérebro elabora um determinado leque de informações, amplo mas não infinito, e culturais, porque dependendo da época histórica, da língua falada, dos conhecimentos sedimentados e de outros fatores, um intelecto pode conhecer e avaliar o ambiente circunstante de formas muito diferentes. A animalidade do conhecimento (MORIN, 2005c, p.62) se autonomiza no *homo sapiens* e passa a ser uma característica emergente que podemos indicar como uma “curiosidade” existencial (MORIN, 2005c, p.74); de fato, as aptidões do animal para resolver problemas, são tão flexíveis e várias nos homens que a inteligência deles

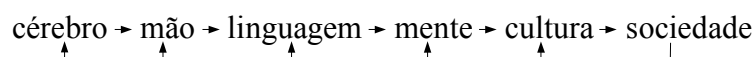
é capaz de produzir novos problemas que a necessidade de sobreviver sozinha não pode explicar. Esta curiosidade irreduzível é também uma forma de prazer de conhecer, que, repetidos, não absolve mais necessidades vitais ou animais, mas sim propriamente humanas; segundo Morin (2005c, p.75), “o conhecimento cerebral, sempre indivisível do indivíduo-sujeito, está ligado a todo ser e a serviço do comportamento. [...] Todavia ele se autonomiza relativamente, nos animais superiores, quanto às necessidades práticas e ao prazer de conhecer”, portanto o conhecimento pode se tornar uma finalidade autônoma, não apenas para sobreviver, não apenas pelo prazer, mas conhecer por conhecer (a vontade de saber da ciência moderna, de dominar todos os assuntos possíveis, é um exemplo).

Para compreender a humanidade do conhecimento faz-se necessário, em primeiro lugar, apresentar a “unidualidade da mente → cérebro” (MORIN, 2005c, p.81). A mente e os fenômenos psíquicos emergem da *physis*, não são propriedades metafísicas ou divinas; com efeito, o cérebro é um órgão que computa a reorganização permanente do corpo humano e de algumas computações mais elevadas, mas é a mente, imaterial, que é responsável pelas fabulosas capacidades de memória, imaginação, comunicação, etc. que o homem manifesta. Isso é facilmente demonstrável porque outras espécies de mamíferos possuem um cérebro maior ou anatomicamente mais desenvolvido do que o nosso e nem por isso são capazes de pensamentos abstratos, linguagem de dupla articulação ou tecnologia. São os processos mentais, as projeções do sistema mente/corpo humano que se emancipam do órgão biológico, os responsáveis por todas aquelas características cognitivas mais humanas, entre as quais se destaca a consciência, isto é a capacidade de se observar como objeto permanecendo sujeito. Como isso seria possível se a mente não fosse uma emergência metabiológica do cérebro?

Sabemos também que a “unidualidade hemisférica” (MORIN, 2005c, p.100) do cérebro se projeta no psiquismo, pois, independentemente de sua origem anatômica, o intelecto humano apresenta duas polaridades: o tipo esquerdo é caracterizado por um pensamento analítico, abstrato, explicativo, enquanto o tipo direito manifesta uma atitude intuitiva, concreta, compreensiva. Um outro elemento anatômico que se espelha na forma mental refere-se às três fases de desenvolvimento filológico do cérebro, indicado por Morin (MORIN, 2005c, p.104) com a expressão “cérebro triúnico” : nosso cérebro é formado por um paleocéfalo, o mais antigo e responsável pela computação dos instintos e pulsões primárias; um mesocéfalo, ligado dos primeiros mamíferos e responsável pelo circuito memória → afetividade; o córtex, que se desenvolve nos dois hemisférios; o neocórtex que é o centro das capacidades lógicas, estratégicas, etc. Em resumo, pulsão, afetividade e razão, são três aptidões inicialmente cerebrais, depois mentais e culturais, que permanecem de forma

complexa (complementar, antagônica, concorrente e incerta) e compõem o resultado do nosso conhecimento.

As estruturas anatômicas devem ser inseridas em um circuito evolutivo que inclua as outras dimensões humanas, para não correr o risco de reducionismo biológico; assim (MORIN, 2005e, p.33)



é um circuito retroativo que inicia na esfera biológica, produz a dimensão mental/psíquica e liga toda esta relação à dimensão social. Uma vez que o circuito se fecha, o desenvolvimento de um elemento acarreta transformações para todos os outros. A sexualidade perpassa todos estes níveis, retroage e sofre a retroação da complexificação global; com efeito, “deve-se recorrer à determinação sociocultural no interior do cérebro, pois, desde o nascimento e durante os anos de plasticidade do cérebro jovem, um papel masculino e outro feminino são impostos pela família e pela cultura, sob formas que variam justamente segundo as famílias e as culturas. Assim, pode-se pensar que a bipartição cultural masculino/feminino (ela mesma consequência transformada e mediatizada da bipartição biológica masculino/feminino) retroage desde o nascimento sobre a organização bi-hemisférica do cérebro, logo sobre o próprio conhecimento” (MORIN, 2005c, p.101). Enfim, os nossos conhecimentos são afetados pelos próprios estados mentais, os quais podem alterar sensivelmente as percepções e interpretações dos dados fenomênicos que temos à disposição. “As nossas interpretações da realidade não são independentes dos nossos estados psíquicos profundos, os quais estão em interdependência com os estados bio-neuro-cerebrais” (MORIN, 2005c, p.141).

Toda esta descrição dos enraizamentos biológicos do conhecer humano é necessária porque o nível mental ainda não se emancipou completamente, de fato, a *physis* é sempre em estado de evolução e nós representamos apenas uma passagem que será superada nas próximas evoluções complexas. Toda propriedade emergente é nova em relação à sua origem, mas continua complexificando-se para alcançar mais autonomia ainda; desta forma, se o cérebro para funcionar pode sacrificar (e de fato o faz) milhares de neurônios sem alterar o resultado final, as macro estruturas não são dispensáveis sem acarretar alteações profundas. Em outras palavras, as estruturas bio-anatômicas se refletem nas estruturas lógicas e definem possibilidades e limites do conhecimento humano.

Uma observação até superficial das personalidades humanas indica que alguns “estilos cognitivos” (MORIN, 2005c, p.220) se repetem e são moldados durante o período de formação, privilegiando uma ou outra estrutura cérebro-mental e rarissimamente as estratégias

cognitivas desfrutam de todas as possibilidades disponíveis; reconhecemos, assim, tendências dominantes entre duplas de características cognitivas (sintético/analítico, sequencial/casual, reducionista/holista, teórico/prático, criativo/padronizado, rápido/lento, emotivo/racional, etc.) que constituem aberturas → fechamentos, isto é, possibilidades e restrições relativas à capacidade humana de conhecer.

Limites e riscos

Morin (2005c, p.246) esboça uma lista das incertezas do conhecimento humano que integram os argumentos considerados até aqui e que devem ser consideradas como condições de existência do saber que produzimos. Vejamos:

- Incertezas relativas à estrutura cognitiva:
 1. incapacidade de conhecer de outra forma que não pela computação de signos e símbolos
 2. riscos e erros da comunicação
 3. riscos e erros ligados à tradução
- Incertezas relativas ao meio:
 1. fenômenos aleatórios, desordenados e ambíguos
- Incertezas ligadas à natureza cerebral do conhecimento:
 1. limites sensoriais
 2. distorções da percepção e da memória
- Incertezas devidas à hipercomplexidade da máquina cerebral humana:
 1. instabilidades dialógicas entre os dois hemisférios
 2. riscos inevitáveis em situações complexas
 3. dificuldade de dosar a necessidade de simplificar e complexificar
- Incertezas decorrente da natureza mental do conhecimento:
 1. incerteza de qualquer teoria
 2. preço do conhecimento teórico
 3. apostas inevitáveis
 4. conflitos entre empírico e racional
 5. tendências ao idealismo, à racionalização, à mitologização
- Incerteza decorrente de sociocentrismo, etnocentrismo, egocentrismo

É importante lembrar que a incerteza, como já indiquei, é a síntese da condição humana e se espelha também no conhecimento humano. Isso significa que precisamos reconhecer a modalidade limitada do conhecimento, não para limitar o conhecimento, mas para definir os

horizontes e as possibilidades dos conhecimentos *hic et nunc*. “A ideia de que o conhecimento é ilimitado não passa de uma ideia limitada. A ideia de que o conhecimento é limitado tem consequências ilimitadas” (MORIN, 2005c, p.246). Pode, por exemplo, estimular a realização de uma tecnologia que possa superar as imposições dos nossos sentidos ou ajudar a desenvolver outros conhecimentos quando os que temos demonstram-se insuficientes para abordar novos fatos empíricos.

Sistemas de ideias

A epistemologia complexa observa as teorias científicas como emergências de um sistema de ideias; assim como os outros níveis de complexidade da *physis*, os sistemas de ideias possuem determinadas características organizativas que retroagem sobre os níveis inferiores, apresentam um equilíbrio entre ordem e desordem e têm relações ecossistêmicas com outras teorias e com os empirismos vindos de onde elas surgem. Em primeiro lugar, para observar os sistemas de ideias, temos de diferenciar a estrutura cognitiva humana de outros conhecimentos: a estrutura cognitiva é um núcleo de observações, percepções, ideias que se aglutinam para formar a lente pela qual observamos os fenômenos; ao redor deste núcleo, que podemos chamar de paradigma individual, se estruturam as outras ideias e teorias. Segundo Morin (2005d, p.158), podemos considerar também a existência de um “dispositivo imunológico” que, como em qualquer sistema vivo, existe com o objetivo de manter a auto-referência do sistema e de defendê-lo do ambiente; resumindo: (MORIN, 2005d, p.158-160)

1. O núcleo duro [é] constituído de postulados indemonstráveis e de princípios ocultos.
2. Um sistema de ideias resiste às críticas e refutações externas, não somente pela capitalização das provas anteriormente estabelecidas da sua pertinência, mas, também, baseando-se na sua própria coerência lógica.
3. Um sistema de ideias elimina tudo o que tende a perturbá-lo e desregulá-lo
4. Um sistema de ideias é autocêntrico: situa-se por conta própria no centro do seu universo; é autodoxo, isto é, conduz-se em função dos seus princípios e das suas regras e tende a tornar-se ortodoxo; é monopolista e tende a ocupar sozinho o seu terreno de verdade.

Assim, o sistema retroage sobre o indivíduo, seus sentidos, suas percepções, seus pensamentos e limita a capacidade de avaliar outras ideias e teorias concorrentes. É claro que a subjetividade do indivíduo tem um papel fundamental, principalmente na escolha da orientação geral de suas ideias; porém é preciso reconhecer que, à medida que o sistema de ideias se autonomiza, limita as possibilidades e a liberdade do indivíduo que o produz. Morin

descreve perfeitamente esta possibilidade dizendo que “as nossas aptidões para solucionar podem, contudo, ser esterilizadas pela próprio sucesso; assim, uma estratégia bem-sucedida transforma-se em receita de conhecimento e a mente perde a aptidão para enfrentar e inventar o novo. [...] A experiência adquirida torna-se assim a inimiga da experiência nova [e] a consolidação dos modos de perceber, de conhecer, de crer, de pensar, [...] se tornarão rotinas, rigidez, dogmatismos” (MORIN, 2005c, p.125).

O *themata* e o sentimento de verdade

A subjetividade, apesar da ilusão criada pelos resultados do reducionismo, não pode ser afastada das observações fenomenológicas nem das elaborações teóricas. Morin insiste sobre dois aspectos que exemplificam a presença constante, mesmo em contextos “exatos” da esfera subjetiva: o primeiro refere-se às obsessões cognitivas que “comportam opções pulsionais/existenciais imperativas de certo tipo de mente diante das grandes alternativas apresentadas pelos problemas fundamentais à nossa necessidade de conhecer [...] e animam e mesmo fecundam toda investigação, inclusive [...] a pesquisa científica” (MORIN, 2005c, p.144), os assim chamados *thematas*. Estes são “complexos idiossincráticos em que as interrogações/angústias infantis puderam, de maneiras diversas, conservar-se ou transformar-se conforme inibições ou sobredeterminações familiares e culturais, de modo que ao sair da infância, na adolescência, certo tipo de questões ansiogênicas e certo tipo de respostas tranquilizadoras se imponham a cada um de modo imperativo” (MORIN, 2005c, p.144). Estas obsessões mudam ao mudar de geração, época histórica, cultura, e são obviamente instaladas pela sociedade nos indivíduos; desta forma, “o ser humano [e o cientista] procura a repetição da satisfação psíquica no recurso incessante à ideia que literalmente o droga” (MORIN, 2005c, p.145).

Paralelamente aos *thematas*, e aqui enfrentamos a segunda incursão de subjetividade, é fundamental notar que, para os seres humanos, conta mais o sentimento de verdade que a ideia de verdade, principalmente quando a diferença entre os dois conceitos não lhes é clara: basta olhar para as grandes disputas do passado entre defensores de verdades opostas e reconhecer que o confronto ocorre mais no campo subjetivo de necessidades existenciais que lógico-racional. “O sentimento de verdade suscita uma dupla posse existencial: apropriação da verdade ('eu tenho a verdade') e posse pela verdade ('pertencço à verdade'); as duas posses ligam-se num ciclo que as alimenta: 'Pertencço à verdade que detenho'; assim, enquanto se torna uma entidade transcendente que adoramos, a verdade torna-se nosso bem pessoal, incorporado em nossa identidade” (MORIN, 2005c, p.145). Quando o sentimento de verdade

se torna superior à ideia, a teoria defendida corre o risco de perder o contato com a realidade, de não poder ser verificada racionalmente e de se impor pela força, pela autoridade, pela tradição ou outros motivos irracionais. Segundo Morin, para enfrentar este problema “deve-se distinguir a ideia de verdade do sentimento de verdade. [...] O sentimento de verdade traz a dimensão afetiva/existencial para a ideia de verdade e pode tanto se apropriar da ideia de verdade quanto lhe obedecer” (MORIN, 2005c, p.145).

DO HOMEM À CIÊNCIA

Portanto, retornando à diferença entre estrutura cognitiva e conhecimentos, percebemos que a autonomia e a liberdade dos indivíduos de conhecer é bem mais limitada do que a nossa cultura individualista deixa supor: nós herdamos todos os elementos de nosso sistema cognitivo (bio-anatômicos, culturais, subjetivos) da sociedade em que nascemos e seguimos estas determinações até na escolha de nossas curiosidades! Se isso não fosse suficiente, vimos que corremos constantemente o risco de fechar nossas ideias e limitar outras novas e diferentes, por causa da própria organização dos sistemas de ideias que tendem a se autonomizar. Assim, “em nível de indivíduos, o conhecimento não evolui ao mesmo tempo que a experiência. Um indivíduo conserva a sua estrutura cognitiva apesar da multiplicação de acontecimentos que desmentem a pertinência dessa estrutura, os quais esta, justamente, impede de apreciar” (MORIN, 2005d, p.53). Eis porque as passagens paradigmáticas, sociais e individuais, são tão lentas e conservadoras.

Precisamos reconhecer que a ciência, e na verdade qualquer sistema de produção de saberes, possui uma dimensão existencial, emotiva, política que distorce até os conhecimentos aparentemente mais objetivos; Morin (2005c, p.147) nos lembra que “toda evidência, toda certeza, toda posse possuída da verdade é religiosa no sentido primordial do termo: *religio* o ser humano à essência do real. Pode haver um componente religioso na adesão às doutrinas ou teorias, inclusive científicas; componente religioso ligado à natureza profunda do sentimento de verdade.” Se pensamos em grandes movimentos sociais, como o marxismo, o feminismo, o positivismo, o ecologismo, todos eles são compostos por um sistema de ideias que se desenvolve no tempo e que dá, aos seus seguidores, uma interpretação do mundo, uma ética, um código de pensamento e de conduta que afeta mais ou menos profundamente as escolhas individuais. Todavia, Morin nos mostra que este é apenas um ponto de vista: podemos, com efeito, pensar nos indivíduos como autores da escolha entre sistemas de ideias diferentes, ou podemos observar os sistemas de ideias como seres autônomos que, emergência de sociedades

humanas, retroagem sobre estas e conseqüentemente sobre seus membros. No paradigma complexo apresentado aqui, este ponto de vista está à base do conceito de Noosfera.

NOOSFERA

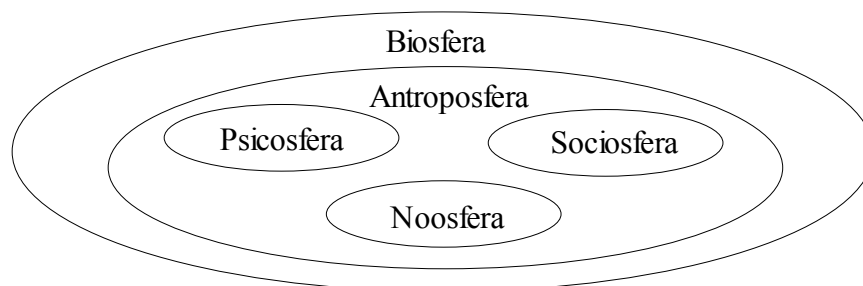
A ideia como produto mental representa o último nível de organização complexa terrestre, pois emerge da vida social humana, que emerge da vida animal, que emerge da matéria deste planeta. Assim, a noosfera, “oriunda das próprias interações que tecem a cultura de uma sociedade, [...] emerge como uma realidade objetiva, dispondo de relativa autonomia e povoada por entidades que denominaremos 'seres mentais' ” (MORIN, 2005d, p.139). É difícil imaginar a existência de outros seres que não tenham características biológicas, porém, assim como consideramos os princípios de organização sistêmica que podem ser observados em níveis de complexidade inferiores ao nosso, nada impede que os mesmos funcionem para complexidades a nós superiores. Precisamos admitir que a consciência humana que produz a ideia de noosfera é apenas um nível de desenvolvimento da complexidade, pode ser o mais complexo, mas está subordinado às emergências que nele se enraízam.

Assim, a noosfera é “um mundo fervilhante de seres dispondo de algumas das características essenciais dos seres biológicos” (MORIN, 2005d, p.137) e apresenta regras organizativas próprias que podem ser estudadas. Segundo Morin, (2005d, p.167) “*um sistema de ideias possui um certo número de aspectos auto-eco-organizadores que asseguram a sua integridade, a sua identidade, a sua autonomia, a sua perpetuação, e permitem-lhe metabolizar, transformar e assimilar os dados empíricos da sua competência; ele se reproduz através das mentes/cérebros em condições socioculturais favoráveis. Pode adquirir bastante consistência e poder para retroagir sobre as mentes humanas e subjugar-las.*” Os aspectos auto-eco-organizadores na realidade já foram abordados pela epistemologia, mas o princípio noológico nos obriga a uma revolução copernicana que coloca no centro o sistema de ideias e na periferia os indivíduos que possuem e/ou são possuído por ele.

Existe uma relação complexa entre humanos e seres noológicos que não significa necessariamente submissão dos primeiros aos segundos, mas em determinadas condições esta possibilidade se concretiza e pode se tornar um ponto de vista explicativo, por exemplo dos fenômenos de fanatismo e integralismo. Os dois olhares opostos são ainda compatíveis, assim como podemos imaginar o sol girando ao redor da terra e criar um calendário perfeitamente funcionante, mesmo se baseado sobre uma observação falsa; com efeito, “sob o ângulo da psicologia humana, os deuses transcendentalizam as projeções dos nossos desejos e dos

nossos temores. Mas, sob o prisma noológico, são os deuses que se autotranscendentalizam a partir da formidável energia psíquica que extraem dos nossos desejos e temores” (MORIN, 2005d, p.146). Eu imagino que, quando um sistema de ideias, independentemente de sua origem científica, mítica ou religiosa, se complexifica e fornece respostas e chaves de leitura para todas as dimensões existenciais humanas, torna-se vivo no sentido de ser noológico. A circularidade de um sistema de ideias é um indício de sua autonomia e existência separada, pois, observando os níveis inferiores da *physis*, vimos que quando um circuito se fecha dá vida a um sistema o qual, por quanto frágil e incerto, como as primeiras células vivas, inicia um caminho de complexificação.

A noosfera, portanto, pode ser imaginada como um ecossistema de ideias que, junto à psicosfera e à sociosfera (MORIN, 2005d, p.149), dá vida a três emergências fundamentais da espécie humana.



Estas emergências retroagem sobre a própria espécie, concretamente sobre os indivíduos, e afetam, de forma mais ou menos coercitiva, suas escolhas, seus modos de pensar, enfim, suas vidas.

Conclusão

Tentei apresentar neste capítulo os elementos fundamentais do Paradigma da Complexidade e relacioná-los entre eles para oferecer uma visão coerente e racional. Todos os assuntos tratados por Morin se originam no mundo científico, mas a amplitude de sua pesquisa o levou a cobrir argumentos, teorias, autores e descobertas que raramente se encontram condensados em um único percurso intelectual. O interesse que a complexidade suscitou em mim deve-se à capacidade deste paradigma de elaborar conhecimentos científicos e, ao mesmo tempo, de permitir uma reflexão sobre assuntos existenciais, humanos, filosóficos por meio da mesma lógica e racionalidade que analisa os primeiros.

Decidi seguir, reduzindo e cortando inevitavelmente algumas partes, o percurso escolhido por Morin, apresentando de início a complexidade física – princípio tetralógico, princípio sistêmico, emergências – e, em seguida, a complexidade da vida. Com base nisso, pude esboçar a visão de homem e da sociedade do ponto de vista complexo, para enfrentar, no final, o conhecimento do conhecimento. Acredito que as partes intencionalmente omitidas, embora fascinantes e promissoras para a sociologia humana, não teriam acrescentado elementos necessários a esta monografia.

Parte II
Constelação Familiar

Introdução

Assisti pela primeira vez a uma constelação familiar¹⁷ em 2004, antes de iniciar o curso de Ciências Sociais e, desde então, continuei estudando-a com a mesma intensidade e dedicação com as quais enfrentei as aulas na faculdade. Meu interesse a respeito deste fenômeno gerou-se a partir de duas observações: a primeira foi que a experiência e o ponto de vista sistêmico a esta inerente foram, para mim, esclarecedoras, no sentido de que trouxeram ao meu intelecto outras chaves de interpretação da realidade que considerei mais claras e eficazes daquelas que herdei de minha cultura e educação. A segunda observação foi que estas mesmas experiências resultam, para a maioria das pessoas, perturbadoras e incompreensíveis racionalmente; são aceitas, por assim dizer, emocionalmente, embora esta expressão seja redutora, pois adquirem um sentido no contexto onde se desdobram, mas não se integram na estrutura cognitiva dos que as vivenciam. Em minha preparação universitária, consegui elaborar estas reflexões não antes de estudar a disciplina Teoria do Conhecimento no sexto semestre, mas foi estudando a Complexidade que iniciei a compreendê-las mais profundamente.

A constelação familiar, como técnica psicoterapêutica, foi criada pelo alemão Bert Hellinger como resultado de experiências e estudos em muitas áreas da psicologia e da psicoterapia; na década de 1990 iniciou a espalhar-se em outros países e continentes, mas provavelmente ainda reveste, em termos de popularidade, um papel marginal embora crescente. A origem da constelação familiar como terapia esconde, a meu ver, uma realidade muito mais extensa e complexa dado que seus pressupostos e suas implicações superam o âmbito terapêutico e psicológico; foi por causa disso que pude abordar este assunto no âmbito da sociologia do conhecimento, evitando de avaliar a eficácia ou os resultados das constelações e mantendo o foco da análise sobre o empirismo específico que a técnica proporciona.

Levando em consideração estas premissas, apresento, em seguida, os fenômenos que observei como participante de um grupo de estudo em constelação familiar por dois anos (2007 e 2008) e como participante de encontros de formação e vários seminários. O grupo de estudo que frequentei funciona semanalmente em uma clínica de um psicólogo clínico de

¹⁷ Outros termos usados para indicar as constelações familiares são soluções sistêmicas ou representações familiares. Não há diferença entre estas denominações.

Fortaleza e surgiu como iniciativa privada sem vínculos com outras instituições; provavelmente seria mais oportuno descrevê-lo como espaço de treinamento considerando a natureza do trabalho nele desenvolvido. A revisão bibliográfica serviu aqui apenas como ajuda para simplificar a exposição de constelações importantes; com efeito, a maioria dos livros de Hellinger resumem-se a transcrições de seminários ou cursos de formação onde se recorreu às constelações familiares, com poucas partes elaboradas separadamente e nenhuma abstração teórica.

Os fenômenos que apresentarei nesta parte são refratários à elaboração escrita ou à comunicação verbal; vale a pena comunicar logo esta ideia: a constelação familiar é uma experiência que pode se apreender¹⁸ apenas participando por um tempo e aceitando a hipótese de que existem novos empirismos aos quais não somos habituados. É uma prática que integra saberes vindos de psicanálise, *gestalt*, terapia breve, PNL, terapia primal (Arthur Janov), análise transacional (Eric Berne) e muitas outras abordagens científicas, sem falar de experiências heterogêneas que Hellinger, nascido em 1925, nunca parou de estudar e reorganizar. Em uma linguagem complexa, a constelação familiar é uma propriedade emergente de um sistema de teorias e práticas, irreduzível e indedutível em relação aos seus elementos.

18 Uso intencionalmente o verbo apreender por ter um significado mais superficial de compreender ou explicar.

Capítulo 1: Uma constelação familiar

O grupo de catorze pessoas está reunido na sala. A atmosfera é serena, todos estão sentados em cadeiras dispostas em círculo e conversam tranquilamente. Muitos não se conhecem, cerca de cinco pessoas pertencem ao grupo de estudo de constelação familiar que funciona no mesmo lugar semanalmente. Quando todos estão presentes, o condutor dá início à sessão: agradece pela participação, se apresenta brevemente e introduz o trabalho que está prestes a ser desenvolvido. Explica que a constelação familiar é uma técnica que nasce no âmbito da psicoterapia, por iniciativa de um alemão, Bert Hellinger, na década de 1980 e que tem se difundindo além da Alemanha e da Europa e que também está sendo aplicada em outras áreas, como a consultoria para empresas. Logo em seguida pede para os presentes se apresentarem ao grupo dizendo o próprio nome e a motivação de sua presença nesta noite.

Após as apresentações, o condutor pergunta se alguém quer fazer a própria constelação; a atmosfera muda, todos repentinamente tornam-se mais introspectivos e alguns, com calma, comunicam que, esta noite, preferem apenas observar. Um dos participantes levanta a mão e pede para falar:

Cliente: *Evidentemente agitado, falando com uma certa emoção* Eu acho que quero.

Condutor: Acha? O que há com você?

Cliente: Não sei. É a primeira vez que participo de uma constelação, não sei ao certo o que devo fazer.

Condutor: Qual é sua dificuldade? O que você gostaria de mudar em sua vida?

Cliente: *Passam alguns segundos, ele olha para o chão e de repente inspira profundamente e fala com uma segurança inesperada* Bom, eu me sinto bloqueado, imagino que sou um corredor com um paraquedas nas costas sempre aberto. Sinto que poderia ter 100, mas sempre acabo com um resultado menor. Não entendo por quê.

Condutor: Se você fizesse agora uma constelação qual seria sua expectativa em relação ao seu problema? Que resultado você quer?

Cliente: Quero viver mais leve, ter o êxito que mereço.

Condutor: Como se sente agora? *O cliente não responde, parece não ter entendido* Você está agitado como antes? Sente-se melhor?

Cliente: Sinceramente não, sinto-me pior, mais agitado e com um pouco de medo.

Condutor: Então você está pronto, sente-se aqui ao meu lado. *Ao grupo* Quando alguém está tranquilo e seguro, não está disponível para a mudança porque já tem uma resposta pronta para sua situação. Ainda assim é possível montar o seu sistema familiar, mas tudo torna-se um pouco mais difícil. *Ao cliente* Você disse que é a primeira vez, mas sabe como funciona?

Cliente: Não.

Condutor: Tudo bem. É muito simples: você escolhe as pessoas que representam os membros de sua família e os posiciona no interior do círculo. É bem simples e saiba que não existe certo ou errado aqui; aja sem pensar, não há como errar. Mas antes disso preciso de algumas informações.

Cliente: Está bem.

Condutor: Você é casado ou tem um relacionamento?

Cliente: Não.

Condutor: Como é composta sua família de origem?

Cliente: Além dos pais tenho um irmão mais jovem.

Condutor: Nas constelações familiares existem uma série de fatos sistêmicos relevantes que podem tornar-se importantes. Estes fatos são: abortos, assassinatos, doenças recorrentes, alguém que foi excluído. O que me diz a respeito?

Cliente: *Permanece em silêncio por alguns momentos para recordar* O que me lembro agora é de um aborto que minha mãe sofreu, não sei se pode ser importante.

Condutor: É fundamental. Quando aconteceu? Quer dizer, antes ou depois de você ter nascido?

Cliente: Depois de mim, antes do meu irmão; foi uma menina, ou pelo

menos assim me disseram. Não sei o que aconteceu com ela, sei que ocorreu este aborto quando eu era muito pequeno, antes do nascimento do meu irmão, mas não falamos deste assunto em família.

Condutor: Isso é suficiente. Vamos montar a constelação.

O cliente levanta-se e escolhe pessoas ao acaso entre os presentes para representar o Pai, a Mãe, Ele mesmo e a Irmã abortada. Seguindo as indicações do condutor, apoia as mãos sobre os ombros dos representantes e os empurra suavemente. Escolhe ao acaso um lugar onde posicionar cada representante da sua família e os vira para que olhem em determinadas direções. Tudo isso demora não mais de um minuto. Depois volta a se sentar.

Condutor: Muito bem. Agora peço para os representantes que se concentrem; alguns sabem como funciona, para os outros é suficiente saber o que já disse para [nome do cliente]: não precisa fazer nada e não há como errar. Esperem e fiquem tranquilos.

Passam-se alguns minutos em completo silêncio. Os representantes ficam parados, mas evidentemente algo acontece com eles: a expressão do rosto, os olhares, a respiração, é possível perceber que não estão sentindo-se bem. O condutor observa tudo sentado na cadeira. Ao seu lado o cliente agora parece preocupado: está sentado, mas com os cotovelos apoiados nos joelhos e o queixo entre as mãos. Observa os representantes de sua família com ar preocupado.

Condutor: *Levanta-se e se aproxima lentamente a cada representante* Ao representante do pai Como você se sente?

Representante do Pai: Não gosto desta posição, sinto-me apertado.

Condutor: *À representante da mãe* E você?

Representante da mãe: Muito emocionada Não consigo não olhar para minha filha, sinto uma grande dor.

Condutor: *Ao representante do Cliente* E você?

Representante do Cliente: Estou bem, sinto que este lugar é bom porque daqui posso controlar a situação.

Condutor: Exatamente. *Ao grupo* Um aborto implica quase sempre graves consequências para o sistema familiar. Neste caso podemos ter certeza que provocou o afastamento dos pais. *Aos representantes dos pais* Isso faz

sentido para vocês?

Representante da mãe: É possível, de fato não consigo ver meu marido. *O representante do pai está em seu campo visivo* Toda minha atenção está presa com a filha.

Representante do pai: Desde o início quero me virar e olhar para fora. Tudo isso é insuportável.

Condutor: Faça-o. Vire-se seguindo esta necessidade, sem pensar. *O representante do pai se vira e olha para fora da cena* É melhor assim?

Representante do pai: Bem melhor, não sinto mais aquela angústia.

Condutor: Este casamento acabou. Eles podem até continuar a viver juntos, mas seu relacionamento não será mais o mesmo. *Ao cliente* Agora precisamos ver a tua colocação em tudo isso. *Ao representante do cliente* Como você vê a configuração assim, com seu pai que quer sair do sistema?

Representante do cliente: É incrível, mas quando o pai se mexeu, tudo mudou *Faz uma pausa como se procurasse as palavras* Sim, é pior agora, muito pior; sinto-me até confuso.

Condutor: *Ao cliente* Você fez algo que qualquer filho faria: inconscientemente segurou os pais. Seu representante mostrou isso de forma clara: quando o pai quer se afastar, ele não aceita. *O cliente parece perplexo* *Ao grupo* Fazendo isso, porém, está se colocando acima de seus pais, tomando para ele mesmo um papel e um poder na família que não deveria ter. Assim a força dentro da família é grande, mas fora, no mundo, não tem energia para obter os resultados queridos. *Segue-se um momento de pausa.* *O condutor volta a sentar-se, mas observa o cliente que parece desnortado* *Ao cliente* Você entendeu?

Cliente: Não muito, na verdade. Parece que é culpa minha então.

Condutor: Não existe a culpa, apenas o sentimento dela. Mas você não é responsável por este emaranhamento sistêmico, se está querendo dizer isso. As forças que agem no sistema familiar são independentes da nossa vontade, da moral que seguimos ou das regras sociais, por isso as chamamos de “ordens”. A constelação apenas as detecta e oferece a possibilidade, às

vezes, de compreendê-las e, por assim dizer, de se adequar a elas. *O cliente permanece confuso e expressa no rosto sua dúvida* Agora vou colocar a solução, ou seja vou deslocar os representantes do seu sistema familiar em uma outra configuração, depois você entra no lugar de seu representante e poderá experimentar pessoalmente a solução.

O condutor desloca os representantes e os dispõe de forma diferente: pai e mãe estão lado a lado e, à frente deles, os filhos, incluindo o caçula cujo representante é escolhido entre os outros participantes.

Condutor: *Ao pai* Como é isso?

Representante do pai: Não sei. Melhor do que antes, mas ...

Condutor: *À mãe* Você?

Representante da mãe: Agora vejo meu marido. É um pouco melhor.

Condutor: *Ao filho* Aqui que acontece?

Representante do cliente: Agora estou bem, posso ver os meus pais. Gostaria de ver também os meus irmãos *Estão ao seu lado*

Condutor: *Ao representante do cliente* Aproxime-se aos seus pais *Coloca-o na frente deles* e diga “Eu faço isso por vocês”.

Representante do cliente: Eu faço isso por vocês.

Condutor: “Mas eu sou o pequeno”

Representante do cliente: *Começa a chorar e soluçar* “Mas eu ... ” Não consigo.

Condutor: Então chora, continua chorando, não tente conter esta dor. *Ao cliente* Sabe porque não consegue? Porque se disser a frase, vai aceitar o seu lugar de filho, mas vai perder seu papel.

A emoção liberada pelo representante do cliente contagia os outros representantes; o condutor espera poucos minutos para que esta fase diminua de intensidade e retoma o trabalho.

Condutor: *Ao representante do cliente* Agora tenta de novo. Vai conseguir? *O representante do cliente faz sim com a cabeça* *Ao grupo* Sim, talvez agora possa conseguir, vocês notaram como mudou o rosto dele? A fantasia

infantil está deixando o lugar para a aceitação da realidade. *Ao representante do cliente* Então fale!

Representante do cliente: *Aos pais Reformula a frase por iniciativa própria*
Sim, é verdade, eu sou o filho.

Condutor: “E vocês os pais”

Representante do cliente: E vocês os pais.

Condutor: “Eu os aceito, vocês me deram a vida e isto basta”

Representante do cliente: Eu aceito vocês porque me deram a vida. Isto basta

Condutor: Agora faça uma profunda reverência

Representante do cliente: *Curva-se para reverenciar os pais* É tão difícil!

Condutor: Eu sei, você nunca fez isso, mas agora pode. Continua, até onde puder. *O representante faz um profunda reverência, continua emocionado, mas acalma-se lentamente* Quando termina o condutor o substitui com o cliente *Ao cliente* Agora que está aqui, fica mais claro? Como se sente?

Cliente: É muito esquisito: antes, quando olhava a cena, pensei que tudo aquilo não fazia sentido, mas aqui é diferente. Sinto-me um pouco triste, mas estou bem.

Condutor: Agora sente-se aqui, entre o pai e a mãe apoiando as costas nas pernas deles *Mostra como fazer isso ao cliente* Mudou alguma coisa?

Cliente: Ah! *Fica emocionado, mas contem o choro* Depois de um tempo *fala com voz alterada* Agora o paraquedas se soltou.

Condutor: Muito bem. *Após um minuto* Agora deixe que esta imagem do sistema atue e substitua a outra. *Após um tempo* Podemos parar por aqui? *Todos os representantes dizem sim com um gesto e voltam a sentar-se*

Percebe-se o cansaço de todos, não apenas do cliente e de quem representou os membros da família, mas também dos outros participantes que apenas observaram. O Condutor, ao contrário, não parece muito afetado. Após alguns minutos de pausa, ele volta a falar.

Condutor: Alguma dúvida sobre o que aconteceu? *Para o cliente* Tudo claro?

Cliente: *Indeciso* Sim, mas é tudo muito novo para mim. Nunca pensei que minha dificuldade pudesse estar ligada ao aborto. É incrível. O que devo fazer agora? Quer dizer, isso acaba aqui?

Condutor: Primeiramente deixe que explique uma coisa: sua dificuldade não está ligada necessariamente ao aborto, mas à dinâmica da família como um todo e nós não podemos ter uma compreensão total disso. Nos limitamos a trazer à luz apenas os elementos que resolvem a questão inicial. Depois, para responder à sua pergunta, eu diria que, com certeza não precisa de terapia; às vezes esta técnica abre um processo que precisa de acompanhamento médico, psicológico ou até psiquiátrico, mas não é o seu caso. O que você devia fazer já fez na constelação, agora espere e preste atenção às mudanças que vão acontecer. *Pausa* Como este é um grupo de estudo, agora vou responder a perguntas dos outros participantes; é melhor que você se isole e não escute estes discursos. Você precisa manter a imagem final da constelação, mesmo que não consiga compreendê-la completamente; qualquer discurso racional só pode enfraquecer esta imagem. Está bem? *Indica um lugar na clínica onde ficar tranquilo e o cliente sai do quarto*

Participante: Porque, nesta constelação, não colocou o irmão logo no início? E a irmã que foi abortada, geralmente os mortos ficam deitados. Porque não colocou a irmã deitada? Existe alguma razão?

Condutor: Dito assim parece que existem regras rígidas para montar uma constelação. Vou esclarecer também para o resto do grupo: esta técnica é minimalista e fenomenológica, isso significa que introduzimos o mínimo de elementos necessários e que não inventamos nada, observamos as dinâmicas assim como se apresentam e agimos de consequência. O irmão não fazia parte do problema no início, o coloquei no final para dar uma imagem completa a [nome do cliente]. No caso da irmã, você já respondeu: os mortos ficam deitados, geralmente. Neste caso a simples presença da filha no início foi suficiente, porque vimos que o foco da questão são os pais e sua relação com o primeiro filho.

Eu: Eu fiquei bastante impressionado, mesmo se não é a primeira constelação que vejo. O fato é que a dinâmica desta família é incrivelmente

semelhante à da minha.

Condutor: Você já fez sua constelação?

Eu: Já, mas só agora me dou conta de uma coisa que não tinha entendido: quando se diz que o filho quer ser superior aos pais e que adquire um poder no seio da família, que significa concretamente? Estou perguntando porque olhando as dinâmicas do dia-a-dia na minha família isso não aparece; eu, e imagino que seja igual também no caso de [nome do cliente], não tenho poder nenhum, não tomo decisões, não controlo os meus pais ou imponho minha vontade.

Condutor: Ainda bem! Você quer saber qual é a diferença entre a dinâmica da constelação e a dinâmica da vida real, é isso? A constelação mostra como atuam as forças de um sistema familiar e estas forças são ocultas. Se usamos a constelação é porque revelou-se eficaz para resolver os problemas das pessoas e isso acontece porque esta técnica mostra as dinâmicas invisíveis entre os membros de uma família.

Eu: Isto significa que o que sabemos sobre as relações no interior das famílias e sobre a origem dos problemas é falso.

Condutor: Praticamente sempre. O problema que às vezes não apenas é falso, mas é uma resposta racional que justifica e preserva um emaranhamento sistêmico.

Eu: Essa é uma afirmação muito pesada. Isso remete à questão das “ordens”. O que são exatamente?

Condutor: Alguém do grupo de estudo quer responder?

Participante: As “Ordens do Amor”, como Hellinger as chama, são dinâmicas básicas dos sistemas familiares que, quando são violadas, provocam efeitos negativos sobre a família e seus componentes. É como se fossem forças invisíveis que atuam sobre os indivíduos de um sistema.

Outro participante: Nós vimos hoje, nesta constelação, a primeira Ordem que é a da hierarquia: quem vem primeiro na linha da vida é superior a quem vem depois.

Eu: Isso eu entendi, mas é difícil, digamos assim, aceitar. Então é certo dizer

que o poder de um filho neste emaranhamento, como vocês falam, é manter os pais unidos, ou, evitar que divorciem ou se separem?

Condutor: É. Mais alguma coisa?

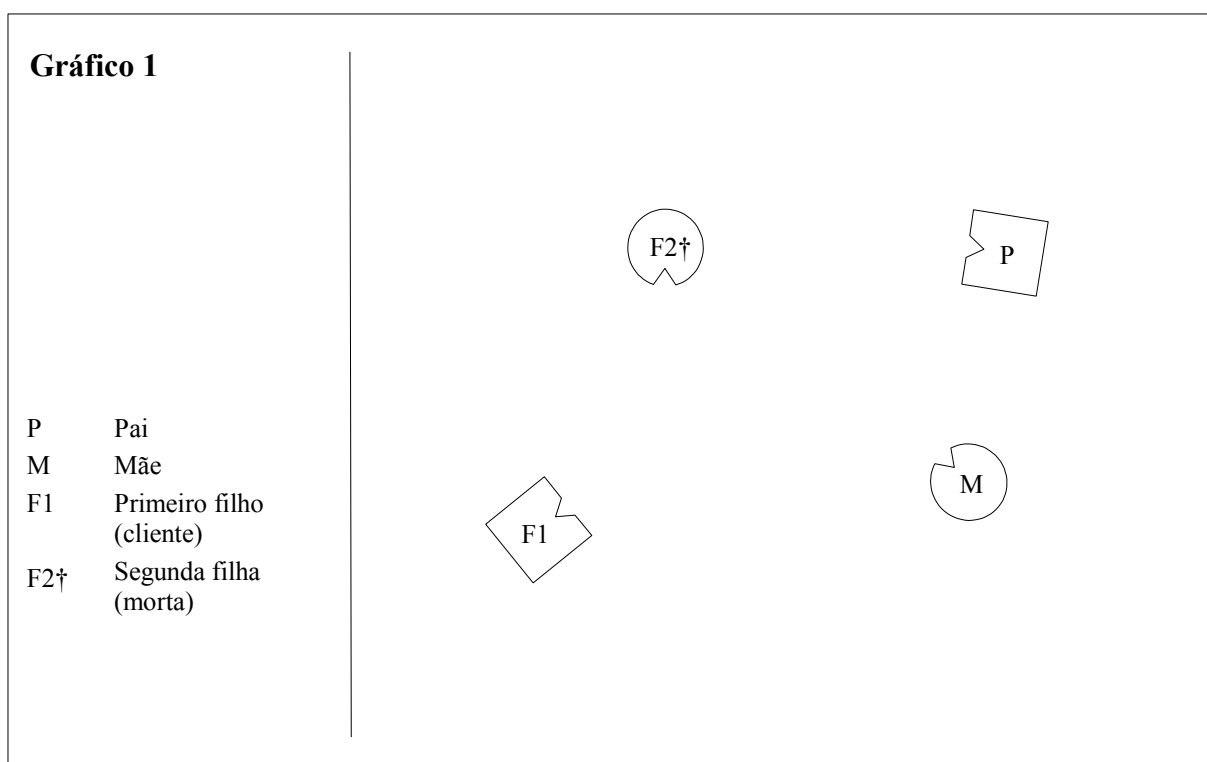
Eu: Muitas, mas por hoje basta.

Condutor: Muito bem. Podemos encerrar por aqui?

O cliente é chamado para o final. Quando ele volta o condutor agradece a presença de todos e encerra a sessão.

Capítulo 2: Considerações gerais sobre as constelações familiares

Reproduzi, no primeiro capítulo, umas das primeiras constelações que transcrevi e que, por sua simplicidade e clareza, resulta muito oportuna para traduzir em palavras os eventos que nela ocorrem. Quando esta observação foi realizada (primeiros meses de 2006) não sabia que os livros de Hellinger e de outros terapeutas sistêmicos já usavam um tipo de representação gráfica que comunica as informações mais importantes que a constelação revela: posição e orientação. O Gráfico 1 é um exemplo de como se poderia representar o posicionamento inicial da constelação precedente. Não houve gravação áudio ou vídeo do evento, simplesmente anotei a sequência de movimentos e falas dos representantes e as intervenções do condutor e depois, em casa, escrevi rapidamente tudo o que conseguia lembrar; o fato de não ter participado como representante, mas apenas como observador, me deixou a possibilidade e o tempo para escrever o que acontecia. A parte recriada dos diálogos não altera o significado dos eventos, até porque estes independem de todas as pessoas menos do cliente, isto é estão ligados ao seu sistema familiar, como mostrarei em seguida.



Cada mudança na orientação ou na posição dos representantes, bem como a presença de outros que são adicionados ao longo da experiência, deve ser indicada em um outro gráfico. Infelizmente, a transcrição ou o vídeo de uma constelação familiar não são absolutamente suficiente para transmitir todo o leque de fenômenos que nela ocorrem; espero ter capturado, na primeira parte deste capítulo, uma descrição verosímil que possa transmitir a sensação de assistir pela primeira vez a este fenômeno. Contudo, faz-se necessário agora expor de forma menos descritiva e mais organizada os dados e os conhecimentos que acumulei a respeito das constelações familiares.

UMA TÉCNICA, DUAS NOVIDADES

A constelação familiar é a representação de uma família por meio de outros indivíduos que, a maioria das vezes, não conhecem nem o cliente nem seus parentes. É considerada uma técnica que pertence à psicoterapia sistêmica, isto é, àquela área da psicologia clínica e organizacional que fundamenta suas práticas na Teoria Sistêmica. O que torna a constelação familiar única é, entre outras coisas, seu método dificilmente explicável ou, ao menos, compreensível no interior do paradigma cartesiano.

O primeiro dilema é este: *como é possível que os representantes que não possuem nenhum tipo de contato com os indivíduos representados tenham acesso a informações desconhecidas?* Com efeito, quando o cliente posiciona os representantes dos seus familiares, estas pessoas passam a manifestar sensações, dores, opiniões e, raramente, até lembranças dos indivíduos representados, sem ter tido nunca antes nenhum contato com o cliente ou sua família. Este fenômeno acompanha sempre a técnica, ou seja é reproduzível sem exceção, basta ter um cliente, um condutor, um problema objetivo a resolver e pessoas que possam representar o sistema familiar.

Existe um segundo dilema: com efeito, além do funcionamento misterioso desta técnica, podemos acrescentar a observação de que *determinados fenômenos, que podemos indicar genericamente como “os problemas” que se quer resolver, estão associados a determinadas dinâmicas familiares, as chamadas “ordens”, isto é, as leis que governam os sistemas familiares.* Estes dois aspectos, vale a pena insistir nisso, são separados e juntos ao mesmo tempo; por um lado observamos que um fenômeno inexplicável acontece segundo certas modalidades quando o procuramos (a “representação” de indivíduos desconhecidos); por outro, parece que o desdobramento da técnica baseada neste fenômeno leva sempre e com regularidade a uma associação de tipo causal entre uma “regra” sistêmica e um acontecimento

familiar. Para compreender estas duas novidades tão desafiadoras, indicarei, nos próximos parágrafos, as fases de uma constelação típica e, em seguida as três leis sistêmicas encontradas por Hellinger.

Antes disso, vale a pena introduzir dois conceitos largamente utilizados nas representações familiares; o primeiro deles é a Abordagem Fenomenológica. Fenomenologia, neste contexto, indica uma prática que, como pressuposto fundamental, evita de interpretar a realidade por meio de teorias; um método fenomenológico, como as representações familiares, consiste em olhar para fatos ou eventos sem nenhum tipo de julgamento, preconceito, opinião ou interpretação. Um exemplo ajuda a esclarecer a ideia: se o fato sistêmico principal tratado em uma representação for um incesto, um evento geralmente percebido no interior de nossa cultura como repugnante, não podemos usar as representações se partimos do pressuposto que o que o pai fez com a filha foi errado ou que é indecente que violências familiares aconteçam ainda hoje ou que talvez a filha mereceu isso ou que a família nuclear moderna não funciona. Qualquer interpretação prévia, invalida a técnica¹⁹ e impede que as informações detectadas pelos representantes possam ser usadas para compreender a dinâmica do incesto. Claramente, tudo isso não significa que nossa subjetividade e nossa moral não possa julgar pessoas e fatos, apenas implica que, para desenvolver uma constelação familiar, é preciso fazer um passo atrás do ponto de vista ético e temporariamente aceitar os eventos terríveis que geralmente surgem, sem a pretensão de poder explicá-los ou compreendê-los *a priori*.

Se se aceita que os representantes manifestam algo de desconhecido sobre as dinâmicas familiares e se decide de aproveitar este fenômeno, as reações destes representantes tornam-se os guias para, em um segundo momento, compreender e explicar as dinâmicas originárias das famílias representadas. A abordagem fenomenológica é um processo complexo de conhecimento que surge como uma aceitação das evidências sem a necessidade de induzir regras gerais ou deduzir comportamentos específicos. As elaborações dedutivas e indutivas permanecem, mas são limitadas e sempre secundárias.

A segunda expressão bastante comum nos ambientes onde se praticam soluções sistêmicas é *emaranhamento*, que, aliás, já apareceu na primeira constelação. Em geral esta palavra quer indicar uma violação de uma regra sistêmica que proporciona efeitos sobre a vida dos membros de uma família. Os emaranhamentos são ocultos no sentido de que não são percebidos pelas pessoas que vivem apenas seus efeitos. A abordagem fenomenológica e exemplos de emaranhamentos serão retomados mais à frente.

19 Este fato ficará mais claro quando será tratada a constelação do ponto de vista do condutor.

FASES DE UMA CONSTELAÇÃO

Uma Constelação tem início com um problema. Podemos indicar como primeira fase o momento em que surge o problema e este é objetivado, ou seja, passa de uma percepção pessoal e íntima a uma comunicação verbal e não verbal com o condutor. Às vezes esta passagem é imediata, como no caso da constelação já vista: o problema é o insucesso, a dificuldade de ter êxito no mundo do trabalho, da escola, etc. O cliente já possuía uma certa clareza sobre isso. Acontece frequentemente que os clientes não saibam como expressar seu sentimento subjetivo e, neste caso, o trabalho do condutor consiste em traduzir o problema da subjetividade à objetividade. Exemplos de problemas objetivados corretamente, pelo cliente ou pelo condutor, são: “eu e meu pai brigamos continuamente”, “há três anos tenho um relacionamento ruim com meu marido”, “não consigo ter um relacionamento estável”. Também entram nesta categoria todas as doenças que são reconhecidas como neuroses, psicoses ou males físicos. Quando o cliente refere o seu próprio ponto de vista a respeito de uma questão (“não é justo que minha filha não me obedeça” ou “minha mãe influenciou negativamente minhas escolhas”) o condutor imediatamente interrompe a fala e pergunta por eventos factuais relativos à família. Nesta fase reconhecemos a importância de uma atitude que vou denominar de intencionalidade²⁰, isto é a capacidade de orientar nossos pensamentos e ações em uma determinada direção. Resumindo, sem um problema claro e a disponibilidade explícita para enfrentá-lo não se pode recorrer à constelação familiar.

A segunda fase é a colocação dos representantes. Neste momento o cliente, raramente o condutor, acompanha fisicamente os representantes até um determinado lugar no espaço da área usada para a experiência. Vale a pena lembrar que esta é uma decisão completamente intuitiva, o lugar escolhido para colocar os representantes não pode ser decidido racionalmente, caso contrário os representantes logo em seguida, quando iniciam a sentir as reações típicas da técnica, informarão o condutor que aquela posição é falsa. Explicamos melhor este fato: a maioria dos acontecimentos que ocorrem durante uma constelação são possíveis porque seguem um tipo de conhecimento que qualquer ser humano experimenta durante sua vida e que geralmente chamamos de intuição. A intuição experimentada durante uma constelação é particularmente forte e clara, é percebida intimamente como uma sensação específica que nos indica o que fazer. No caso do cliente que coloca os representantes, a intuição manifesta-se como uma imagem ou como uma necessidade de empurrar aquele representante que está deslocando exatamente em uma posição, olhando para um determinado

²⁰ Intencionalidade neste trabalho é sinônimo de desejo, vontade de alcançar um objetivo e não implica necessariamente a dimensão racional.

lugar. Quando ocorre que o cliente não consegue abandonar sua racionalidade e insiste em configurar sua família seguindo uma ideia, o condutor intervém.

A terceira fase é talvez a mais complicada e demorada. Ao longo dela o condutor precisa seguir as evidências que os representantes indicam para relacionar o problema inicial com uma dinâmica familiar objetiva. Às vezes me refiro à constelação como uma técnica, mas neste caso seria mais apropriado considerá-la uma arte ou uma habilidade; recorrendo a uma metáfora poderia afirmar que saber conduzir uma constelação é como saber andar de bicicleta: é uma habilidade que se ganha com pouquíssimo conhecimento e uma sólida experiência. Pode-se descrever em palavras o equilíbrio e os movimentos necessários para dirigir uma bicicleta? Talvez sim, mas não seriam suficientes infinitos livros a respeito pois, para aprender, é preciso subir em uma bicicleta e pedalar. A habilidade básica do constelador é a intuição, mas deixo para um segundo momento uma análise mais aprofundada desta questão. Por enquanto é suficiente dizer que durante esta fase, as pessoas que representam os membros de uma família são interrogadas, deslocadas para outros lugares ou pede-se a elas para dizer frases-chave que descrevem a dinâmica que está se procurando ou que se suspeita ter achado. Vale a pena acrescentar que todos estes acontecimentos são independentes da vontade dos presentes, nem o condutor controla o que ocorre. Os representantes detectam reações no corpo e na mente (dores, falta de ar, tontura, vontade de vomitar, medo, choro, raiva, calor, frio, peso nas costas e, principalmente, vontade intuitiva de se deslocar para outros lugares e olhar em determinadas direções), indicam para o condutor o que sentem em relação a outros representantes; o condutor detecta os olhares, a comunicação não verbal, a configuração geral da família e age de acordo com todas estas informações seguindo sua habilidade específica que é de intuir outras posições e sugerir frases-chave.

A quarta e última fase de uma constelação consiste na solução. O que é chamado de solução é essencialmente uma configuração familiar que se alcança ao longo de todo o procedimento durante o qual as frases-chave desvendaram o emaranhamento. Geralmente, detecta-se a solução quando todos os representantes sentem-se bem, no lugar onde estão, o que, sistemicamente, representa novas dinâmicas na família. Ao contrário de quanto estamos acostumados a conceber na cultura racional moderna, onde a não solução de um problema é uma falha, um erro, na constelação a não solução é uma solução perfeitamente aceitável; de fato, a abordagem fenomenológica impõe certos limites à ação dos envolvidos e se, como indiquei anteriormente, o cliente deve ser movido por uma intencionalidade explícita, o condutor precisa assumir uma postura contrária, que podemos indicar como ausência de vontade, uma condição de espera vazia que possibilita uma intuição maior. Voltarei à

habilidade do condutor em um segundo momento.

Para concluir, quero lembrar que esta separação de fases é puramente descritiva e não corresponde a nenhuma estrutura objetiva da técnica; recorri a ela com o intuito de introduzir assuntos complexos e difíceis de imaginar sem tê-los experimentado pessoalmente. Nos próximos capítulos tentarei aprofundar os temas aqui introduzidos com exemplos tomados diretamente das publicações de Hellinger.

CONDUTOR, CLIENTE, PARTICIPANTES, REPRESENTANTES

Uma constelação familiar pode ser enxergada como uma dinâmica de grupo onde atuam quatro tipos de pessoas: um condutor junto a um cliente e um conjunto mais ou menos numeroso de outros participantes, entre os quais serão escolhidos os representantes do sistema familiar. Cada tipo de participante possui um ponto de vista diferente e uma compreensão muito variável dos fenômenos que se manifestam durante uma sessão.

O papel do condutor é certamente o mais curioso entre todos; frequentemente, quem se aproxima à constelação provem profissionalmente da psicologia clínica ou organizacional, mas é comum encontrar consteladores médicos, filósofos ou de outras profissões, incluindo advogados, administradores, e outros. Na verdade o que é preciso saber para conduzir uma constelação é extremamente reduzido, o que conta é que a habilidade específica, que tentarei descrever em breve, tenha sido desenvolvida em treinamentos, cursos ou grupos de estudo dedicados a tal fim. Em primeiro lugar, o constelador precisa ter um olhar sistêmico, isto é enxergar o grupo familiar de onde o cliente provem e suas dinâmicas específicas (que aparecem graças à técnica e ao empirismo que ela revela); por causa disso, às vezes, as intervenções do condutor parecem duras ou autoritárias, porque para desempenhar sua função é necessário evitar que o cliente confunda uma sua interpretação com um fato sistêmico. Para dar um exemplo desta questão podemos dizer que uma afirmação como “meu pai não me quer bem porque ... ” indica a opinião de uma pessoa, que desvia a atenção da verdadeira dinâmica que liga os membros da família. Aos olhos de um constelador é muito diferente ouvir de um cliente “eu e meu pai estamos brigados” ou ver as reações dos representantes de um pai e seu filho; neste segundo caso trata-se de informações factuais sobre o estado do sistema familiar, enquanto que no primeiro (eu acho que ...) perde-se a visão de grupo e o empirismo específico das configurações familiares.

Diretamente ligada à visão sistêmica está a postura ética do condutor. Neste caso refiro-me à palavra ética com sentido de finalidade, evitando voluntariamente qualquer

acepção de tipo moral. A ética do condutor está ligada à consciência do grupo em exame, isto significa que, ainda que seja uma pessoa só que indica o problema e a vontade de resolvê-lo, o foco da constelação familiar é resolver os problemas sistêmicos do grupo, mesmo quando o cliente não aceita as consequências. De fato é comum assistir a constelações onde o cliente recusa-se no final a aceitar a solução proposta; o objetivo, portanto, da representação é compreender e transformar a dinâmica familiar que deu vida a um sofrimento, não é ajudar o cliente a aceitar seu problema ou, muito menos, confirmar a racionalização que este faz da própria condição.

Em relação à técnica e à metodologia de trabalho faz-se necessário agora enfrentar um dos nós principais da habilidade do constelador: a ausência de intencionalidade. Já tive a oportunidade de dizer que a intenção do cliente para resolver seu problema é uma condição necessária para que a constelação funcione; agora é preciso entender que para o constelador é exatamente o contrário. Posso confirmar este fenômeno porque o vivenciei em primeira pessoa, durante os exercícios²¹ desenvolvidos no grupo de estudo que frequentava; quando o condutor quer intervir seguindo uma opinião pessoal ou uma teoria os resultados são desastrosos, perde o controle dos representantes, não consegue mais ter uma visão sistêmica e, enfim, bloqueia o evento. É extremamente difícil enfrentar este assunto pois a objetividade que estou tentando expressar é no mínimo incomum, porque se trata aqui de considerar objetivos os sentimentos e as sensações que surgem internamente; porém a regularidade, a clareza e a reprodutibilidade destas sensações individuais são tão elevadas e pertinentes que não posso evitar de incluí-los em minha análise. Provavelmente a visão do conjunto que aparecerá após a leitura completa dará mais sentido às partes menos claras.

Uma outra característica da capacidade específica de qualquer constelador é a de ter feito um mapeamento do próprio sistema familiar e de estar ciente dos fatos sistêmicos fundamentais que caracterizam sua experiência de vida. Com efeito, quando alguém se sente afetado pelas dinâmicas que aparecem ou por temas intensos parecidos com o da própria família não pode ser um constelador; não se trata de se sentir superiores aos clientes ou às pessoas que sofrem, muito pelo contrário, é um ato que eu ousaria definir de humildade que coloca todos, condutor, clientes e participantes no mesmo plano evidenciando o que é comum a todos os seres humanos. Poderíamos dizer que, além dos conhecimentos específicos da técnica, grande parte do treinamento de um constelador é um caminho de autoconhecimento, o que implica saberes e experiências demasiado extensas para serem reportadas aqui.

21 O mais comum é uma mini constelação de três pessoas: uma dirige, uma representa a si mesma e a terceira um problema da segunda. A falta de outros representantes impede na maioria dos casos uma solução, porém é extremamente útil para que o condutor afine sua sensibilidade e sua intuição.

Passamos agora a apresentar a constelação familiar do ponto de vista dos outros participantes. A participação do cliente parece quase marginal nas representações de seu sistema familiar, dado que, com exceção do início e do final, durante a vivência o cliente é representado por uma outra pessoa; na verdade é sua intencionalidade que permite o evento, ainda que isso seja de difícil explicação²². O que parece certo é que no final da constelação, qualquer tenha sido seu êxito, o cliente transforma permanentemente sua percepção dos fatos nela enfrentados, ou, ao menos, adquire esta possibilidade. A extensão desta mudança, a aceitação ou recusa da solução, as reações pessoais em geral, dependem muito do cliente.

Aquele que participam sem representar, geralmente o grupo mais numeroso durante uma constelação, observam simplesmente os acontecimentos. É frequente notar que alguns destes participantes observadores reagem com uma intensidade emotiva quase igual à dos representantes do sistema, principalmente quando surgem temas importantes e graves, que afetam a normal capacidade empática. Entre os consteladores que conheci²³, coletei duas diferentes opiniões sobre este fenômeno: uma parte acredita que os participantes reagem desta forma quando o tema tratado é presente em suas famílias, outros pensam que isso não seja necessariamente verdadeiro. Não existem evidências claras a respeito, mas parece-me razoável que as duas explicações coexistem e se completam.

O último ponto de vista da constelação é talvez o mais importante para os objetivos deste trabalho e provem dos representantes. Com efeito, o fenômeno da representação é um novo tipo de empirismo que pode ser estudado com mais objetividade do que o conjunto da técnica ou os seus efeitos. Já pude explicar que as pessoas escolhidas para representar os membros do sistema familiar, a maioria das vezes, não tem contato com o cliente, portanto desconhecem sua família e sua história; não obstante, quando são colocados fisicamente no papel do familiar que representam, inexplicavelmente são capazes de fornecer informações sobre este indivíduo. Levando em consideração minha experiência pessoal como representante e as informações coletadas de outros, posso dizer que este fenômeno não depende da personalidade ou das ideias do representante, dado que pessoas diferentes que representam o mesmo indivíduo reagem de forma essencialmente idêntica. As primeiras vezes que se participa como representante de uma constelação tem-se a impressão de que as sensações percebidas possam provir da própria imaginação ou do próprio sistema familiar; porém estas dúvidas ou curiosidades que a consciência de quem está representado pode

22 Tenho notícias de representações organizadas com o consenso do cliente que, por motivos de saúde, não participa fisicamente ao evento. De novo, é inexplicável como isso aconteça, mas a disponibilidade a realizar a constelação é indispensável.

23 Cerca de dez brasileiros e dois alemães.

produzir, não interferem minimamente com o desenvolvimento da técnica, dado que as informações necessárias são factuais e detectadas pelo condutor. Por exemplo, se alguém que está representando uma mulher percebe que sente muita raiva em relação ao representante do marido, o que conta na constelação é que o condutor saiba disso, seja por meio de uma comunicação verbal da representante, que por meio de uma reação emotiva (choro, olhar, comunicação não verbal em geral); a variabilidade das reações pessoais do representante e todo o leque de racionalizações que sua mente produz para explicar para si o que está acontecendo são irrelevantes. Quem representa tendo uma certa experiência, isto é, sabendo o que está acontecendo, reduz gradativamente o nível de participação individual e deixa que as sensações da pessoa representada se manifestem; quem tende a interpretar racionalmente os acontecimentos ou a relacioná-los à própria família, manifestará frequentemente uma sobrecarga de informações que, em última análise, são desnecessárias. Tudo isso não impede que algumas das sensações percebidas pelos representantes sejam incontroláveis e extremamente poderosas; às vezes, por exemplo, o representante sente uma fraqueza de tal intensidade que sente-se obrigado a deitar-se, ou, em outros casos, crises de riso podem tomar conta de um ou mais participantes por alguns minutos, sem uma razão aparente e sem controle racional possível. Raramente são percebidos ruídos e perfumes.

Para imaginar melhor este tipo de fenômeno, vale a pena dizer que o representante encontra-se em plena posse de suas faculdades psíquicas, não vivencia, em outras palavras, estados de consciência alterados, como hipnótico ou alucinado; quando um representante inventa informações, isto é, se comporta como “deveria se comportar a pessoa que ele representa”, é imediatamente substituído pelo condutor, ou convidado a se recolher e fornecer apenas informações factuais que surgem como sensações intuitivas no corpo. É possível obter uma confirmação de que os dados fornecidos correspondem a informações sistêmicas verdadeiras, e não a fatos hipotéticos, apenas em algumas representações; acontece frequentemente que familiares, amigos ou eventos casuais levam o cliente a descobrir fatos que surgiram na representação mas eram desconhecidos para o próprio cliente ou é possível, em outras ocasiões, que detalhes sobre a vida de pessoas representadas sejam detectados durante a representação e só após revelados pelo cliente.

O fato de que estamos nos deparando com um empirismo diferente dos outros conhecidos e considerados na ciência, é demonstrado por um circunstância muito clara: às vezes o condutor, ao longo do desenvolvimento da técnica, coloca um representante por ele escolhido sem dizer quem exatamente esteja representando; na consciência do condutor é claro que aquele indivíduo irá representar, digamos, a amante do avô do cliente, porque o

próprio cliente comunicou a existência dela durante a primeira fase; os outros representantes, sem informações racionais, apenas olhando para a nova representante, a reconhecem, sentem raiva, se a pessoa representada sentia raiva dela, ou uma ligação afetiva, por exemplo o avô, simplesmente porque percebem que é verdade e isso bem antes que o condutor verbalize sua escolha. A pergunta não é como isso aconteça, mas como é possível que a intencionalidade da escolha do condutor que permanece em sua mente, produza este evento.

ORDENS SISTÊMICAS DA FAMÍLIA

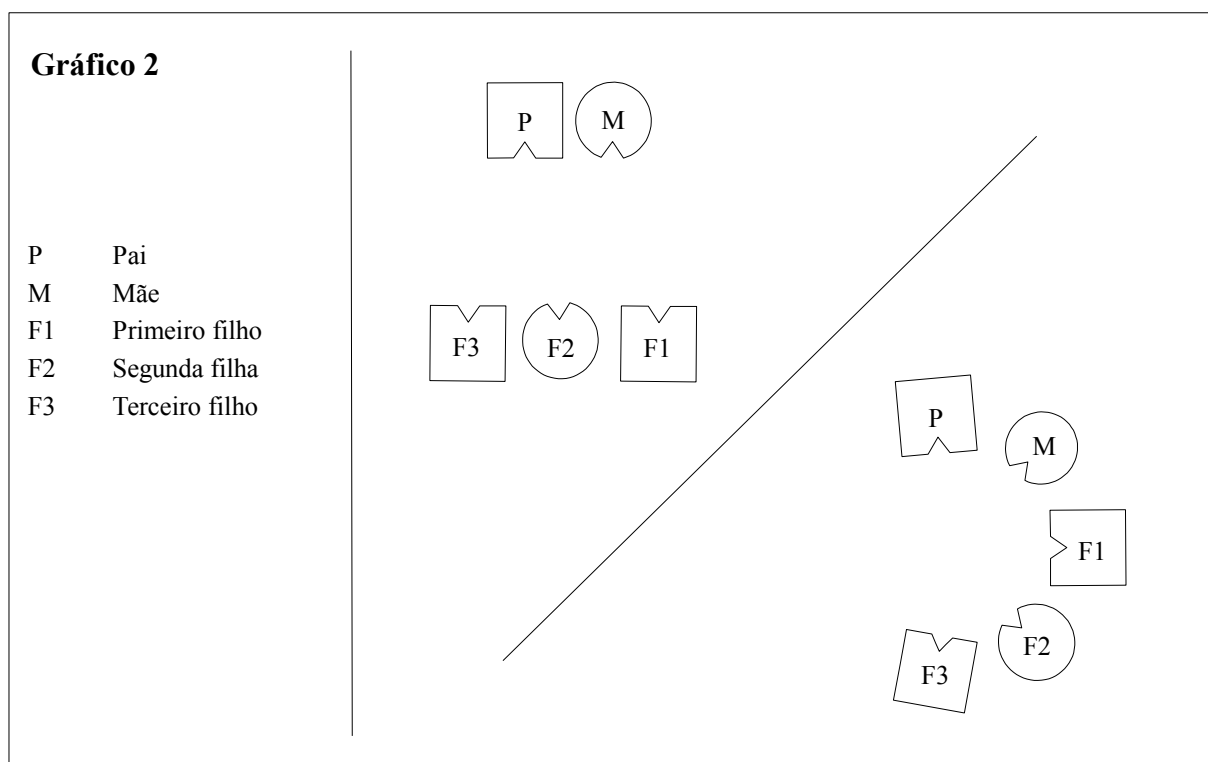
O aspecto das configurações familiares mais difícil de aceitar é, sem dúvida, a existência de leis que organizam e determinam o funcionamento dos sistemas familiares humanos. Estas regras foram empiricamente encontradas por Hellinger durante as primeiras experiências com configurações familiares; observou-se que as reações dos representantes possuem um determinado significado que se repete independentemente de quem está representando, de sua cultura, ideias, religião ou crenças. Associando estas reações a fatos conhecidos dos primeiros sistemas familiares representados, se descobriram dinâmicas repetitivas que independem das relações aparentes entre os membros da família e que atuam com outros fins e seguindo uma lógica estranha e geralmente incompreensível.

É importante ressaltar que as ordens sistêmicas não são de forma alguma teorias sobre como deveria funcionar uma família e não se apresentam como ponto de partida de nenhuma constelação familiar; originam-se, pelo contrário, de observações empíricas, isto é, de reações de indivíduos que representam outros indivíduos desconhecidos e cujos movimentos, falas e sensações são incontroláveis. Atualmente, os avanços e as experiências acumuladas pelos condutores tornam as representações mais rápidas e fluidas, sem necessidade de recorrer a fatos conhecidos da família representadas e, por causa disso, podem parecer encenações pilotadas pelo condutor. Esta é, geralmente, a crítica movida contra os terapeutas que adotam a técnica; contudo, o estudo de como foi sistematizada a constelação familiar e, o que eu pretendo fazer na terceira parte desta pesquisa, das teorias sistêmica e complexa, ajudam a colocar em uma outra perspectiva todos estes fenômenos que, desta forma, podem ser estudados como uma nova forma de empirismo, desafiadora e, por isso, promissora.

Hierarquia²⁴

24 Não existe uma elaboração única ou uma ordem precisa destas leis sistêmicas. Apresento-as aqui segundo o meu entendimento e por meio de minhas definições; até os nomes usados para descrevê-las variam dependendo da publicação ou da tradução.

Quando se colocam os representantes de uma família e se tenta solucionar um problema identificando sua dinâmica básica, descobre-se mais ou menos facilmente que existe uma configuração espacial que é percebida como positiva pelos representantes. Esta configuração é composta pelos pais em primeiro lugar e, em seguida, os filhos começando pelo primeiro até o último e incluindo os abortados e os natimortos, todos em sentido horário. O Gráfico 2 mostra duas possibilidades equivalentes, isto é, que possuem o mesmo significado sistêmico.



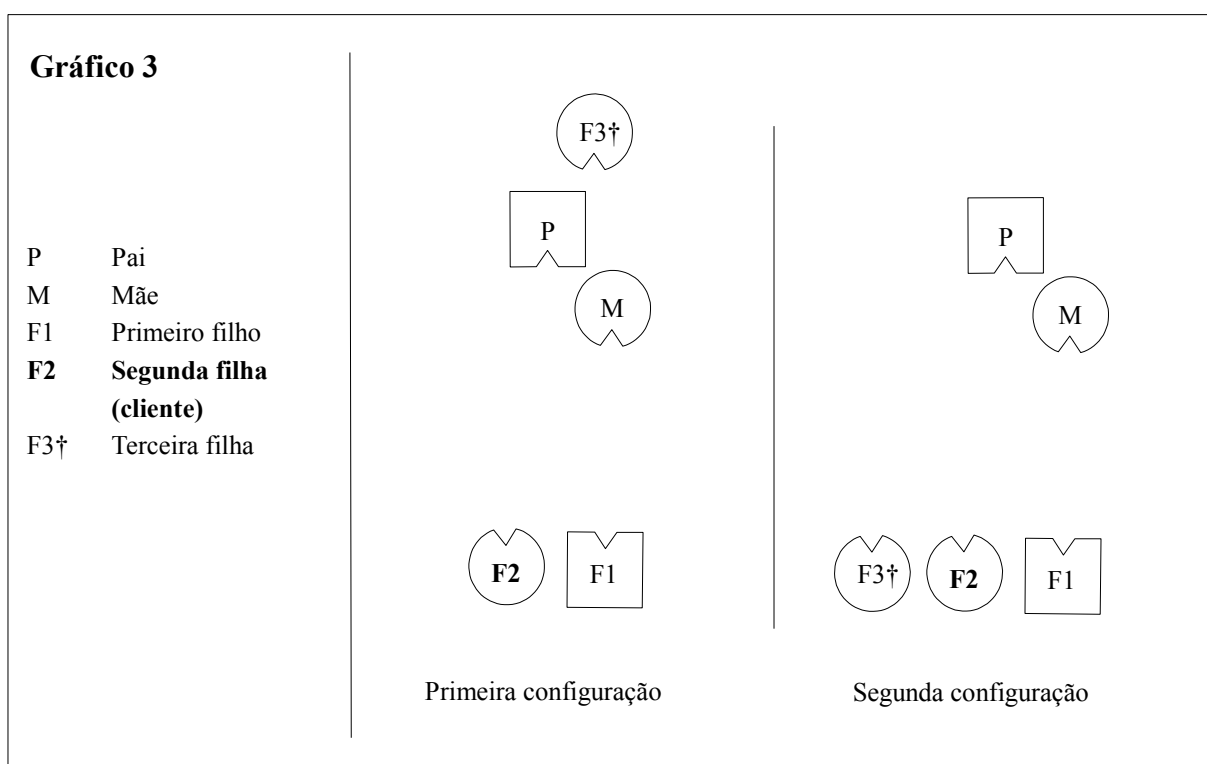
Mas qual é este significado exatamente? Na linguagem da constelação familiar diz-se que “os pais vêm antes” ou seja que, independentemente dos acontecimentos que estão sendo representados, geralmente muito pouco alegres, um fato imprescindível é que não há como haver filhos sem pais e que estes, do ponto de vista da propagação da vida, assumiram completamente e perfeitamente seu papel, ainda quando as relações familiares posteriores ao nascimento são desastrosas ou trágicas. Portanto, os pais instauram com os filhos uma relação de superioridade, definida por uma precedência temporal (nasceram antes) e, por assim dizer, existencial (na nossa espécie os recém nascidos precisam dos pais para sobreviverem).

Quando os representantes, frequentemente no final de uma representação, se encontram nesta posição sentem-se bem, em equilíbrio com os outros e consigo, mas se isso não acontecer, outras configurações podem ser usadas, por exemplo com a mãe no primeiro lugar. De fato, o método das constelações familiares inicia sempre e sem exceções como uma *tabula rasa* para encontrar a confirmação ou a variação destas ordens aqui descritas. Esta é a

essência da abordagem fenomenológica que introduzi anteriormente. Os representantes dos membros familiares indicam claramente se a posição que ocupam é essencialmente “boa” ou “ruim”, confirmam as intuições do condutor e “sentem”, no sentido mais amplo da palavra, sensações específicas sobre sua posição e orientação.

EXEMPLO 1 (HELLINGER, 2004, p.336 e seguintes)²⁵

Astrid é diabética e sofreu um transplante de rins. Ela é a segunda de três filhos; a terceira, sua irmã mais nova, morreu poucos dias após o nascimento por causas não claras. Hellinger pede à cliente para colocar os representantes de pai, mãe e filhos; em seguida pergunta a todos os representantes como estão se sentido e decide operar uma mudança. O próximo gráfico mostra as primeiras duas configurações.



No início todos estão desconfortáveis; quando a terceira filha é deslocada Hellinger, novamente, pergunta aos representantes quais são as reações.

H: O que mudou para os pais?

P: Sou muito mais livre, mesmo se aqui, na direção de minha mulher, me sinto ainda muito apertado. Consigo respirar fundo e muito melhor.

H: Como está agora a mãe?

M: Aliviada.

²⁵ A citação é resumida em algumas parte e literal nos gráficos e diálogos.

F2: Eu também estou melhor.

As duas irmãs se entreolham e riem

H: O que aconteceu entre vocês?

F2: É bom ter ainda alguém assim.

H: *Ao grupo* Tenho múltiplas imagens desta família. A primeira é que a mãe quer sair da família, quer seguir a menina que morreu. A segunda imagem é que a filha mais velha quer impedir, indo ela no lugar da mãe. A terceira imagem é que a irmã mais velha também quer seguir a irmãzinha.

[...]

H: Agora coloco a mãe ao lado do pai. Como é agora?

P: Sinto-me puxar para direita.

H: Pode ser que o pai queira ir embora. Algo o arrasta. Tenta se colocar perto da filha que morreu e vê como é.

P: Sim, é bom.

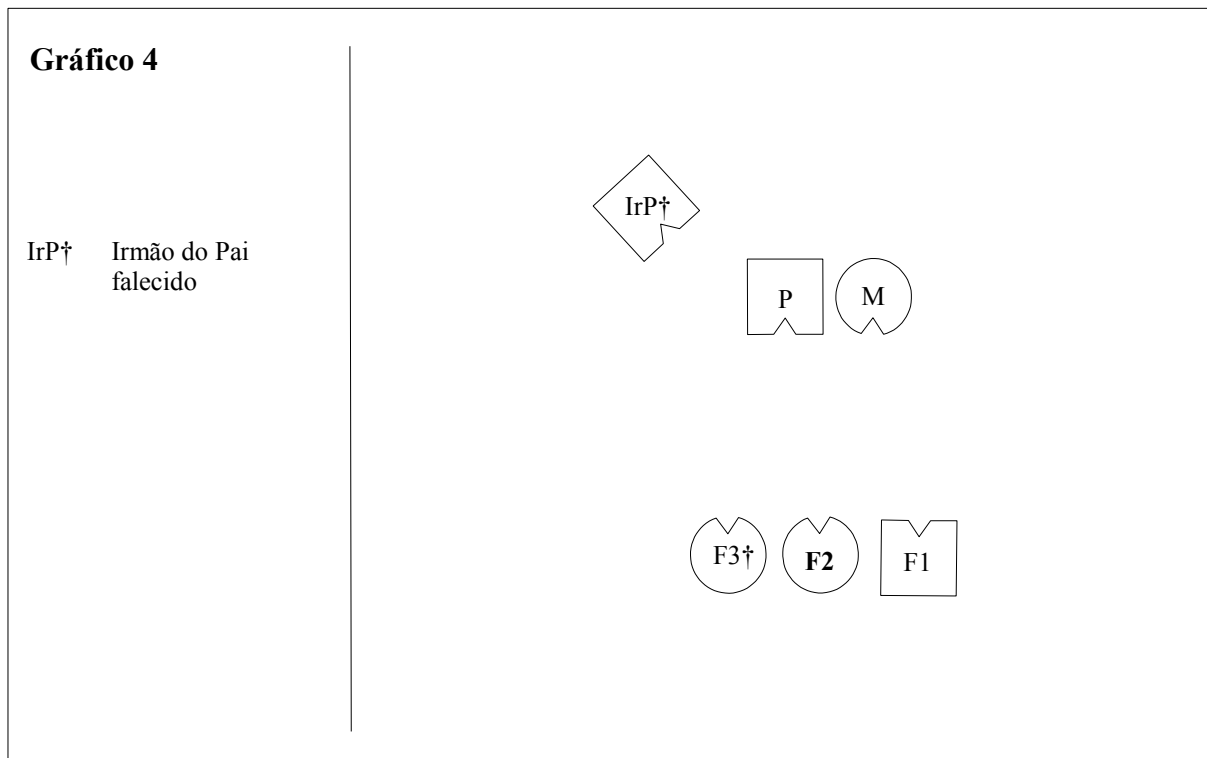
H: A Astrid O que aconteceu na família do seu pai?

Astrid: Um irmão mais novo do meu pai morreu durante a guerra, de pneumonia, de forma completamente imprevista.

Um dos fatos significativos aqui, percebidos por Hellinger, é que o desequilíbrio gravita ao redor da figura paterna (sinto-me puxar a direita). Além disso, a explicação que Hellinger dá ao grupo é muito valiosa para este estudo, pois mostra que seu tipo de intuição, como ele confirma em outros livros, é imagético no sentido de que ele percebe intuitivamente uma ou mais imagens da configuração familiar que o guiam durante o processo para deslocar os representantes ou indicar algumas falas. Esta também é uma técnica fenomenológica: mesmo se a intuição surge na subjetividade do condutor, ela depende dos fenômenos desencadeados pelas representações e se torna possível graças à habilidade de intervir sem querer intervir, sem interpor ideias, teorias ou até experiências prévias. É óbvio que, à medida que se acumulam empirismos, surgem induções legítimas; foi assim que pensou-se pela primeira vez nas ordens e conseguiu-se observá-las. O que estou tentando sublinhar é que ignorar estes resultados é imprescindível para dar início a uma nova constelação. Se o

condutor usasse os conhecimentos para observar um sistema familiar, cairia em um formalismo estéril e a representação não faria mais sentido.

Voltando à constelação em análise, a notícia de um irmão do pai morto em guerra junta-se à percepção intuitiva que alguém está faltando à direita do representante do pai²⁶, desta forma se descobre o passo seguinte para continuar a constelação familiar.



H: O que mudou?

P: Agora estou bem. O fluxo para direita desapareceu.

Em seguida Hellinger pede à cliente para entrar na constelação no lugar de sua representante; pergunta o nome da irmã falecida e pede à cliente para repetir várias vezes “Querida Maria, eu sigo você”. Esta frase-chave descreve a vontade sistêmica oculta que empurra a cliente em direção à morte.

H: De novo!

Astrid: *À irmã* Eu sigo você com amor.

H: É verdadeira a frase?

Astrid: É.

H: Como está agora a irmã falecida?

²⁶ Vale a pena ressaltar que, apenas em decorrência do posicionamento inicial feito pelo cliente, o representante estava sentindo falta de alguém que ainda não havia sido mencionado.

F3†: Não muito bem.

H: Exato

F3†: Não preciso dela.

H: *Ao grupo* Esta é a decepção.

A constelação demora ainda muito tempo e, basicamente, concentra-se na relação entre a cliente e sua irmã e sua mãe. As frases chaves pronunciadas por Astrid são do tipo “Querida mãe, eu fico aqui”, repetidas com muita emoção até quando tornam-se naturais²⁷.

FIM DO EXEMPLO

A dinâmica básica descoberta nesta constelação é geralmente indicada com a expressão “eu sigo você”. Sistemicamente, a constelação mostra quando um membro de uma família quer morrer e também indica claramente quando um outro membro quer seguir o mesmo destino; neste caso, o falecimento da terceira filha age inconscientemente sobre sua irmã, a cliente, que apresenta, na constelação e na vida real, tendências de morte.

As representações familiares mostram que as crianças, até os fetos, possuem uma consciência sistêmica²⁸ completamente desenvolvida. De fato, quando se representam crianças, vivas ou mortas, as reações dos representantes mostraram como estas estão ligadas aos pais biológicos, indica também que operam escolhas claras sempre em defesa dos pais. Na linguagem da constelação familiar é muito comum ouvir a palavra “amor” para indicar um sentimento que une não apenas um casal, mas a família toda; este amor se manifesta até por meio de eventos terríveis, como abortos ou mortes violentas, durante os quais as crianças, que são inferiores do ponto de vista da primeira ordem, se sacrificam no lugar dos pais. Assim é indicada a dinâmica “eu vou no teu lugar”.

Para esclarecer melhor este aspecto é necessário lembrar que as dinâmicas reveladas nas representações, como a vontade de seguir um morto, ou seja de morrer, correspondem, no mundo concreto a um leque muito variado de possibilidades. Empiricamente se conseguiu associar algumas vezes, quando informações sobre os eventos de famílias estudadas eram disponíveis, que a representantes que manifestavam a vontade de sair do sistema

27 Hellinger (2004, p.345) afirma que quatro meses após o evento relatado em seu livro, Astrid lhe enviou uma carta onde reportava, entre as outras coisas, que uma série de infecções que a incomodaram por três anos tinham acabado repentinamente e que o novo ponto de vista que veio à tona na representação estava transformando sua compreensão de sua vida e de suas doenças.

28 A consciência sistêmica ou coletiva refere-se, como mostrarei na terceira parte, a uma capacidade sensorial que indica ao indivíduo, consciente ou inconscientemente, como deve agir para permanecer incluído em um grupo.

correspondiam membros da família que faleceram ou que teriam falecido; a modalidade deste falecimento, por exemplo por doença, acidente ou outros eventos aparentemente aleatórios, não altera a essência do fato no seu contexto sistêmico e familiar.

A hierarquia dos sistemas familiares aparece, portanto, em dois contextos aparentemente distintos, mas unidos pelo mesmo sentido: por um lado a ordem pai, mãe e filhos, com tudo o que isto comporta, e, por outro lado, as escolhas inconscientes dos elementos mais fracos do sistema, as crianças, de se sacrificarem no lugar dos pais. A decepção que surge na última linha significa que a vontade inconsciente da cliente de seguir a irmã revela-se inútil: a representante desta, ao escutar a frase que detecta a dinâmica “eu sigo você” reage negativamente, isto é, informa e mostra à irmã que seu sacrifício infantil e inconsciente é inútil. Quem usa as constelações familiares como instrumento terapêutico acredita que informações como esta possam trazer uma mudança positiva na vida dos clientes.

Pertencer

Uma outra evidência que as configurações familiares proporcionam é que o sistema familiar não suporta a exclusão de um seu membro. A exclusão no mundo concreto consiste em afastar um indivíduo de seu grupo familiar e, geralmente, isso acontece quando, por uma questão ligada à moral vigente em uma cultura, alguém não é considerado igual aos outros e é fisicamente afastado da família e esquecido. Se imaginarmos o sistema familiar como um equilíbrio de forças entre os membros que o constituem, podemos visualizar a exclusão como uma forte perturbação que é compensada por um outro membro da família uma ou duas gerações depois; este último se identifica inconscientemente com o excluído e repete sem querer o destino dele, qualquer que seja.

No simbolismo de uma representação, a exclusão de um antepassado é detectada de várias formas: uma muito comum se reconhece quando o cliente coloca o excluído por trás do identificado, ou quando o condutor suspeita uma identificação e coloca um representante na mesma posição, às vezes sem saber exatamente quem ele representa. Ocorre também que o excluído não seja nem sequer conhecido pelo cliente, pois foi literalmente esquecido; neste caso a falta de um familiar é percebida por todos os representantes e se manifesta com uma sensação de inquietude e agitação que desaparecem no exato momento em que um representante é colocado intuitivamente na configuração.

O fenômeno da exclusão/identificação, que representa o aspecto mais surpreendente da ordem sobre a pertence, é, ao mesmo tempo, a dinâmica mais objetiva e verificável dos sistemas familiares, não apenas porque seu empirismo é muito claro no contexto da técnica,

mas também porque verifica-se com uma certa frequência e eu mesmo presenciei várias constelações que a abordaram.

EXEMPLO 2 (HELLINGER, 2004, p.47 e seguintes)

Robert é um consultor de empresas, foi deixado pela mulher; quando inicia a falar chora e tende a fechar os olhos; Hellinger insiste para que fique de olhos abertos.

Hellinger: Há quanto tempo está separado?

Robert: Seis meses.

H: Quem se foi?

R: Ela.

H: O que aconteceu?

R: Ela não queria mais.

H: Presta atenção ao sentimento que você tem neste momento. Quantos anos tem?

R: Acho que é muito velho.

H: Quantos anos tem a criança que tem este sentimento? *Ao grupo* Vocês podem saber se olharem para ele. *A Robert* Segundo você, quantos anos tem a criança?

R: Três anos.

H: O que aconteceu quando você tinha três anos?

R: Minha irmã mais nova faleceu.

H: Sua irmã. É isso. *Ao grupo* Aqui temos um deslocamento no presente de uma velha situação e um velho sentimento. Com estes sentimentos não se pode trabalhar no presente. Têm que permanecer em seu lugar e é ali que devem ser enfrentados. *A Robert* Agora colocamos a configuração da sua família atual.

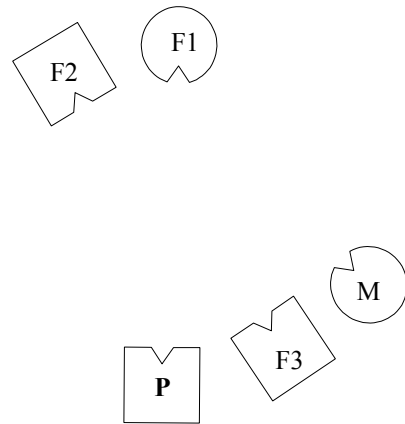
R: Não, não agora. *Solução*

H: Te dou a última possibilidade.

Robert monta a constelação.

Gráfico 5

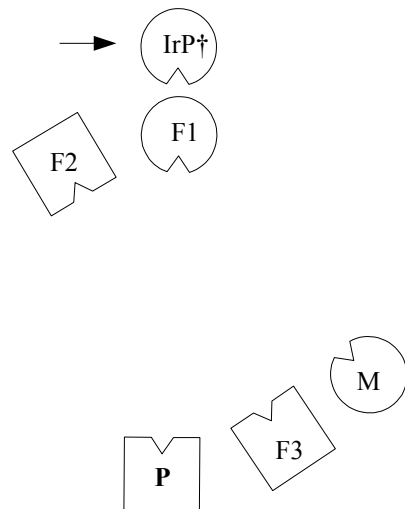
P Pai = Robert
M Mãe
F1 Primeira filha
F2 Segundo filho
F3 Terceiro filho



Hellinger pergunta aos representantes como se sentem ocupando suas posições e eles indicam se se sentem bem ou mau e com que outro representante sentem uma ligação. Por exemplo, o representante do cliente informa que não percebe nenhuma relação com a mulher, apenas com a filha, que ocupar aquele lugar é ruim porque sente-se perdido. Em seguida, Hellinger pede ao cliente para inserir uma representante da irmãzinha morta.

Gráfico 6

IrP† Irmã do pai morta



H: *Ao grupo* Percebe-se que a filha é identificada com a irmã mais jovem.

Para ele representa a irmã falecida

O que mudou para o pai?

P: Senti um calafrio pelo corpo todo.

H: Como está a filha, melhor ou pior?

F1: Mais emocionada

H: Como está a mulher agora?

M: Algo ficou claro. Tenho a sensação de que agora deveria entrar aqui. Por isso estou diferente de antes, na realidade melhor.

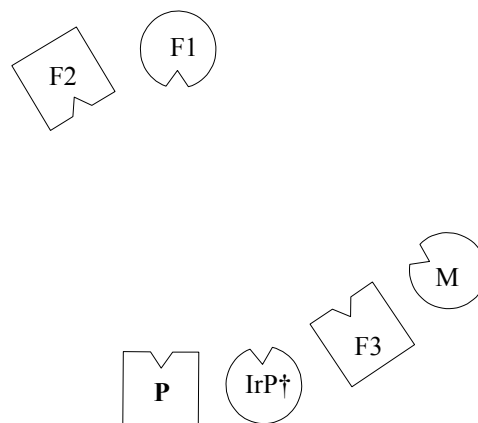
H: *Ao grupo* Aqui a irmã é a pessoa mais importante. Um sistema é perturbado quando, por alguma razão, falta uma pessoa importante. Frequentemente é um irmão do pai o da mãe morto jovem. Logo que se adiciona esta pessoa, entra uma nova energia no sistema. Só depois algo pode mudar.

H: Como está a irmã falecida?

IrP†: Não sei dizer.

Hellinger coloca a irmã morta ao lado do irmão.

Gráfico 7

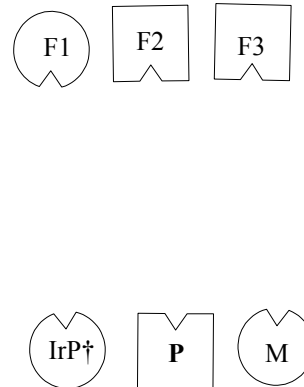


H: Como está a mulher agora?

M: É incrível, mas agora posso virar-me para meu marido.

Hellinger muda a configuração, mas o pai indica que prefere que a mulher e a irmã trocassem de lugar. Hellinger experimenta a mudança e propõe a solução final.

Gráfico 8



P: Assim é bom.

M: Agora é diferente e é melhor.

IrP†: Bem.

H: Como estão os filhos?

Filhos: Bem

[...]

H: *A Robert* Agora tome seu lugar

R: *Quando entra na configuração* Não entendo isso.

H: Não é necessário que você entenda, basta que se coloque aí.

Robert balança a cabeça

H: *Ao grupo* Conseguem ver como é difícil a solução? Como resiste à solução? Assim as coisas acontecem. É isso aí.

FIM DO EXEMPLO

Neste exemplo podemos observar como a consciência do sistema familiar atua nos seus membros; segundo o ponto de vista das constelações familiares, esta consciência coletiva manifesta-se nos sentimentos profundos, isto é, às vezes inconscientes ou reprimidos, de culpa e inocência. O que o representante do cliente mostrou foi uma forma de fidelidade com a irmã e um senso de culpa por ele ter uma vantagem em relação a ela. Às vezes Hellinger afirma que isto pode ser visto como o resultado de um pensamento mágico ancestral que faz com que o irmão acredite que não pode ter o que a irmã não teve. “Quando se verifica um caso destes, quem se encontra em vantagem não aceita o que poderia ter, porque quer compensar. O homem portanto não toma sua vida, nem sua mulher, porque quer estar em equilíbrio com sua irmã. [...] Por trás deste comportamento age a crença mágica que sua irmã esteja melhor se ele se dá mal e que ela viva se ele morre” (HELLINGER, 2004, p.52).

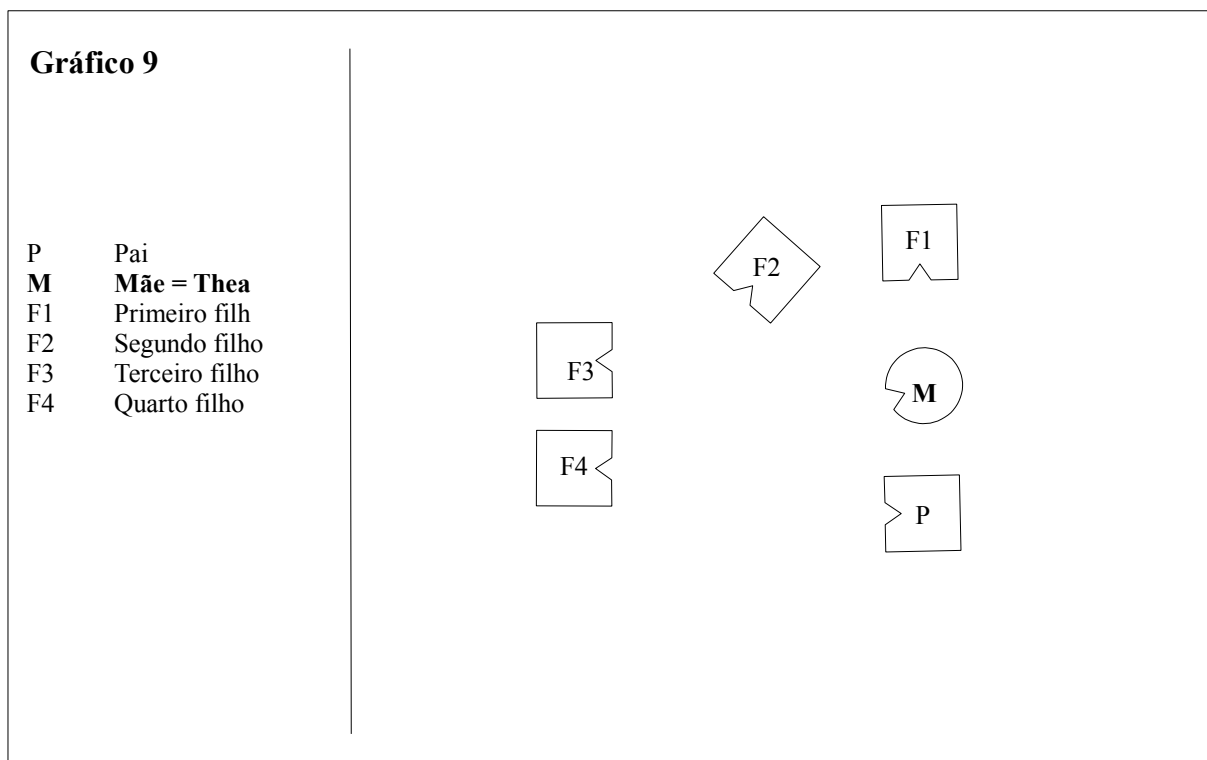
Espero que com este exemplo possa se esclarecer a diferença que se passa entre os acontecimentos concretos trazidos pelos clientes e, por assim dizer, o simbolismo da constelação familiar: se o problema neste caso era o relacionamento com a mulher, sistemicamente podemos afirmar que sua origem reside na dinâmica oculta entre irmão e irmã falecida. Em outras constelações se descobre a mesma dinâmica como origem de outras formas de se recusar a viver, como tentativas de suicídios, perda de dinheiro, acidentes de vários tipos e outras, mas o que é importante reconhecer é o novo sentido que os eventos da vida adquirem neste contexto. Os eventos que geralmente são atribuídos a escolhas mais ou menos racionais ou a acasos imponderáveis, aparecem aqui como necessidades do sistema familiar, como uma consciência que supera e retroage sobre seus membros.

Da mesma maneira aparece evidente que os indivíduos que se encontram na situação do cliente acima mencionado percebem os fatos de sua existência ou ligados a suas escolhas ou determinados pelo acaso; a configuração familiar revela informações sobre uma lógica de grupo que não é percebida, porque oculta, e que ignora as necessidades, os sofrimentos e as ideias dos indivíduos.

EXEMPLO 3 (HELLINGER, 2004, p.71 e seguintes)

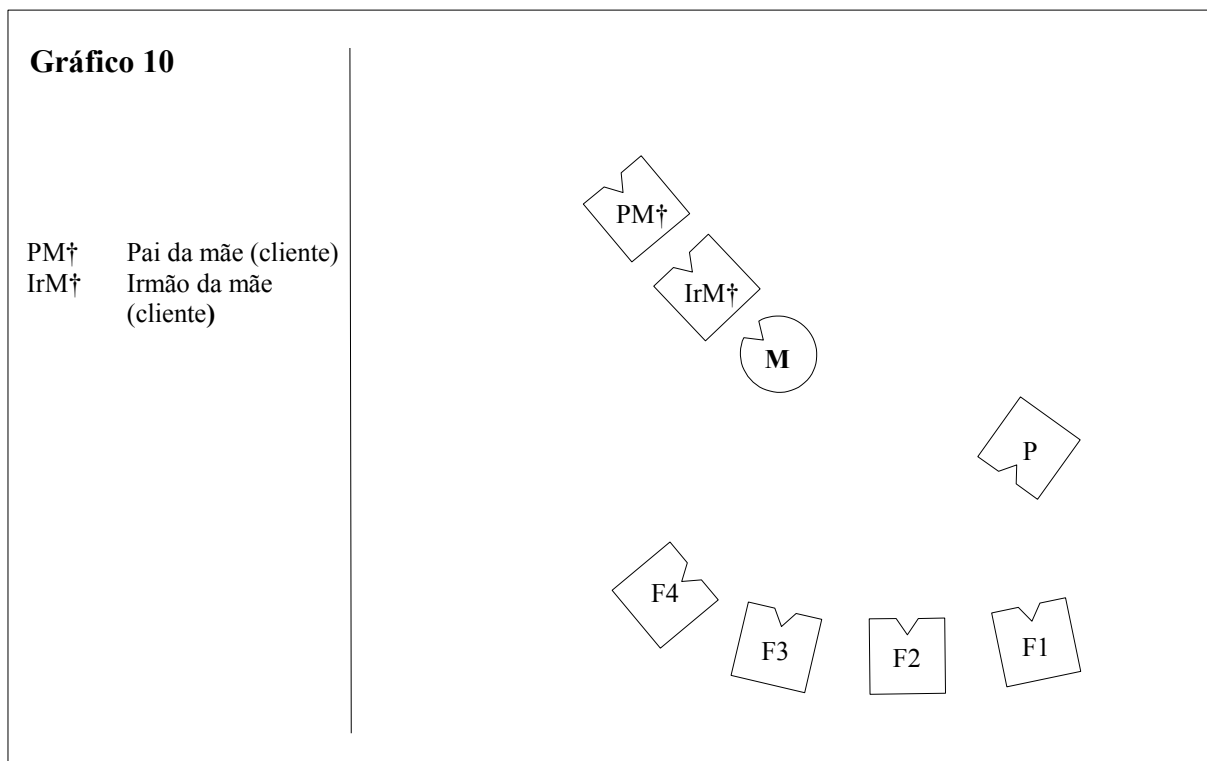
Thea é casada, mãe de quatro filhos e professora de religião; na constelação transcrita, da qual vou extrair as passagens fundamentais, Thea comunica que a lembrança do irmão suicida, com o passar do tempo, está incomodando-a cada vez mais. Com algumas perguntas Hellinger descobre que o irmão suicidou-se com vinte e nove anos de idade, vinte e três anos antes; Thea informa que “desde sempre tenho a sensação de viver às suas custas”. Hellinger

pergunta se um de seus filhos quer imitar o tio, pede informações sobre os pais dela e descobre que o pai morreu em guerra com trinta anos e que o irmão suicidou-se poucos dias antes de seu trigésimo aniversário. Também se descobre que a mãe da cliente, quando foi informada da morte do marido, reagiu com pensamentos suicidas (“Se perdemos a guerra [...] nos jogamos no rio e matamos toda a família”). Estes fatos são as bases para montar uma configuração familiar, assim Hellinger pede a Thea para escolher e posicionar os representantes.



As reações dos representantes revelam um desconforto geral e particularmente significativas são as informações da representante da cliente que afirma de não conseguir olhar para os representantes homens, isto é o resto da família, e acrescenta em seguida: “Não tenho braços – são tão pesados – e não posso olhar para cima. Devo sempre olhar para o chão”. Quando um representante sente-se compelido a olhar para baixo, significa que está olhando para um morto; como já indiquei esta reação é incontrolável, mas serve ao condutor porque significa que precisa acrescentar um elemento do sistema para poder continuar a constelação. Neste caso trata-se do irmão e do pai falecidos. Hellinger muda a configuração colocando pai e filhos quase em círculo e girando a mãe para fora, o que significa o afastamento do sistema; todos afirmam que a posição é percebida positivamente, ou seja, esta configuração é uma possível solução. Na constelação familiar o simples fato de que os representantes sentem-se bem ocupando seus lugares corresponde a uma mudança no sistema familiar, qualquer que sejam os efeitos concretos. A cliente pode ver que a dinâmica básica de

sua vida é seguir o pai e o irmão, isto comporta, dependendo da intensidade com que se manifesta esta força, querer morrer, sair da família, adoecer, etc. Hellinger, que percebe estes fatos, seja pelas reações dos representantes, que pelas intuições que se manifestam em sua intuição, adiciona os dois falecidos à frente de Thea.



H: Como está a mulher?

M: Está bem para mim, ficar assim atrás do pai e do irmão.

H: Esta é fidelidade. Ela segue o pai e o irmão. [...] Como está o pai nesta situação?

P: As coisas estão no lugar.

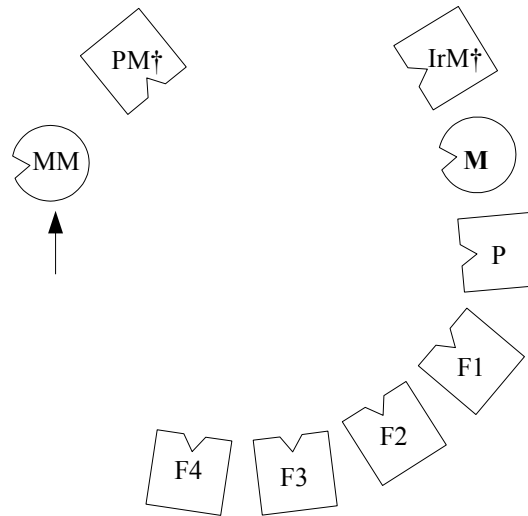
H: E o irmão?

IrM†: Eu também sinto isso.

Hellinger experimenta uma outra configuração, e em seguida adiciona uma representante pela mãe da cliente.

Gráfico 11

MM Mãe da mãe



A constelação acaba e Hellinger, respondendo a perguntas do grupo, explica que quem mata ou quer matar perde o direito de pertencer ao sistema. De fato, os assassinos não são tolerados no sistema de origem e, incrivelmente, se juntam à vítima e à família dela; o empirismo das representações é interpretado assim: os representantes dos agressores ficam ao lado da vítima, geralmente após uma constelação durante a qual ocorre a reconciliação, e percebem como positiva sua posição. Nos desenvolvimentos mais recentes do trabalho de Hellinger grande espaço é dedicado a relações entre vítimas e agressores, principalmente em contextos de guerra, limpeza étnica, e massacres históricos; é, a meu ver, um assunto interessante e valioso para as ciências sociais, mas demasiado amplo e heterogêneo para ser tratado aqui.

FIM DO EXEMPLO

Para concluir esta seção sobre a lei do pertencimento, reporto uma lista de quem pertence ao sistema familiar (HELLINGER, 2004, p.96 e p.319) do ponto de vista de quem lê ou de um hipotético cliente. Se isso não ficou claro até agora, por sistema familiar entende-se uma comunidade de destino, isto é de pessoas unidas por eventos significativos, laços biológicos e culturais. Todos os elementos do sistema afetam os outros, de forma inócua, positiva ou negativa. Pertencem a ele:

- irmãos, incluindo adotivos, mortos e natimortos

- genitores, incluindo irmãos deles
- avós, mais raramente bisavós e seus irmãos
- de todos estes ancestrais são particularmente importantes aqueles que tiveram um destino difícil, por exemplo excluídos, esquecidos e menosprezados
- pertencem também ao sistema familiar todos aqueles que deixaram o lugar para outros como ex-namorados de pais e avós e amantes, pai e mãe dos irmãos adotivos
- quem sofreu uma injustiça, uma perda ou uma desvantagem causadas por um membro do sistema ou quem contribuiu para a vantagem de um membro do sistema e em seguida sofreu uma injustiça, como dependentes, sócios ou escravos.
- assassinos e carnífcies juntam-se ao sistema de suas vítimas

É importante ressaltar que a vizinhança física entre os membros ou até o conhecimento de sua existência não tem a importância que nós atribuímos racionalmente a este fato, como no caso de filhos adotivos que, não sabendo de sua condição, são sujeitos às regras sistêmicas dos pais biológicos

Equilíbrio das trocas ou dar e tomar

As reações dos representantes durante uma constelação nos mostram que existe uma necessidade instintiva de compensar o que se recebe ou se dá, qualquer que seja o objeto desta troca; o aspecto mais radical relativo a esta dinâmica pode ser observado entre pais e filhos em relação à própria vida, no sentido de existência: os filhos, com efeito, existem por causa do relacionamento dos pais e recebem, além da vida, os cuidados indispensáveis na espécie humana durante um número variável de anos. Este dom, e uso esta palavra sem qualquer sentido moral ou emotivo, não pode ser revertido ou compensado de par a par e a sensação profunda de desequilíbrio percebida por qualquer criança torna-se a base, quando adulta, para se tornar genitor e compensar assim a dinâmica. Uma situação semelhante pode ser observada entre mestres e aprendizes, pois os conhecimentos que o aprendiz recebe não são imediatamente trocáveis, apenas se tornando mestre e passando adiante os saberes acumulados a compensação acontece. Percebe-se facilmente que a dinâmica aqui descrita está estritamente ligada à ordem da hierarquia já analisada.

Em todas as outras relações de troca, entre membros da mesma família ou não, a necessidade de compensar algo recebido ou dado está à base de muitas ações humanas e pode ser facilmente detectada por meio de uma representação familiar.

EXEMPLO 4 (HELLINGER, 2004, p.187 e seguintes)

Hellinger: Posiciona a tua família atual, todos os homens, as mulheres e as crianças

Brigitte: Atualmente estou casada pela segunda vez. Meu primeiro marido se separou da gente e posteriormente faleceu.

H: Porque vocês se separaram? Aconteceu algo?

B: Estudei psicologia e terminei. Não precisava mais dele.

H: Neste caso emerge a lei da compensação. Se em um casamento alguém está ainda aprendendo uma profissão e o outro cuida dele, em seguida quem foi ajudado se afasta, porque não pode mais compensar. [...] Também quando a mulher paga os estudos universitários ao marido, durante o matrimônio, ele a deixa logo após terminar. Você deve algo a ele.

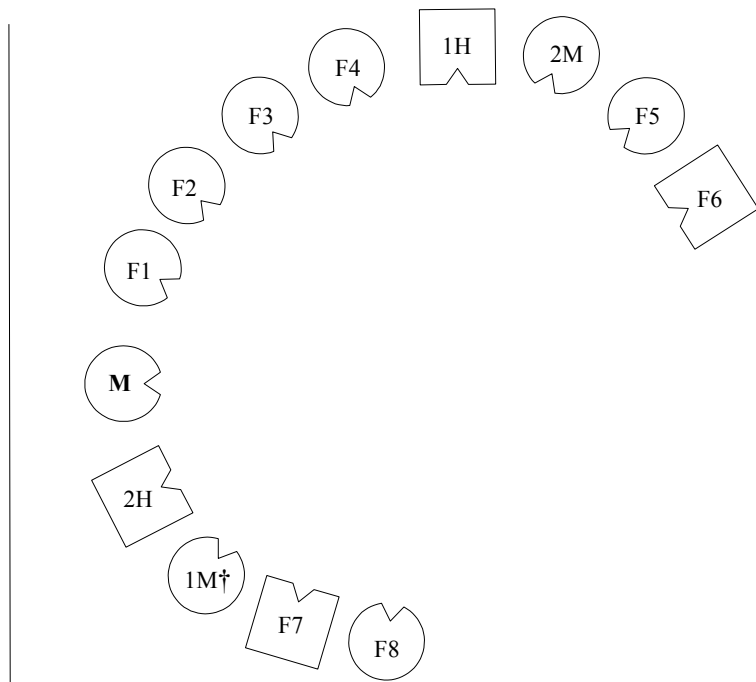
B: Tenho lembranças muito claras dos erros dele. Contudo sei que lhe devo alguma coisa ainda.

H: As lembranças são seletivas.

No resto do diálogo descobre-se que o primeiro marido da cliente casou-se novamente e teve dois filhos e que o segundo marido trouxe dois filhos de seu primeiro casamento. Nesta constelação Hellinger propõe imediatamente uma configuração possível, acelerando todo o processo.

Gráfico 12

1H	Primeiro homem, pai de 1-6
M	Mulher, mãe de 1-4 (cliente)
F1	Primeira filha
F2	Segunda filha
F3	Terceira filha
F4	Quarta filha
2M	Segunda mulher do primeiro homem
F5	Quinta filha
F6	Sexto filho
2H	Segundo homem, pai de 7 e 8
1M†	Primeira mulher do segundo homem, mãe de 7 e 8
F7	Sétimo filho
F8	Oitava filha



Em seguida, pergunta aos representantes como se sentem; todos reagem positivamente menos a representante da cliente que afirma “Não estou bem. Tenho a sensação de ser sufocada. É demais para mim. Quero um círculo menor”. A primeira filha comunica querer ir na direção do pai. Hellinger gira a representante da cliente para direita, de modo que olhe para seu marido atual (2H) e deixe suas primeiras filhas às costas.

M: Assim é melhor, muito melhor. Sinto-me um pouco triste por ter perdido as filhas. Tenho um forte sentimento para com elas.

H: Você as perdeu. Elas pertencem ao primeiro marido, ao sistema dele. Não pode tirá-las dele.

A constelação continua com a cliente que pega seu lugar na configuração e outros movimentos.

FIM DO EXEMPLO

Neste caso, um fragmento de uma constelação familiar mais demorada e complexa, podemos ver um exemplo prático dos efeitos da terceira ordem em um casal. Do ponto de vista racional não existe nenhuma ligação entre a escolha de pagar os estudos de um parceiro e a possibilidade que este se afaste do relacionamento, porém, quando as dinâmicas são detectadas por meio de representantes, suas reações mostram os sentimentos profundos e as implicações sistêmicas de determinadas decisões. Vale a pena pontualizar que, quando

Hellinger ou outros condutores pronunciam frases de tom fatalista, por um lado usam estas afirmações para mostrar ao cliente as extremas consequências de suas dinâmicas familiares, pelo outro, indicam uma possibilidade a ser confirmada pelo empirismo da técnica. Insisti o suficiente sobre este aspecto e não vou demorar muito mais, é apenas oportuno lembrar que, neste como em outros casos, é a fenomenologia espontânea das representações que ajuda a ver os fatos sobre outros pontos de vista e permite enxergar relações não reconhecíveis verbalmente.

Conclusão

Tentei apresentar nesta parte da monografia minha experiência e meus conhecimentos sobre as representações sistêmicas. O desafio de descrever e analisar um fenômeno que se afasta muito de nossas percepções mais frequentes vale o esforço, se sua apresentação pode se tornar uma oportunidade para reobservá-lo de um outro ponto de vista mais objetivo e reflexivo. A escrita desta parte resultou em uma certa dificuldade de expressar conhecimentos pouco verbalizáveis, como a intuição ou o fenômeno da representação, contudo acredito ter apresentado vários elementos e exemplos que comunicam bem o que acontece e como se desdobra uma constelação.

Parte III
Convergências e reflexões

Capítulo 1: Representações sistêmicas: um método complexo?

Do ponto de vista científico, existem três aspectos de difícil explicação → compreensão relacionados aos fenômenos tratados na segunda parte deste trabalho, que poderiam abrir o caminho para teorias e práticas complexas; o primeiro destes refere-se às informações e às reações que os representantes manifestam durante uma constelação. Neste caso foram acumuladas suficientes evidências que confirmam a completa independência entre as informações fornecidas e os representantes que as fornecem, pois pessoas diferentes manifestam reações iguais ao representar o mesmo membro da família. Além disso, na grande maioria dos casos, os representantes não conhecem nada a respeito do indivíduo que representam e frequentemente fornecem dados pontuais que só em seguida são confirmados pelo cliente.

Assisti a uma representação, por exemplo, onde uma mulher representava a avó suicida do cliente; a representante, logo após a colocação no espaço da representação, referiu ao condutor que ouvia um espécie de ruído muito incômodo no ouvido direito e, em seguida, continuou a representação até o final. Durante o intervalo o cliente, conversando com alguns participantes, informou que a avó representada tinha atirado na própria cabeça com uma pistola. Este caso, e muitos outros semelhantes, indica que algumas informações específicas sobre eventos ou características de pessoas transmitem-se para os representantes; é inútil dizer que nenhuma teoria vinda de qualquer área científica²⁹ é capaz de explicar eventos assim e, na verdade, não é este o problema principal. Com efeito, não podemos ter a presunção que a ciência possa explicar tudo, principalmente se consideramos do ponto de vista complexo a rigidez do paradigma reducionista agora dominante.

O grande problema, a meu ver, é que o fenômeno da representação invalida muitos princípios considerados absolutos pela física e pela biologia, demonstra como uma informação pode se transmitir sem suporte aparente ou obriga a pensar a existência de um

29 O biólogo Rupert Sheldrake teorizou em seu livro *A new science of life* a existência de campos mórficos que, como o campo gravitacional e eletromagnético são propriedade da matéria, seria uma propriedade dos sistemas vivos, e conservariam informações sobre a forma e a estrutura que não são contidas no DNA. Inútil dizer que, esta teoria certamente compatível com a complexidade, não é de forma alguma dominante na biologia contemporânea, embora suscite um interesse e um consenso crescentes.

meio desconhecido que possibilite o envio destas informações³⁰. Em síntese, este primeiro problema é um problema físico (qualquer comunicação tem um aspecto físico) e biológico (o ser humano, talvez o animal, talvez o ser vivo, talvez qualquer sistema, envia informações sem meio físico ou por um meio físico não conhecido).

O segundo aspecto enigmático refere-se à possibilidade que existam leis relativas aos sistemas familiares humanos; aqui entramos em um campo de discussão que abrange todos os conhecimentos científicos atuais. Com efeito, se é verdade que estas leis existem, podemos começar a aceitar a visão complexa sobre a necessidade de reunificar as áreas científicas especializadas partindo de um empirismo que antes não existia; por que sistemas emergentes dos sistemas vivos não deveriam estar sujeitos a leis como a matéria está sujeita à gravidade? A separação ontológica entre homem e natureza produziu o erro inicial que separa as ciências exatas de um lado e as ciências humanas do outro, as primeiras buscando explicações deterministas e as segundas buscando compreensão incerta. Segundo Morin (2005c, p.166) “hoje, vivemos talvez uma disjunção muito forte entre uma cultura subcompreensiva (científico-técnica) e uma cultura subexplicativa (humanista)”. É claro que as leis de sistemas complexos não se apresentam como os fenômenos estudados na física e na química, não apresentam o mesmo nível de determinismo e precisam, principalmente, de um método que ainda não existe, que não reduza os fenômenos observados a elementos isolados que não podem explicar o todo. Em algumas disciplinas das ciências humanas, por exemplo na economia, em algumas correntes da psicologia ou na sociologia estruturalista, é explícita a intenção de tratar os fenômenos sociais e humanos por meio de uma abordagem semelhante à das ciências exatas, mas a que custo? Aplicando métodos reducionistas a realidades de elevada complexidade, é preciso reduzir esta complexidade a um ou poucos de seus aspectos e tratá-los de modo holista e estatístico, ou ainda matemático ou excluindo os casos isolados, a subjetividade e a conexão com outros aspectos que poderiam conferir sentidos e interpretações diferentes.

Galileu afirmava que a natureza é interpretável pela linguagem matemática, mas qual natureza? É possível que os sistemas humanos, como parte da natureza complexa, funcionem segundo leis, talvez não matemáticas? Newton observava os efeitos da gravidade como qualquer ser humano os observa há milhares de anos, mas foi o primeiro a pensar que aquele fenômeno obedecia a uma lei que o intelecto humano traduz em uma equação; é plausível a hipótese de que Hellinger vê os efeitos das leis sistêmicas familiares – os destinos das famílias e de seus membros que todos nós experimentamos – e os revela por meio de um método

30 Alguns consteladores acreditam que este suporte seja o campo mórfico teorizado por Sheldrake.

heurístico³¹? Eu quero lembrar aqui, aproveitando do exemplo de Newton, que a gravidade não é completamente explicada e de forma alguma compreendida; é uma propriedade da matéria que se manifesta sem comunicação física entre os objetos³² e é traduzida em linguagem matemática, mas não sabemos por que existe, como funciona e por que obedece a esta lei; apenas sabemos que existe e produz seu efeito, muito pouco para uma ciência exata, mas, apesar disso, foi suficiente para destruir a física aristotélica e revolucionar os conhecimentos humanos. Da mesma forma, é lógico pensar que não é preciso necessariamente explicar os empirismos observados nem ter uma compreensão completa deles para usá-los em novas pesquisas e construir novos conhecimentos; mais do que isso, lembrando as contribuições de Feyerabend³³, deveria ser mais promissor o estudo de um campo inexplorado e, por isso, não completamente compreensível ou explicável. A linguagem que interpreta a natureza complexa dos sistemas familiares, não é certamente a matemática, que parece funcionar bem com a complexidade física, química e biológica em parte, mas sim uma outra lógica formal, muito mais complexa, que é feita de um simbolismo ligado ao corpo humano, às emoções, à posição relativa a outros familiares, à condição de vida dos nossos ancestrais e certamente a outros elementos ainda desconhecidos.

As supostas leis sistêmicas familiares abordam os fenômenos humanos sob vários pontos de vistas sem reduzir ou subordinar uns a outros; a dimensão indivíduo / espécie / sociedade se mantém em sua complexidade dialógica, pois, como veremos no capítulo 2, a consciência do indivíduo está a disposição de lógicas culturais e morais vindas da consciência social e, ao mesmo tempo, de necessidades evolutivas que originam-se da condição de existência de nossa espécie. As dimensões emotiva, racional, subjetiva, sexual, existencial, psíquica, biológica, familiar, social, religiosa e tanatológica dos indivíduos envolvidos em uma representação estão em jogo e, não podendo ser consideradas de forma analítica, sintetizam um evento sempre único e diferente em seu conteúdo e sempre constante e igual em sua forma: a representação sistêmica. Sendo assim, nenhuma disciplina científica estaria

31 Um procedimento heurístico aproxima-se à solução de um problema sem seguir um percurso claro e definido, não se preocupa em esclarecer todas as variáveis de uma experiência e representa o oposto de um método algorítmico.

32 Com efeito, não há comunicação entre os objetos que se atraem, e a força é transmitida instantaneamente; a física relativística afirma, como hipótese, que o espaço ao redor de grandes concentrações de massa é distorcido, porém, foi só em 2002 que Fomalont e Kopeikin mediram a velocidade da gravidade em uma perspectiva relativística, produzindo resultados ainda não aceitos pela comunidade acadêmica.

33 Feyerabend em seu “Contra o método” (2008) demonstra que a ciência é um empreendimento essencialmente anárquico e, juntando exemplos históricos com reflexões epistemológicas, afirma que, para inovar nossos conhecimentos, podemos seguir hipóteses que contradizem teorias bem confirmadas, usar raciocínios contra-indutivos e que a uniformidade danifica o indivíduo e o progresso da ciência.

isenta de uma pequena ou grande revisão se estas informações e modalidades de conhecimento fossem disponíveis, ao menos como hipóteses de trabalho.

Enfim, para encerrar este segundo assunto, devemos lembrar que a ideia de leis que regem nossas escolhas de vida seria percebida, pela moral comum de pessoas inseridas e educadas no sistema social moderno que exalta o individualismo, como uma limitação à nossa liberdade ou, dito de outra forma, nos obrigaria a reavaliar nossa ideia de livre arbítrio. Neste caso nos deparamos com um problema que não é apenas científico, pois a ciência recusa-se a enfrentar questões acerca do sentido das coisas e nem possui instrumentos para tanto, mas é principalmente existencial e religioso, isto é, que nos (re)liga ao sentido básico que atribuímos ao real e à existência. Em outras palavras, dizer que nossas escolhas dependem de condições (enraizamentos) físicas, biológicas, psíquicas, etc. e de retroações (emergências) sociais, familiares e psicológicas, enfraquece a moral do *self-made-man*, a qual chega ao extremo em determinadas condições sócio-culturais, mas, essencialmente, está à base da modernidade que domina todas as sub-culturas existentes.

O terceiro aspecto problemático é, na realidade, uma extensão do segundo que acabei de apresentar e se refere à eficácia das representações, isto é, à verificação das soluções sistêmicas que são propostas durante a conclusão de uma constelação. Este assunto não é tratado de forma científica, até onde eu sei, por nenhuma publicação de Hellinger ou de outros colaboradores pois na área de onde se originam as constelações, as demonstrações definitivas e comprovadas são quase irrelevantes, se privilegiando outros efeitos e diferentes formas de avaliar os resultados. Para enfrentar brevemente este assunto lembramos, de início, que a estrutura cognitiva cria dados inexistentes e ignora dados evidentes para se autodefender, gerando assim um descompasso entre as evidências e os métodos ou os raciocínios que as avaliam; quando alguém pergunta a Hellinger se verifica as consequências das representações para não ter dúvida sobre a eficácia da técnica, ele responde perguntando por sua vez se, apresentando dados comprobatórios, a dúvida seria resolvida; é uma forma provocatória para evitar um longo e complexo discurso sobre as evidências e o empirismo; de fato, apesar da fé que colocamos na liberdade de usar nosso raciocínio, é mais realista admitir que quem quer acreditar acredita e quem por princípio se recusa, não acredita, sendo muito pouco úteis dados empíricos³⁴.

Para os fins deste trabalho, limito minhas observações a questões sociológicas e epistemológicas e reconheço que é extremamente difícil avaliar um fenômeno complexo por

34 Hoje em dia existem ainda criacionistas que acreditam que os fósseis foram colocados em baixo da terra por Deus para testar nossa fé; a lógica deste sistema de ideias é imune a qualquer empirismo. Sabemos reconhecer qual é a imunidade de nosso sistema de ideias?

meio de métodos reducionistas, como, por exemplo, uma avaliação biomédica da condição do paciente antes e depois a constelação. Posso acrescentar que é opinião comum, no mundo das representações familiares, que a configuração que se alcança no final da experiência se reflita nas relações familiares reais, consistindo concretamente em um melhor bem-estar entre os familiares, em resoluções de conflitos relacionados a adoções, divórcios e separações, em curas de doenças psicofísicas e em um crescimento da consciência (*consciousness*, não *awareness*) do cliente; ainda assim, volto a afirmar que uma avaliação dos resultados da constelação familiar como técnica terapêutica não pertence aos meus objetivos e necessitaria de uma nova mentalidade e extensas pesquisas qualitativas que sejam capazes, no mínimo, de relacionar de forma complexa as várias dimensões humanas que confluem no fenômeno observado.

A constelação familiar pode ser considerada um método complexo por outros motivos além daqueles evidenciados até agora. Em primeiro lugar é uma atividade prática que produz uma grande quantidade de conhecimentos pontuais, as soluções encontradas em cada representação, e poucos conhecimentos teóricos ou induções gerais; isso é devido à própria técnica que se baseia sobre a capacidade de detectar informações fornecidas pelos representantes sem interferências de teorias prévias. Mesmo quando se consegue, após anos de provas, encontrar dinâmicas repetitivas, que na verdade podem ser reconduzidas a apenas três leis sistêmicas, o conhecimento destas regularidades é irrelevante durante o desenvolvimento de uma representação, pois a maneira pela qual estas regras e dinâmicas se manifestam em cada família varia e deve ser desvendado baseando-se sobre os dados empíricos; na melhor das hipóteses, o conhecimento teórico encurta o tempo de uma representação ou do treinamento para se tornar condutor. O conhecimento e a ação estão ligados recursivamente, e se desenvolvem ao mesmo passo, sem que um prevaleça sobre o outro; a complexidade desta dinâmica reside na possibilidade de se manter aderente à realidade fenomênica sem que um sistema de ideias possa interferir na percepção dos eventos e distorcer sua interpretação.

A explicação → compreensão dos eventos de uma representação tende a ser recursiva, isto é, a ligar os dois conhecimentos ciclicamente, seja no decorrer de uma representação, seja no desenvolvimento do método ao longo dos anos: durante uma representação, quando se consegue relacionar um fenômeno familiar a uma dinâmica específica, estamos indicando uma causalidade complexa que, de alguma forma, explica os

acontecimentos analisados; a compreensão³⁵ inicia com o aceitar que não podemos compreender, de início, o sentido profundo das leis da *physis* (ver exemplo da gravidade); esta abordagem empirista e fenomenológica permitiu o desenvolvimento do método sem cair em perigosas interpretações baseadas em poucas evidências. À medida em que as evidências se acumularam, cresceu a possibilidade de lançar hipóteses mais inteligentes sobre a origem das regras sistêmicas familiares e, assim, desenvolver o lado compreensivo nesta área; estas hipóteses permitem, em um contexto reflexivo como este trabalho, certamente não durante uma representação, juntar ainda mais o ciclo explicação → compreensão e estender seus resultados.

Um outro aspecto complexo das constelações familiares refere-se à sua alta capacidade de suportar as incertezas; ao contrário de quanto acontece com as teorias científicas que não sabem incluir a dimensão incerta da *physis*, o método aqui analisado inicia com uma postura intelectual, emocional e existencial, que descrevemos com o termo “abordagem fenomenológica”, que inclui desde a primeira observação a possibilidade de erro, de imprecisão e de incompreensão. Podemos imaginar a prática de conduzir uma representação como a habilidade de entrar em um lugar desconhecido e escuro que precisamos iluminar com um número limitado de tochas; não é possível conhecer completamente este lugar, mas podemos iluminar uma parte dele, melhor se uma trilha, que permite ter uma ideia mais clara sobre o lugar como um todo, se necessariamente chegar a este ponto. Com efeito, durante a constelação nós nos deparamos com eventos terríveis, suicídios, doenças graves, mortes precoces, e não podemos ter a presunção de compreender ou explicar estes fatos na soma de suas dimensões complexas; observamos um número limitado de fatos e abrimos o caminho para uma possível explicação sistêmica do problema que se quer resolver, deixando para trás uma grande quantidade de relações, dinâmicas e eventos que não podemos incluir na experiência. Ainda assim, no meio de toda esta incerteza e se aceitamos o empirismo da constelação (o que é também uma incerteza), reconhecemos claramente a origem sistêmica de um emaranhamento familiar.

Além disso, a constelação ajuda as pessoas a reconhecer e aceitar o grau de incerteza que existe em nossa vida e a evitar de atribuir finalismos ou culpas inexistentes a eventos aleatórios. Por exemplo, quando uma mulher morre ao dar à luz o filho, é muito comum que este se sinta incapaz de receber a vida com plenitude porque sente-se responsável inconscientemente pela morte da mãe; a dinâmica pode ser imaginada ou racionalizada ao ver que tipo de vida conduz o indivíduo em questão, mas durante uma representação a dinâmica é

35 Vou tratar deste assunto no capítulo 3.

visível, não precisa de interpretações e supera qualquer moralismo ou julgamento que dependem do contexto cultural.

Capítulo 2: Origem das ordens sistêmicas e cibernética da família

Neste capítulo apresento uma embrionária interpretação do significado das regras sistêmicas que regem os sistemas familiares humanos. Não é supérfluo lembrar que, primeiramente, considero a visão da condição humana que se manifesta no paradigma da complexidade como chave de leitura desta primeira tentativa de compreensão das ordens familiares; além disso, volto a afirmar que considero o empirismo das práticas estudadas como um âmbito de pesquisa que vale a pena investigar; não aceito incondicionalmente todos os seus resultados e implicações, mas não me recuso a observar tudo isso com a disponibilidade para reconhecer eventualmente os meus limites cognitivos. Feita essa premissa, preciso reapresentar as três ordens familiares; não existindo uma codificação unânime ou uma definição fechada, as indico agora com três palavras: ordem, vínculo, compensação.

A ordem é a hierarquia, é a necessidade de que cada membro do sistema esteja em uma relação precisa com todos os outros; vimos que os pais ocupam o primeiro lugar, portanto todos os antepassados ocupam o lugar mais importante à medida que se afastam no tempo, e que os filhos estão subordinados aos pais. Vimos também que os elementos menos importantes, os filhos, são sacrificados pelo sistema quando seu sacrifício salva a vida de um genitor, quando um deles, por outras razões sistêmicas quer seguir um morto. Estas dinâmicas, que podem parecer arbitrárias, em uma visão complexa adquirem todo um outro significado; temos que lembrar que “a família é bem mais que um núcleo de reprodução biológica: é uma placenta cultural, uma célula sociológica, e, com base nisso, é plenamente uma instituição bio → cultural” (MORIN, 2005b, p.462) e que é o sistema humano principal onde retroagem as regras da sexualidade que uma cultura inventa.

Se pensamos de forma evolutiva o surgimento das primeiras organizações sociais da sexualidade (regras de parentesco e tabus), podemos imaginar que suas características servissem para a defesa e sobrevivência do sistema social como um todo. Assim, a possibilidade de perder um filho tem menos consequências negativas da possibilidade de perder um genitor, ou seja, de limitar a procriação e a promoção da espécie e da sociedade. É apenas uma hipótese, mas é legítimo pensar que por centenas de milhares de anos, após o

processo de hominização, mas muito antes da diáspora da espécie no planeta, em uma fase de ajustamento da evolução cultural, os sistemas familiares emergentes que apresentavam esta hierarquia sobreviviam mais e se adaptavam mais a esta lógica (princípio da eco-evolução).

Da mesma maneira podemos imaginar que, em uma época ainda mais antiga, os pequenos agrupamentos de *homo sapiens* conseguiam se manter vivos se juntando e evitando a exclusão dos seus indivíduos. Devemos pensar, dado que não sabemos ao certo como atuam estas imposições sistêmicas, que de alguma forma os grupos humanos cujo comportamento impedia o afastamento de seus membros eram mais fortes e tinham mais chances de continuar a existir e que, ao mesmo tempo, por iniciativa de indivíduos ou do grupo como um todo, a inclusão de todos era preferida e conquistada. O equilíbrio entre o dar e o tomar também pode ser explicado \rightarrow compreendido no mesmo contexto: um grupo primitivo que começa a apresentar uma emergência cultural cada vez mais autônoma (e, portanto, retroagente) consegue se manter unido se todos ganham com essa união, assim o equilíbrio entre as trocas, de comida, de cuidado, de informações, etc., torna-se fundamento das relações sociais do grupo.

Reorganizando estas hipóteses, podemos dizer que a necessidade de vínculo entre todos os membros e o equilíbrio entre o dar e o tomar, parecem surgir em uma época mais antiga da evolução cultural ou ainda bio \rightarrow cultural, dado que a passagem de uma para outra não acontece em um dia. Em seguida, estas regras básicas se transferem para os grupos de menor tamanho que se organizam ao redor das regras culturais de reprodução, a família; a família adquiriu com certeza inúmeras formas ao longo da evolução humana, como demonstra a antropologia e uma análise de todos os tipos de convivência familiar contemporâneos. O que é importante aqui, não são as práticas familiares ou os tipos de organização familiar que variam de cultura para cultura; as regras sistêmicas se estruturaram muito provavelmente em épocas remotas, quando a emergência social e cultural, bem visível nos mais primitivos dos grupos conhecidos nos últimos quinhentos anos, eram ainda inexistentes.

A família surge como “nova ordem organizadora supra-individual” (MORIN, 2005b, p.151) e está diretamente ligada a uma estratégia evolutiva bio \rightarrow cultural porque é o ponto de contato entre os indivíduos e sua espécie; centro da vida sexual, a família emerge e se autonomiza no seio da organização cultural e estas duas instâncias, em sociedades compostas por poucas centenas de indivíduos, retroagem contemporaneamente sobre os indivíduos e se complexificam de forma simbiótica. Incrivelmente Morin, partindo de um ponto de vista intelectual e provavelmente desconhecendo as representações familiares, chega a uma visão da sexualidade e da família perfeitamente compatível: “a sexualidade não liga unicamente de

modo provisório (acasalamento), mas também de modo duradouro. O vínculo sexual torna-se um fundamento não só do casal, mas da relação social. O casal permanente torna-se uma identidade de duas cabeças que tem o seu egocentrismo, a sua identidade, o seu *ethos* para si, embora cada indivíduo conserve a plena qualidade de sujeito. A sua unidade retroage sobre os dois parceiros e a progenitura” (MORIN, 2005b, p.242). Assim, a necessidade de não excluir e de compensar o que se dá ou se recebe, transferem-se para o grupo familiar que, por sua vez, apresenta sua própria ordem básica, a hierarquia; assim emerge, imprevista, irreduzível e indedutível, a cibernética da família do *homo sapiens*.

O próprio Hellinger (2006a, p.101), só depois de anos de prática, ousou esboçar uma interpretação das regras sistêmicas familiares que é semelhante àquela que acabei de formular; segundo ele, a consciência humana é um órgão psíquico que serve para nos identificar com um grupo (família, nação, cultura, etnia) e existem duas formas de consciência fundamentais: a consciência arcaica e a consciência moral. A primeira é responsável pelo surgimento das três regras básicas segundo modalidades semelhantes àquelas que propus, enquanto que a segunda, de desenvolvimento mais recente na história da humanidade, serve para se identificar com um grupo social definido e elimina os desvios por meio da ação sobre os sentimentos individual de inocência e culpa; poderíamos dizer, e aqui entramos em uma linguagem complexa, que a segunda consciência se manifesta quando a autonomia do nível sociológico cresce e impõe sobre suas partes a necessidade de eliminar os desvios. Este comportamento coletivo é facilmente observável nos códigos morais que regem as organizações sociais e é objeto dos estudos sociológicos desde o início da disciplina; mas qual é seu sentido e origem? Se a primeira consciência se desenvolve com as modalidades que imaginamos por uma necessidade evolutiva, que tipo de necessidade produziu a consciência moral?

O pensamento sistêmico ajuda em parte a responder à pergunta porque nos fornece o conceito de emergência que não necessariamente precisa de uma finalidade; assim podemos imaginar que os grupos sociais mais estruturados apresentam-se como indivíduos de terceiro tipo mais autônomos, com uma noosfera mais autônoma e uma psicofera individual mais sob controle, produzindo sociedades homogêneas que já superaram o teste evolutivo. Podemos ao mesmo tempo formular a hipótese de que a necessidade de uma consciência de grupo com imposições morais, ou seja a separação do comportamento justo do errado, surgiu em consequência de contatos entre grupos diferentes e antagonistas. Podemos imaginar várias outras teorias, mas o que conta é que os sistemas sociais que entraram na evolução histórica

apresentam este segundo tipo de consciência e, segundo Hellinger, esta emergência de terceiro tipo se manifesta nos indivíduos por meio dos sentimentos de culpa e inocência.

Por exemplo, se um jovem quer se casar com uma mulher que não é bem vista pelos pais, precisará enfrentar o sentimento de culpa por dever “trair” seu grupo familiar e fundar o outro; se não for capaz de fazer isso, não poderá sustentar o relacionamento. Este nível de descrição é sistêmico, isto é, refere-se ao empirismo das representações; se observamos o nível concreto, as relações familiares por como se apresentam no dia-a-dia, podemos reconhecer uma grande variedade de fenômenos, geralmente brigas, tensões, acusações, fugas, que representam apenas a *self-deception* que caracteriza a condição humana e esconde as verdadeiras dinâmicas.

Com isso quero argumentar que a combinação da consciência arcaica e moral cria um conflito no momento em que a tendência da primeira é incluir todos e a tendência da segunda é excluir o diferente. As últimas evoluções das constelações familiares ocorrem no âmbito das relações que envolvem vítimas de massacres ou seus descendentes e tornam-se extremamente polêmicas quando Hellinger afirma que os agressores precisam se unir à família das vítimas³⁶; volto a repetir que a evidência sistêmica é esta: nas soluções os representantes dos agressores não se sentem bem em seu sistema de origem e, ao mesmo tempo, aliviam todos os outros representantes quando se unem às suas vítimas. Sob a lente das duas consciências, podemos ver como uma violência exige uma compensação instintiva vinda da consciência moral e, mais em profundidade porque mais ancestral, a consciência arcaica impõe a inclusão dos agressores no grupo das vítima. As duas lógicas se somam de forma complexa e, se adicionamos a racionalidade crescente na cultura judaico-cristã que alicerça a modernidade, podemos vislumbrar a combinação hiper-complexa dos fenômenos humanos de hoje.

Não podemos enfrentar o percurso inverso, olhando com a nossa moral os fenômenos evidenciados nas constelações, pois precisamos reavaliar os nossos valores (MORIN, 2005a, p.142) que não deixam de ser as últimas emergências de emergências mais antigas. Por isso, quando apresentei a constelação familiar e a habilidade do condutor, me referi a ela como uma forma de aceitação sem julgamento dos fenômenos observados; se assim não fosse, não conseguiríamos superar a superfície da nossa moral para descer até lógicas ancestrais misteriosamente gravadas em nossas relações familiares e sociais.

36 Ele afirma "precisam" após milhares de representações; quem não as conhece, interpreta aquele "precisa" como se fosse "é justo que" ou "deve ser assim", gerando incompreensões e polêmicas.

Capítulo 3: Rumo a métodos complexos

Uma última reflexão que quero iniciar ligando a complexidade e as representações é, na realidade, uma hipótese de como poderíamos introduzir novos e necessários saberes na ciência e na sociedade; alguns defensores das revoluções paradigmáticas sustentam a ideia de que não há espaço para o diálogo entre dois paradigmas incomensuráveis, que é preciso esperar que os detentores do saber entreguem seus lugares para os novos detentores de outros saberes. Eu não concordo plenamente com a necessidade desta dinâmica, pelo menos não sempre; temos, com efeito, exemplos do passado que podem ajudar a flexibilizar nossos pontos de vista tendencialmente autocêntricos. Mas muito além disso, espero ter demonstrado na primeira parte, que sabemos, talvez não aceitemos ainda, mas sabemos que o nosso sistema cognitivo nos permite conhecer e nos limita neste conhecimento, que abre e fecha nossas ideias, que seleciona, inventa, distorce e manipula as percepções para que vejamos no mundo o que queremos ver e não o que realmente está nele.

Nossa condição é, assim, muito diferente da de Newton ou Galileu lembrados pouco acima. Porquanto seja difícil aceitar este fato, eu mesmo sei que as ideias que aqui estou propondo poderão parecer ridículas e primitivas no futuro. O que poderia acontecer se a aceitação deste fato fosse o início, e não uma das consequências como é agora, dos nossos conhecimentos? Proponho três rumos que, em uma síntese de tudo o que apresentei até agora, poderiam nos colocar em condições de responder à pergunta.

ACEITAR

Usei várias vezes esta palavra ao longo da monografia e agora preciso conferir-lhe seu significado completo: aceitar é uma forma de conhecimento. Nossa consciência recursiva é provavelmente a emergência mais autônoma que possuímos, portanto é capaz de selecionar os dados empíricos como já vimos; além disso, nossa dimensão moral, isto é, de distribuidores de valores, está sempre presente e separa, quase sempre inconscientemente, os fatos em duas categorias polarizadas. Olhar para o mundo evitando isso é impossível, mas olhar para o mundo *sabendo e admitindo* que isso acontece, abre as portas para uma nova percepção dos eventos e dos fatos. Em outras palavras, aceitar a própria condição limitada de conhecedores

limitados abre possibilidades ilimitadas; com efeito, corresponde a criar um meta-sistema que observa o observador que observa.

Sujeito observador —————> Objeto observado

↳ Sujeito observador]—————> Objeto observado

Esta condição permitiria iniciar a superar a *self-deception* e a considerar mais objetivamente até que ponto nossas ideias nos servem ou nós as servimos, em que medida somos livres de observar o mundo ou se nossa estrutura cognitiva nos obriga a ver o que devemos ver.

Podemos, na prática, saltar de um ponto de vista interno a um externo no momento em que um fenômeno incompreensível fere nossas ideias e produz respostas racionalizadas³⁷ perguntando-nos: este fenômeno é falso ou eu não tenho capacidade para compreendê-lo? Este fenômeno é falso ou eu não posso admitir que seja verdadeiro porque invalida minha concepção do mundo? Este fenômeno é negativo ou eu o julgo assim para os meus interesses? Portanto, aceitar não significa que tudo passa a ser verdadeiro e positivo moralmente, significa ter a disponibilidade de reavaliar continuamente nossa estrutura de conhecimento durante o próprio ato de conhecer.

EXPOR-SE

Esta é uma palavra muito usada por Hellinger e indica uma condição semelhante à aceitação, mas com uma diferença: expor-se é passivo, é um estado de observação onde o esquema de antes não faz mais sentido; quando nós nos expomos ao mundo perdemos a primazia da razão e diminuímos a presença da subjetividade. Expor-se é uma forma de não-conhecimento e está baseada sobre esta observação: culturalmente somos levados a acreditar que o ato de conhecer exige um trabalho, um esforço, uma intenção e nunca pensamos nem sequer na possibilidade de adquirir informações passivamente. A prática da constelação ensina que isto é possível, pois é a condição de existência das intuições que guiam o processo, e se conseguimos reconhecer este nosso limite cultural, desencadeia-se um processo de aprendizagem que disponibiliza conhecimentos diferentes e inovadores.

Na situação atual, imagino que resulte incompreensível um tipo de saber não buscado com trabalho e vontade, portanto deve ser visto como um exercício extremo ou um experimento heurístico; admito que, fora da prática das representações, não conheço nenhum outro âmbito onde pude experimentar a capacidade de se expor.

37 Racionalizar é reduzir o real às categorias da razão, mesmo quando estas são insuficientes e inadequadas.

CONHECER-SE

Não muito diferente do princípio socrático, esta forma de saber é mais do que nunca necessária; a sociedade em que vivemos, fruto do triunfo do reducionismo, nos reduz cada vez mais a compradores, produtores, trabalhadores, estudantes, jovens, idosos, doentes, ricos, pobres, isto é, a apenas uma parte do que nós somos. A capacidade de se conhecer nos permite superar parcialmente a manipulação social que sofremos e, em relação ao conhecimento, abre algumas brechas nas determinações biológicas, culturais e psicológicas que apresentamos na primeira parte. Reconhecer e analisar as estruturas internas de nossa mente, do nosso inconsciente, saber dominar as várias formas de inteligência como dominamos uma língua estrangeira ou uma teoria científica significa ter mais autonomia para decidir que assuntos estudar, que ideais defender e quando é o momento mais oportuno para seguir a lógica do mundo acadêmico e não fazer isso de forma automática. Sem este auto-centramento, deixamos que uma inteligência externa, com outras finalidades, nos use para seus fins.

Não consigo imaginar o alcance deste tipo de saber e suas consequências. Porém, embora não possamos evitar de ser o produto de nossa existência, temos a capacidade de nos tornar mais autônomos observando os processos de nossa computação interna. A liberdade de escolher é apenas uma primeira forma de liberdade que qualquer animal possui; mas escolher nossas escolhas, e isso inclui os nossos saberes, é uma propriedade exclusivamente humana, ainda que fraca e não evidente. Este tipo de autonomia origina-se da única capacidade mental autônoma, a consciência, quando esta dobra-se sobre o sujeito que a produz e observa os processos de sua produção; em qualquer nível da *physis* quando um circuito se fecha, aparece uma propriedade emergente: é possível que a liberdade humana seja isso que estou descrevendo?³⁸

Conhecer a própria interioridade, se expor e aceitar são habilidades que emergem de conhecimentos e experiências heterogêneas e não podem ser reduzidas a uma técnica psicológica ou a uma teoria científica, não podem nem ser avaliadas como geralmente avaliamos os nossos saberes. Admito que possam parecer pouco aplicáveis, para não dizer inaplicáveis, no mundo de hoje, mas isso é apenas um ponto de vista: olhando para o passado notamos como as grandes mudanças paradigmáticas nasceram em condição de marginalidade e subordinação, promovendo sem perspectivas ou resultados imediatos uma outra abordagem ao conhecimento que, eventualmente, tornou-se dominante. Trago um exemplo distante dos

³⁸ Esta é a resposta provisória que dou ao problema da liberdade; a resposta é uma pergunta que indica um novo âmbito de estudo.

assuntos tratados aqui para demonstrar que este fenômeno já está acontecendo: a ideia de *open source* no mundo informático, não é uma ideia informática, é um conceito que reavalia de forma complexa o problema da autoria de uma obra e, em consequência, obriga a revisar as ideias de trabalho, lucro, cooperação, divisão das tarefas, meritocracia e surgiu em um meio extremamente racional e sem profundas reflexões teóricas. O impacto deste fenômeno que observamos na sociedade cresce a cada ano em condições desfavoráveis, porque o contexto favorece velhas teorias e práticas; ainda assim continua a se desenvolver e está transformando o próprio contexto onde nasceu.

Métodos complexos servem para um conhecimento complexo e *vice versa*, assim devemos abandonar a ideia de clareza, de segurança e de certeza porque os primeiros passos para criar um circuito que não é ainda fechado completamente, são teimosos, precisam ser teimosos e devem prosseguir sem muitas perspectivas a curto prazo, caso contrário não darão frutos. A relação entre prática e teoria, entre métodos e ferramentas pode ser complexificada principalmente nas ciências humanas e sociais, pois estas estão ainda abertas a inovações e mudanças.

Conclusão geral

Apresentei, neste trabalho, uma tentativa de conciliar duas áreas distantes, em aparência, mas próximas pela visão complementar que apresentam sobre o ser humano e sua relação com os grupos onde está inserido, principalmente o familiar.

A complexidade forneceu um alicerce científico, embora não convencional, para se aproximar à constelação familiar e elaborar alguns aspectos convergentes e explicáveis apenas por um olhar externo, como a hipótese sobre a origem das leis sistêmicas. No ambiente onde se aplicam com mais frequência as representações, penso que seja pouco provável esperar pesquisas como esta ou outras mais avaliativas, pelo simples fato de que a abordagem fenomenológica e empírica da técnica atrai personalidades orientadas à prática e menos interessadas em explicações teóricas ou avaliações de algum tipo.

Ainda assim, acredito que valha a pena que a pesquisa sociológica se confronte com argumentos desafiadores; não podemos esquecer que, do ponto de vista da complexidade, as ciências sociais humanas representam o ápice da complexidade científica, pois devem estudar o âmbito da *physis* mais evoluído. Abordar assuntos além daqueles mais conhecidos, serve para medir as próprias forças e acelerar a complexificação dos conhecimentos. Devemos, a meu ver, experimentar com mais frequência procedimentos heurísticos, abrir mão de costumes acadêmicos se percebemos que estes são limitantes, aprender mais das outras áreas científicas e, em última análise, pesquisar não apenas a partir de nossa disciplina, mas pesquisar partindo da pesquisa sobre a nossa disciplina.

De fato, estou convencido de que todo sistema humano, seja individual ou coletivo, apresenta um certo grau de *self-deception*, e para iniciar a superá-lo é preciso se estudar de forma reflexiva – no caso dos indivíduos se analisar e se observar enquanto observamos o mundo – e é preciso reconhecer os enraizamentos históricos e o paradigma dominante – no caso de instituições e grupos. Pensando desta forma, a sociologia, muito mais que a epistemologia, é uma área privilegiada para introduzir consciência na ciência, pois é talvez a única que pode olhar para os processos científicos e mostrar todos seus limites, todas suas dependências sociológicas, morais, econômicas e políticas. Paralelamente, uma sociologia que desvenda a origem sócio-cultural da ciência é capaz de reconhecer onde e com que

modalidades os conhecimentos são produtivos e transformadores, isto é, não se limita à crítica, mas sabe orientar os processos com mais liberdade.

Tudo isso não é apenas desejável, mas é necessário em nossa época: estamos precisando de outras tecnologias, de outras leis, de outras formas de trabalho e convívio social. Se pensamos que vivemos em uma época melhor ou mais avançada porque possuímos tecnologia e conhecimentos nunca vistos antes estamos completamente enganados, pois a barbárie, a injustiça e a manipulação do homem pelo homem também alcançaram níveis nunca vistos antes. (MORIN, 2006a) Ao mesmo tempo cresceram as ideias libertadoras, as possibilidades de pensar e de fazer de maneira diferente as quais, tentando amenizar o aumento dos problemas, se desenvolveram e podemos ver uma amostra nos argumentos tratados nesta pesquisa. Portanto é necessário continuar a inovar e crescer mesmo quando o objetivo é incerto ou, talvez, é a própria incerteza dos resultados que permite explorar possibilidades não previstas e mais promissoras.

Referências Bibliográficas

HELLINGER, Bert; TEN HÖVEL, Gabriele. *Constelações familiares: o reconhecimento das ordens do amor*. São Paulo: Cultrix, 2007.

HELLINGER, Bert; TEN HÖVEL, Gabriele. *Il lungo cammino*. Milano: Tecniche Nuove, 2006. (Publicado no Brasil como *Um lugar para os excluídos*. Atman.)

HELLINGER, Bert. *A paz começa na alma*. Patos de Minas: Atman, 2006.

HELLINGER, Bert. *Ordini dell'amore*. Milano: Urra, 2004. (Publicado no Brasil como *Ordens do amor*. Cultrix)

HELLINGER, Bert. *I due volti dell'amore*. Spigno Saturnia: Edizioni Crisalide, 2002. (Publicado no Brasil como *A simetria oculta do amor*. Cultrix)

HELLINGER, Bert. *Il viaggio interiore*. Milano: Tecniche Nuove, 2008. (Publicado no Brasil como *Viagens interiores*. Atman)

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MORIN, Edgar. *O Método 1: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *O Método 2: a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *O Método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *O Método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *O Método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *Cultura e barbarie europee*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2006. (Publicado no Brasil como *Cultura e barbárie europeias*. Bertrand Brasil)

MORIN, Edgar. *I sette saperi necessari all'educazione del futuro*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2006. (Publicado no Brasil como *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez-UNESCO)

FEYERABEND, Paul K. *Contro il metodo: abbozzo di una teoria anarchica della conoscenza*. Milano: Feltrinelli, 2008 (Publicado no Brasil como *Contra o método*. UNESP)